

ISSN – 0553-8467

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 51

ANO 1995

O PENSAMENTO MÍTICO KAYABÍ

Adalberto Holanda Pereira

Instituto Anchietano de Pesquisas
São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignácio Schmitz, S.J. - Diretor

Arthur Rabuske, S.J. - Coordenador para História

Josef Hauser, S.J. - Coordenador para Zoologia

Josafá Carlos de Siqueira, S.J. - Coordenador para Botânica

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 3 secções independentes. **Antropologia, História, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 3 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

Pesquisas publishes original scientific contributions in current western languages.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactorial staff.

Pesquisas is divided into 3 independent series: **Anthropology, History, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

ANTROPOLOGIA, Nº 51

ANO 1995

O PENSAMENTO MÍTICO KAYABÍ

Adalberto Holanda Pereira

Instituto Anchietano de Pesquisas
São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – Brasil

ÍNDICE

Introdução	9
Agradecimentos	11
Grafia das palavras kayabí	12
Abreviaturas	12
Pesquisas sobre a mitologia kayabí	13
1. A origem do Kayabí	15
2. A teimosia do filho da Lua	28
3. A revolta de dois pajés antigos	35
4. O caminho de volta	40
5. A origem dos animais	48
6. A prova de dois moços	52
7. A festa do coró	54
8. Os erros do sogro	57
9. A origem do morcego	60
10. Os jabutis, a onça e a anta	63
11. A cutia infiel	66
12. A origem do pernilongo	67
13. A vergonha do pernilongo	68
14. A mulher infiel	70
15. A posse do fogo	71
16. A origem da Lua	73
17. O homem mata a assombração	76
18. A onça-pintada e o curiango	77
19. A cura do martim-pescador	81
20. A onça-pintada e os outros animais	82
21. O curiango mata a assombração	83
22. A cura do jacarezinho	84
23. A sabedoria de um marido traído	85

24. A pescaria do tuiuí e companheiros	85
25. O sonho dos meninos	86
26. A mulher e a onça-pintada	87
27. A onça come o homem	87
28. O desespero da fome	88
29. A divisão de Kayabí e não-índio	89
30. A origem das plantações	90
31. A moça casa com coró	90
32. A origem do beija-flor	91
33. A onça-d'água come os homens	92
34. A criança vira coró	93
35. A origem do jaú e do peixe-agulha	94
36. A origem da noite	94
37. A origem da paca	95
38. Os urubus levam o homem	95
39. A origem do cuatá e do quati	96
40. A origem da arara-vermelha e amarela	96
41. A origem do caramujo-do-mato	97
42. A volta do marido morto	97
43. A flautinha de osso e o jabuti	98
44. O feitiço da cutia	100
45. A volta de um morto	101
46. Os homens viram tocandira comprida	101
47. <i>Tujarare</i> e o fim do mundo	102
48. A onça persegue o homem	102
49. O filho abobado se perde	103
50. A arara-braba come os homens	103
51. Os jacarés comem os homens	104
52. A descoberta de um grande rio	104
53. O homem e a alma	105
54. A origem do caititu	106
55. Um moço mata a assombração de espora	106
56. O peido da velha	107
57. A origem do inajá	107
58. A comida do quatipuru e do quati	109

59. Os corós matam a moça	109
60. A mulher e os papagaios	109
61. O ciúme do pica-pau-de-cabeça-vermelha	111
62. O pajé vira cutia	111
63. A surra do jabuti	111
64. O marido mata a mulher e o companheiro	112
65. A sabedoria da tucura	112
66. O martim-pescador e o bem-te-vi	112
67. A assombração morre de rir	113
68. Um pai-do-santo carrega uma menina	113
69. A onça mata e come o homem	114
70. Uma assombração joga piolho numa menina	114
71. O piolho e a orelha-de-pau	114
72. A criança-d'água leva as crianças	115
73. <i>Janerup</i> e o macaco	115
74. O homem vira pajé	115
75. A sombra de uma menina	116
76. A mudança de pele de alguns animais	116
77. A dor de cabeça do lagarto	118
78. A arara-amarela e o jabuti	118
79. O caxinguelê e o coró-preto	118
80. A origem da menstruação	118
81. As crianças e o xupé	119
82. O fogo no cabelo da assombração	119
83. A origem do fumo na terra	121
84. Os quatipurus matam o homem	121
85. A menina vira gavião-real	121
86. O sonho de um moço	121
87. A mandioca-mansa do morcego	122
88. O homem efeminado	122
89. O choro dos jacamins	122
90. A correição-vermelha não rouba	123
91. A origem do tatu	123
92. A criança e a fermentação	123
93. A chicha estragada	123

94. A simpatia de <i>Tujarare</i>	124
95. A criança e o bicho-de-cesto	124
96. O passarinho da tapagem	124
97. O homem fica pajé	124
98. A raiva do gavião-real	125
99. A origem do periquito-de-bico-amarelo	125
100. O homem vira mariposa	125
101. A origem do tucunaré	127
102. A festa da saúva.	128
103. <i>Tujarare</i> e o curiango	128
104. O dedo do pitu	128
105. A velha vira mocinha	128
106. A festa do rato	128
107. Os velhos e a rolinha	129
108. A origem da paineira	129
109. O homem e o pica-pau-de-cabeça-vermelha	129
110. A piraíva e o moço	129
111. A assombração e o curiango	129
112. O gavião pega-pinto	130
113. A origem do trovão	130
Vocabulário do texto.	131
Notas	145
Bibliografia	158

INTRODUÇÃO

O Kayabí (kaiabi, Kajabí, cajabí, e cajahí) teve sempre esta denominação, em toda a literatura, desde os primeiros contatos. O Kayabí aceita como autodenominação este nome. Karl von den Steinen diz que a autodenominação seria paruá, mas sem confirmação do Kayabí¹. O Kayabí fala um dialeto tupi.

Datam apenas de 1953 os primeiros contatos do Kayabí com o não-índio; até então, eram "selvagens indômitos".

Em 1955, um grupo kayabí morava acima do salto do rio dos Peixes.

Em 1956, a Companhia Colonizadora Noroeste Matogrossense S.A. (Conomali) estabeleceu a sede da Gleba Arinos entre a margem esquerda do córrego Falcão e a margem direita do rio Arinos: hoje cidade de Porto dos Gaúchos. Não tardou, surgiram outras cidades na região, como Novo Horizonte do Norte, Juara e muitas fazendas. Tudo isto provocou a desintegração e dispersão do grupo kayabí do Tatuí.

Em 1957, algumas crianças kayabí foram levadas para Utiariti, centro de educação da Missão de Diamantino. Já em 1964, eram 35 Kayabí naquele centro de educação.

Em 1960, o missionário jesuíta, João Evangelista Dornstauder, fundou um posto de assistência, junto à aldeia do Tatuí, na margem esquerda do rio dos Peixes, 35 km abaixo do salto. O posto recebeu o nome de P.A.I. Padre Reus².

Em 1966, 31 Kayabí do Tatuí foram levados, de avião, pelos irmãos Villas-Boas para o Parque Nacional do Xingu, contra a vontade do P. Dornstauder e de alguns índios restantes: foi a célebre Operação Kayabí³.

Em 1968, a Funai criou a Área Kayabí pelo decreto nº 63, com a colaboração do P. Antônio Iasi Júnior.

Hoje em dia, os Kayabí do Tatuí são aproximadamente 190, além de alguns poucos desaldeados.

A nossa pesquisa foi feita no Tatuí, de abril de 1992 ao mesmo mês do ano seguinte. Alguns Kayabí do Alto Xingu, de passagem pelo Tatuí, também contribuíram para o nosso trabalho.

Verificamos um constante e progressivo afrouxamento dos elos da tradição do universo mitológico kayabí. Os mais jovens vivem outros interesses.

1 - Steinen, 1894:391; Schmidt, 1942: Grünberg, 1970:117.

2 - Diário do P. Dornstauder: 09.08.60.

3 - Azevedo, Carlos e Mamprin, Luigi. Realidade: resgate de uma tribo: 37-54, 1966. Rio de Janeiro.

Assim, não encontramos um texto mítico único, rígido, seguro e universal. Por estas e outras razões, o nosso texto se reveste de alguma fragilidade e obscuridade.

Não levamos em consideração as possíveis diferenças entre mito, lenda, conto e fábula.

AGRADECIMENTOS

Aos informantes Henrique *Tapirapé*, Paulina Cláudia *Morekatu*, Catarina *Katumait*, Francisco (Chico) *Pasi'yyuu*, Frederico *Kwassia'ri*, Eriberto *Warira*, Marquinho *Tawakatu*, Luciano *Tamanã*, Luís Paulo *Mairowy* (Boroka) e outros, pelo vivo empenho em nos contarem as histórias dos antigos; e a todos que, de uma maneira ou outra, nos ajudaram, deixamos aqui os nossos melhores agradecimentos.

GRAFIA DAS PALAVRAS KAYABÍ

1. Alfabeto kayabí: a e f g i j k kw m n ñ o p r s t u y x.
2. O traço vertical (|) entre duas palavras indica variante dialetal: *'Ywepo|ita'-may|ananã|akararup|ananasĩg|aramanai|yweporem*. Cada uma dessas variantes significa: orelha-de-pau.
3. O apóstrofo (') indica uma pequena interrupção no meio da palavra: *Ita'may*.

ABREVIATURAS

Q.	Quimérico.
L.	Literalmente.
T.M.	Termo mítico.

PESQUISAS SOBRE A MITOLOGIA KAYABÍ

Georg Grünberg (1970:158-172) traz, aproximadamente, 25 textos míticos. Parece ser o maior corpo mítico já publicado sobre o Kayabí, até hoje.

José kayabí (1975:1-60) - São 6 mitos bilíngües, em páginas diferentes. Com assessoria da Sociedade Internacional de Lingüística.

Aurore Monod-Becquelin (1975:173-175) descreve o mito sobre a teimosia da Lua.

Berta G. Ribeiro (1979:197-227) publica 6 mitos em forma de diálogo com o informante Txiravé.

Elizabeth Lins Travassos (1982:301-353) expõe vários mitos.

Eugênio Wenzel (1983:4-6) expõe dois mitos.

Berta G. Ribeiro (1986:265-286) faz referência a vários mitos, apesar de tratar especificamente de desenhos semânticos.

Cláudio e Orlando Villas-Boas (1989:80-116) trazem vários mitos. À páginas 85, os autores colheram o mito sobre o dilúvio. Parece que nenhum outro autor relatou este mito.

1. A ORIGEM DO KAYABÍ

Um dia, *Janerup* (1) estava fazendo urupema (2) com taliscas de taquari-nha (3). Ia fazendo urupema e pensando: acho que já é tempo de me casar! Preciso dar os passos para isso!

Dali a pouco, *Janerup* foi no mato, tirou um bolo de cera (4), fez o bolo virar uma moça (5) e casou com ela.

No outro dia, os dois foram à roça (6). Lá na frente, sentaram um pouco e, nesta hora, a mulher derreteu ao sol quente (7).

★ ★ ★

VARIANTE: Um dia, a sogra de *Janerup* foi buscar água (8) com a filha. Na volta, a filha derreteu na porta da casa (9) .

★ ★ ★

Depois de um tempo, *Janerup* foi ao mato de novo, pegou uma inambuzi-nha (10) e trouxe para casa. Fez a inambuzinha virar uma moça e casou com ela.

No outro dia, os dois foram à roça. Toda hora, a mulher sentava debaixo de uma moita. *Janerup* pensou: esta mulher não presta, não quer fazer nada. *Janerup* foi embora e largou a mulher. Esta também saiu para outro lado.

Agora *Janerup* juntou um montão de talisca de taquarinha, colocou tudo debaixo da rede (11) e foi andar pelo mato mais uma vez. Achou uma velha. Trouxe a velha para casa e casou com ela. Daí para frente, toda vez que ia andar pelo mato, só voltava de noite.

Foi indo, um dia de madrugada, a velha virou coró (12) e foi ficar no meio das taliscas de taquarinha, debaixo da rede.

Ao amanhecer, *Janerup* chegou e disse para a sua mãe:

- Eu vou ao mato buscar mais taquarinha para fazer urupema. Na hora de varrer a casa, não pode varrer essa sujeira aqui debaixo de minha rede!

- Certo!

Janerup saiu e a mãe foi varrer a casa. Enquanto varria, ia pensando: mas, por quê este meu filho não quer que eu varra esta sujeita?! Ah, eu vou aproveitar e varrer tudo isto!

Quando a mãe ia varrendo, viu um corozão enorme, no meio das taliscas. Ela teve até um susto! Meteu a vassoura na barriga do corozão. As tripas espirraram fora e o corozão morreu na hora.

Não demorou, *Janerup* chegou do mato, viu o corozão morto e disse para a mãe:

- Você matou a minha mulher! Acho que você não gostou do meu casamento com ela!

- Mas eu não sabia que era a sua mulher! Eu não sabia!

Janerup tinha uma tia (13), morando muito longe dali. O marido da tia se chamava *Kapino'a*. A tia tinha uma filha em idade de se casar (14). *Janerup* pensou naquela prima e disse para a mãe:

- Mamãe, eu vou viajar para muito longe, procurar uma mulher para mim.

Aqui não tem jeito!

- Tá bom, vai, meu filho!

Janerup arrumou tudo e saiu. Depois de muito andar, avistou uma aldeia. Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia dos rola-bostas (15). Os rola-bostas disseram:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

- Muito bom.

Um rola-bosta falou para a sua mulher:

- Faz beiju (16) para este moço.

- Agora mesmo!

As mulheres começaram a cortar umas bostas (17) para o beiju. *Janerup* ficou só olhando e pensando: ah, é desse beiju que eles querem que eu coma?... Nunca!

Quando o beiju ficou pronto, a mulher entregou ao marido para este oferecer a *Janerup* (18). O marido disse ao entregar:

- Olha aí, come e leva mais para a viagem.

- Ajeita aí, que eu vou levar.

Janerup pegou o beiju e deixou debaixo da rede. No outro dia, saiu levando o beiju. Pegou as suas coisas e continuou andando. Lá na frente, jogou todo o beiju no mato.

Depois de uma boa caminhada, avistou mais uma aldeia.

Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia do povo *Tekwaru* (19). O pessoal disse:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

- Muito bom.

Janerup estava se acabando de fome. O pessoal deu cauim (20) para ele beber, mas foi muito pouco. No outro dia, os homens disseram para as mulheres:

- Vocês precisam fazer mais cauim e dar para esse moço! o de ontem foi muito pouco!

Janerup olhava para todos os lados e não via pilão. Pensava: Mas, onde que essas mulheres vão socar milho-fofo e amendoim para fazer o cauim?!

As mulheres debulharam milho-fofo (21), descascaram o amendoim (22) e colocaram tudo numa peneira. Havia por ali um homem que não parava de andar para lá e para cá. As mulheres disseram para aquele homem:

- Vem aqui: vamos socar este milho-fofo e este amendoim.

- Esperem aí um pouco: primeiro eu vou ao mato.

O homem fez cocô lá no mato e voltou. As mulheres disseram de novo:

- Agora vira a cabeça para baixo e a bunda para cima.

- Já sei.

As mulheres socaram um bocado do milho-fofo e do amendoim: *ti... ti... ti...*, na bunda do homem; depois outro bocado, mais outro, até acabar.

No fim de tudo, o homem foi tomar banho.

Janerup ficou até de boca aberta, olhando tudo aquilo... E pensava: assim que este povo faz cauim?!... Que nojeira! E ontem eu bebi deste cauim! Deste que eu vi fazer, ninguém vai me fazer beber!

As mulheres ainda cozinham o milho-fofo e o amendoim socados, misturaram com batata-doce (23) dissolvida em água e coaram tudo.

As mulheres tiraram uma cabaça (24) cheia de cauim e deram para um homem oferecer a *Janerup*. O homem entregou a cabaça a *Janerup* e mais uma cuia vazia (25) para ele tirar o cauim, e disse:

- Aí você tem cauim à vontade! Pode beber a noite inteira e depois seguir a sua viagem.

À noitinha, todo o mundo foi dormir. *Janerup* começou a tirar o cauim da cabaça com a cuia e jogar fora. De manhã, só restava um pouquinho de cauim na cabaça. *Janerup* disse para o pessoal:

- Eu já vou indo! Já bebi todo o cauim!

- Mas bebe o resto e depois você viaja!

- Não, eu tenho muita pressa! Preciso ir longe e chegar cedo!

Janerup saiu. Apanhou as suas coisas e continuou andando. Lá na frente, viu outra aldeia. Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia do martim-pescador (26). Um martim-pescador disse:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

A filha do martim-pescador queria casar com *Janerup*, mas ele não gostou dela. No dia seguinte, *Janerup* pegou as suas coisas e continuou andando. Lá na frente, viu mais uma aldeia. Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia do povo *Pyrep* (27). O pessoal disse:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo

- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

- Muito bom.

Na aldeia do povo *Pyrep*, *Janerup* viu muito amendoim, mandioca (28), cará (29), milho-fofo, feijão-de-vara (30) e mais outras coisas. *Janerup* olhou assim de lado, viu um pilão e disse:

- Oba, aqui tem pilão! Quem sabe, aqui vou poder comer e beber?!

As mulheres socaram milho-fofo, misturaram com amendoim e cozinhararam. Depois, colocaram batata-doce, coaram e levaram para *Janerup*. Ele passou a noite comendo e bebendo, tanta era a fome. No outro dia, disse:

- Eu já vou indo. - E pegou mais comida e foi saindo.

Um homem do povo *Pyrep* ainda disse:

- Escuta aqui, primeiro: bem ali na frente, estão os Mundurukú (31). Eles matam e comem gente. Cuidado, eh!

- Não tem perigo. Eu sei como me defender.

- É, mas mesmo assim, eu vou com você.

Os dois seguiram e, lá na frente, o homem disse de novo:

- É por aqui...

- Certo.

O homem *pyrep* ficou grudado num pau e *Janerup* seguiu sozinho. Não demorou, *Janerup* avistou a aldeia mundurukú. Deixou as suas coisas, assim de lado, e acabou de chegar. Os Mundurukú disseram:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e deitar aqui nesta redinha. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

Perto da porta da casa do Mundurukú havia um pilão. *Janerup* foi lá, derrubou o pilão e sentou em cima, com arco (32) e flecha (33) entre as pernas.

Nisto, *Janerup* viu também uma mulher, no fundo da casa, torrando farinha de milho-fofo (34) e comendo com pena queimada de urubu (35).

A mulher dizia:

- Eu já estou com fome! Matem logo este homem para eu comer!

Nesta hora, os Mundurukú ficaram assanhados, querendo comer *Janerup* e insistiram com ele:

- Entra para o fundo da casa! Lá existe muita farinha de milho!

- Não, eu não quero ir lá, não!

- Você que sabe.

Lá no fundo da casa já havia até um fogo (36) preparado para jogar *Janerup* dentro. Como *Janerup* não caiu na armadilha, um Mundurukú fez um sinal para os outros cercarem *Janerup*. Mas, este percebeu tudo e disse:

- Eu já vou indo.
- Não, pousa aqui!
- Preciso ir longe!

Janerup pegou arco, flecha e se mandou. Apanhou rapidamente as suas coisas ali na frente e não parou mais. Os Mundurukú correram, cercaram *Janerup* daqui e dali! Pega... não pega... No fim, *Janerup* sumiu. Os Mundurukú conversaram:

- Onde que ele foi?!
- Não vi.
- Por quê você não segurou logo?!
- Ele foi muito rápido.
- Não houve jeito.
- Escapou logo.

Os Mundurukú voltaram para a aldeia e jogaram a farinha de milho-fofo no fogo, já que a mistura escapou.

Mais na frente, *Janerup* avistou mais uma aldeia. Deixou as suas coisas, assim de lado, e acabou de chegar; era a aldeia do Morcego (37). Nisto, já era de noite. *Janerup* entrou numa casa muito grande de morcego e não viu ninguém. O morcego dali estava dormindo em cima, na casa. Quando amanheceu, o morcego apareceu, todo alegre, fazendo festa para *Janerup* e dizendo:

- Você chegou?
- Cheguei.
- Tudo bem?
- Tudo.
- Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

Quando escureceu de novo, o morcego foi dormir outra vez lá em cima, na casa. *Janerup* dormiu sozinho, embaixo. De manhã, *Janerup* saiu da casa, pegou as suas coisas e continuou andando.

Lá na frente, viu outra aldeia. Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia do urubu preto grande. Este disse:

- Você chegou?
- Cheguei.
- Tudo bem?
- Tudo.
- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

O urubu preto grande só comia pena queimada com farinha (38).

O urubu preto grande ofereceu farinha para *Janerup*, mas ele não quis. *Janerup* saiu, pegou as suas coisas e continuou andando, como sempre.

Lá na frente, avistou uma casa. Deixou as suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a casa de uma sucuri (39) muito grande e brava. Havia um homem cuidando da sucuri. O homem disse para *Janerup*:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e sentar. Pousa aqui com a gente e, amanhã, você segue viagem.

Janerup empurrou um pilão dali de perto da porta, sentou em cima e fechou a porta. Nesta hora, a sucuri fez: - *toró... toró... toró...*, com o rabo. *Janerup* foi lá perto da sucuri e ela disse:

- Agora mesmo eu vou engolir você!

O coração de *Janerup* bateu forte, sem saber como escapar da sucuri. Ainda disse, meio tremendo:

- Mas eu tenho aqui comigo pena de gavião (40).

- Isso não é nada para mim.

Nesta hora, o acauã (41) cantou lá fora: *mã... kwã... wã... kwã...* A sucuri se enrolou, de medo, e se escondeu. Nisso, *Janerup* aproveitou e correu. Pegou suas coisas e saiu andando de novo.

Lá na frente, viu mais uma aldeia. Deixou suas coisas escondidas, assim de lado, e acabou de chegar: era a aldeia do povo *Taukwapare'em*, onde morava a tia de *Janerup*. A tia disse:

- Você chegou?

- Cheguei.

- Tudo bem?

- Tudo.

- Vamos entrar e sentar.

Janerup entrou e sentou. Viu a sua prima, fiando algodão (42), deitada numa rede, no fundo da casa. A mãe disse para a filha:

- Dá chicha e comida para este moço.

Janerup comeu, bebeu e descansou. No outro dia, *Janerup* disse para a tia: - Ando procurando uma menina para me casar com ela: pensei na sua filha, minha prima.

- Ela está aí e ainda é solteirinha. Estava mesmo procurando um moço. Pode deitar com ela!

★ ★ ★

VARIANTE: A tia juntou as filhas e mandou *Janerup* escolher uma para casar com ela.

★ ★ ★

Janerup não viu nenhum homem em casa e perguntou:

- Onde estão os homens daqui?

- Saíram para matar outros índios.

- Ah, sim.

Demorou um pouco, *Janerup* foi tomar banho já com sua mulher. Na volta, a mulher mostrou um gavião (43) numa cerquinha, no terreiro da casa, e disse:

- Este gavião é nossa criação e meu irmão. Ele faz: *pu... pu... pu...* Come rato (44) e lagarto-do-mato (45).

- Isso não é gavião: é uma coruja (46). Quer ver?

Janerup encostou a ponta de uma flecha na coruja: ela só mexeu a ponta da flecha com o bico. *Janerup* disse:

- Você está vendo? É assim que coruja faz! E, quando a gente encosta uma ponta de flecha no bico de um gavião, ele faz: *piáu... piáu...*, e bate as asas.

Os dois continuaram voltando para casa. Ainda ali perto, a mulher mostrou um gavião-real (47), num tipo de gaiola, e disse para *Janerup*:

- Este gavião-real é também nossa criação e meu irmão.

- Isso não é gavião-real: é um corujão-do-mato (48). Quer ver?

Janerup encostou a ponta de uma flecha no bico do corujão-do-mato: ele fez: *uau... uau...* *Janerup* disse:

- Tá vendo?! É assim que corujão-do-mato faz!

Nisto, correu um veado (49). A mulher disse:

- Olhe aí um caraíba (50)! Vai matar você!

- Não é caraíba, mulher: é um veado e não mata ninguém; a gente até come.

Dias depois, *Janerup* disse para a sua mulher:

- Vamos à roça buscar mandioca e fazer farinha grossa (51) e farinha fina (52).

- Certo!

Lá na roça, *Janerup* disse ainda:

- Como que vocês daqui carregam a mandioca?

- No braço mesmo.

- A gente agora vai fazer diferente: tirar cipó (53), fazer um xire de carregar (54) e levar a mandioca.

Na hora de tirar o cipó, viram um jacamim (55) e a mulher disse:

- Esse aí é gente: mata gente e come!

- Que nada! é um pássaro. A gente é que mata e come.

Janerup matou o jacamim para a mulher levar.

Janerup já ia descobrindo que, para o povo *Taukwapare'em*, os bichos eram gente.

No outro dia, chegaram o sogro *Kapino'a* e os cunhados de *Janerup*. A sogra de *Janerup* falou para os filhos:

- Este moço chegou aqui e casou com a irmã de vocês.

- Ah, sim.

Houve um pequeno silêncio e *Janerup* perguntou para *Kapino'a* e cunhados:

- E, vocês, onde tinham ido?

- Matar outros índios para fazer festa.

Os cunhados mostraram cabeça de zogue-zogue (56), cuatá (57) e disseram:

- Olha aqui, as cabeças dos outros índios!

- Isso não é cabeça de índio! é de macaco. A gente come.

Janerup abriu uma bolsa de entrecasca de sorveira (58), tirou de dentro uns dentes, mostrou para os cunhados e disse:

- Dente de índio é assim!

Os cunhados mostraram ainda uma ema (59) e disseram:

- Aqui tem também um caraíba.

- Isso não caraíba: é ema. A gente come.

Janerup tornou a abrir a bolsa, tirou de dentro umas penas de ema e disse:

- Pena de ema é assim!

No outro dia, *Janerup* foi matar macaco. Matou uma porção deles e trouxe para a sua mulher fazer mojica (60). A mulher não queria fazer a mojica porque, para ela, o macaco era gente. *Janerup* insistiu que macaco não é gente e, por fim, a mulher fez a mojica. Tirou numa cuia e disse:

- Dá para o pessoal beber.

No começo, ninguém queria beber, de nojo. Mas, depois, todo o mundo bebeu e até gostou.

Nesse tempo, *Janerup* já tinha dois filhos: um menino e uma menina (61).

- Um dia, *Janerup* falou para os cunhados:

- Vamos matar caraíba no campo?

- Vamos, sim.

Para o pessoal dali, caraíba era tuiuí (62).

Quando chegaram ao lugar dos caraíbas, os cunhados não mataram nenhum deles, porque não sabiam como matar caraíba: era diferente de matar macaco. Só *Janerup* matou uma porção de caraíba e, na volta, fizeram festa.

★ ★ ★

VARIANTE: Os cunhados não mataram caraíba porque tiveram medo.

★ ★ ★

VARIANTE: Porque *Janerup* não deixou os cunhados matarem.

★ ★ ★

Os filhos de *Janerup* já falavam. Um dia, *Janerup*, o filho, os cunhados, *Kapino'a* e mais alguns homens foram matar caraíba. Lá no mato acamparam. *Janerup* com mais alguns homens, se prepararam para ir caçar mato a dentro. *Kapino'a*, o filho de *Janerup* e alguns homens, iam ficar no acampamento. Antes de sair, *Janerup* disse baixinho para o filho:

- Fica aqui detrás deste pau; se alguém falar mal de mim, você me conta quando eu chegar.

- Tudo certo.

Não demorou, o velho *Kapino'a* disse:

- A gente precisa matar este meu genro, porque ele não deixou a gente matar caraíba, na outra vez.

Na volta, *Janerup* perguntou para o filho:

- E, então, filho?

- O vovô *Kapino'a* estava dizendo que vai matar você, se você, desta vez, não deixar matar caraíba.

- Muito bem, filho! Agora você sai fora aqui do acampamento e finge cortar o próprio pé.

O filho saiu e logo gritou lá fora:

- Venha aqui, papai, eu cortei o meu pé.

Janerup correu lá, amarrou o pé do menino com uma embira e trouxe para o acampamento.

Kapino'a e os cunhados de *Janerup* disseram:

- Mostra aqui o pé dele.

- Não precisa, amanhã eu vou voltar com ele para casa.

- Você que sabe.

No outro dia, *Janerup* carregou o filho um pouquinho para fora do acampamento, tirou a embira do pé do filho, saiu andando para a aldeia e chegou lá no mesmo dia. Disse para a sua mulher:

- Os seus irmãos ficaram no mato. Amanhã a gente precisa ir à roça buscar milho-fofo verde (63) para fazer chicha e esperar por eles.

- Tá bom.

No outro dia, *Janerup* disse de novo para a sua mulher:

- Você vai na frente. Eu vou primeiro fazer umas flechas, e depois eu vou também.

- Certo.

A mulher pegou um panacum (64) e saiu.

★ ★ ★

VARIANTE: A mulher não quis que o marido fosse junto.

★ ★ ★

A mulher de *Janerup* tinha um quebra-galho. Toda a vez que a mulher ia à roça, o quebra-galho ia atrás por um atalho e, lá na roça, transava com ela. *Janerup* sabia de tudo, mas nunca falava nada. Hoje o quebra-galho foi também, como sempre.

Quando os dois chegaram à roça, a mulher primeiro encheu o panacum de milho verde, no meio do amendoim. Depois, jogou o panacum de lado, e foi com o quebra-galho para debaixo de um pau, no meio da roça.

Janerup acabou de fazer as flechas, bem depressa, e saiu também para a roça. No começo do caminho, viu somente o rasto da mulher, mas lá na frente, viu mais um rasto. *Janerup* entrou, bem devagarzinho, na roça. Logo ali, viu o panacum da mulher jogado, cheio de milho verde. Tudo quieto... *Janerup*

pensou: ué, onde foi aquela mulher?!... Já sei: o quebra-galho veio com ela! mas hoje ele vai ver!... Logo mais *Janerup* escutou uma conversinha e saiu naquela direção. Bem ali, viu o quebra-galho em cima de sua mulher, transando com ela. A mulher ainda viu o marido e ainda disse:

- Deixa a ele!

Janerup não duvidou: tacou uma flechada no quebra-galho. A mulher levantou e falou de novo:

- Você não podia fazer assim!...

- E você também não me respeita! Vive me traindo! - e matou a mulher com uma borduna (65).

★ ★ ★

VARIANTE: *Janerup* matou os dois com uma flechada só e deixou assim mesmo, o quebra-galho em cima da mulher.

★ ★ ★

Janerup cortou o braço da mulher, embrulhou numa folha de pacova (66) e correu para casa, com o braço da mulher. Em casa, bem quietinho, colocou o embrulho do braço numa bolsa de entrecasca de sorveira e deixou na casa, em cima, perto de uma borduna. Fez assim para ninguém desconfiar. O braço ficou pingando sangue.

★ ★ ★

VARIANTE: Deixou o braço em cima de um jirau (67) e foi deitar.

★ ★ ★

Janerup falou para a sogra:

- Você precisa varrer a nossa casa, porque está muito suja. Peço para não varrer debaixo desta bolsa de entrecasca de sorveira.

A sogra foi varrendo e, numa hora, viu um sangue pingando da bolsa de sorveira: *tik... tik... tik...* A sogra disse:

- *Amĩ!* Será que esta bolsa está mofada?!

Janerup acudiu logo e disse:

- Já que você viu, eu vou contar: sua filha vivia me traindo. Eu sabia de tudo, mas fui deixando passar. Hoje, não aguentei mais, e matei a sua filha, lá na roça. Cortei o braço dela e trouxe. Este sangue que você está vendo é de sua filha. Pode ir buscar o corpo dela na roça.

A mãe, meio adoidada, começou a chorar e dizia:

- Coitadinha de minha filha!

Janerup arrumou a rede, o panacum e as outras coisinhas. Depois desceu a bolsa de sorveira com o braço da sua mulher e disse para a sogra:

- Pode entregar para os seus filhos. Eu já vou indo para a minha casa.

- Mas, espera primeiro chegar os seus cunhados!

- Não, eu já vou.

- Deixa aqui os seus dois filhos para eu me lembrar de você!...
- Não, eles vão comigo.

Janerup saiu com os filhos e a sogra ficou chorando.

De noite, os cunhados de *Janerup* chegaram. A sogra contou tudo para os filhos. Eles choraram e disseram:

- Nós vamos atrás daquele nosso cunhado. Vamos matar *Janerup* e trazer os nossos sobrinhos de volta! - e saíram também.

Janerup chegou a um rio grande, tirou a água de uma canoa de casca (68) e saiu atravessando o rio com seus dois filhos.

* * *

VARIANTE: *Janerup* emendou uma flecha na outra, fez um tipo de pinguela, e saiu atravessando o rio.

* * *

Quando *Janerup* ia no meio do rio, os cunhados chegaram também à beira do rio e chamaram:

- Volta aqui com os nossos sobrinhos! Não leve para longe!
- Não, agora eu não volto mais!

Janerup seguiu e os cunhados voltaram.

Quando *Janerup* ia perto de sua casa, teve medo do pai ter esquecido dele e querer matar a ele e aos filhos.

Deixou os filhos escondidos e seguiu sozinho. Chegou primeiro à casa de dois homens bem gordos. Estes acompanharam *Janerup* e chegaram ao porto do pai de *Janerup*. O porto estava bem sujo. Logo mais, apareceu o pai de *Janerup* e disse:

- Você chegou, filho?
- Cheguei, papai, com muita saudade.
- Casou?
- Sim.
- E foi tudo bem?
- Não. Minha mulher não prestava e eu matei.
- E os filhos?
- Um menino e uma menina: deixei lá atrás.

O pai de *Janerup* colocou o filho no colo e chorou. Saíram e foram buscar as crianças. O pai de *Janerup* colocou também as crianças no colo e *Janerup* disse para as crianças:

- Vocês não podem chorar! é o avô de-vocês!

Nesta hora, o avô chorou de novo. De volta, na aldeia, *Janerup* contou toda a história de seu casamento para o pai e sua mãe.

Daí para frente, todo o dia, *Janerup* ia sondar na estrada, em cima de um pau, para ver se os cunhados vinham vindo.

* * *

VARIANTE: Ia sondar na beira do rio e deixava um sinal, indicando o rumo da casa de seu pai.

* * *

Nisto, o pai de *Janerup* resolveu aumentar o seu pessoal para se defender dos cunhados de seu filho. Assim, um dia disse para o filho:

- De madrugada, tem sempre uma jacutinga batendo asa ali perto.
- Tá bom, amanhã eu vou sondar.

No outro dia, de madrugada, *Janerup* levantou e foi ver. Lá na frente, chamou jacutinga: veio todo o tipo de jacutinga de cabeça branca e sentou perto de *Janerup*. Este disse:

- Eu preciso de vocês.
- Tá bom.

Janerup fez as jacutingas virarem gente e trouxe para casa. Esse pessoal fez as casas.

No outro dia, o pai de *Janerup* disse de novo:

- Ouço sempre alguma coisa puxando cipó.
- Tá bem, amanhã eu vou sondar.

No outro dia, de madrugada, *Janerup* levantou e foi ver. Lá na frente, viu o cipó e disse:

- Eu preciso de você.
- Tá bom.

Janerup fez o cipó virar gente e trouxe para casa. Esse pessoal fez as casas também.

Hoje, o pai de *Janerup* disse:

- Ouço sempre um bicho roendo taquarinha-de-flecha: *to... to... to...* (69).
- Tá bem, amanhã eu vou sondar.

No outro dia, de madrugada, *Janerup* levantou e foi ver. Lá na frente, viu a taquarinha-de-flecha e disse:

- Eu preciso de você.
- Tá bom.

Janerup fez a taquarinha-de-flecha virar gente e trouxe para casa. Esse pessoal fez as flechas.

O pai de *Janerup* tornou a dizer:

- Escuto sempre porco-queixada (70) ali perto, sujando a água no córrego.
- Tá bom, amanhã eu vou sondar.

No outro dia, de madrugada, *Janerup* levantou e foi ver no córrego. Lá na frente, viu um monte de porco-queixada e disse:

- Eu preciso de vocês.
- Tá bom.

Janerup fez os porcos-queixada virarem gente e trouxe para casa.

Assim, foi a mesma coisa com o tucaninho (71), que vivia cantando, bem cedinho: *tra... tra... tra...*; com o caititu, que vivia comendo mandioca na roça alheia; com a cobra que, depois de virar gente, fez as flechas; com o macaco, dormindo em cima da casa; com o jabuti (72), andando ali por perto; com o cachorro-do-mato (73), comendo amendoim e, que depois de virar gente, fez flecha também.

Agora, já tinha muita gente na aldeia de *Janerup* e de seu pai.

Os dois ensinaram toda a gente a falar na língua kayabí, a fazer panacum, festa (74), moijica, arco, colocar mandioca na água, matar peixe com flecha, e, por fim, fazer canoa, panela-de-barro (75), tacho-de-barro (76) e tudo o mais.

Passou um tempo e, um dia, os cunhados foram novamente atrás de *Janerup* e de seus sobrinhos. Levavam um montão de flecha. Chegaram à beira do rio e conversaram:

- Parece que *Janerup* aumentou o povo dele.
- Eu acho que não, porque a estrada está do mesmo jeito.
- Vamos ver.

Por sua vez, *Janerup* saiu da aldeia com o seu pessoal para limpar a estrada até o rio e viu os cunhados na beira do rio. O sol ainda estava alto naquela hora, mas como *Janerup* era pajé, fez o sol entrar depressa e escurecer.

Janerup voltou para a aldeia com o seu pessoal. Nisto, os cunhados atravessaram o rio e pousaram perto da aldeia de *Janerup*, pensando em atacar qualquer dia, de madrugada.

Janerup veio novamente ver a situação dos cunhados. Chegou até perto do acampamento deles, já do lado de cá do rio. *Janerup* subiu num pau e ficou sondando, em pé. Os cunhados falavam:

- Desta vez, a gente mata *Janerup* e traz de volta para casa os nossos sobrinhos!

- É, ele não escapa!

Lá em cima do pau, *Janerup* virou um rato. Desceu e passou por debaixo das redes do pessoal dos cunhados. Todo o mundo pensou que era um rato de verdade. *Janerup* se afastou um pouco, virou gente de novo e voltou para a aldeia. Ali todo o mundo perguntava:

- Onde você foi?
- Sondar o pessoal dos meus cunhados.
- E, então?

- Chegaram à beira do rio, atravessaram e estão acampados já do lado de cá. Falaram que vão vir matar todo o mundo daqui.

Naquela noite, ninguém dormiu. No outro dia, *Janerup* disse:

- A gente vai ter que fazer guerra mesmo!

Na madrugada do dia seguinte, os homens se juntaram e saíram em fileira, cuidando para não machucar um ao outro. Naquela hora, não fazia barulho nas folhas, quando andavam. O pessoal de *Janerup* era mais forte (77) e mais numeroso que o pessoal dos cunhados.

O pessoal de *Janerup* chegou ao acampamento dos cunhados e encontrou todo mundo dormindo: atacou e matou todo mundo. Era bem na hora da jacutinga bater as asas (78).

Na aldeia, de volta, *Janerup* falou para aqueles dois homens gordos:

- Agora vocês podem casar com a minha filha.
- Não, ela é nossa neta. Os dois irmãos podem casar entre si.
- Ah, sim (79).

Todo o pessoal de *Janerup* voltou a ser o que era antes.

2. A TEIMOSIA DO FILHO DA LUA

A Lua (80) teve dois filhos gêmeos: *Me* e *Kuewma'up* (81). A mãe morreu de parto. *Kuewma'up* era o mais velho. *Me* era sempre muito teimoso.

Um dia, a avó de *Me* e *Kwema'up* mandou jogar os dois netos no mato, para morrerem lá mesmo. Mas, como os dois meninos eram pajé, se viraram sozinhos e não morreram.

A avó vivia triste e morrendo de saudade da filha, a mãe de *Me* e *Kwema'up*. Foi indo, os parentes resolveram fazer uma festa para alegrar a avó. Quando os homens corriam com a flauta-de-pã (82) na festa, *Me* e *Kwema'up* chegaram e entraram também na festa. Ninguém reconheceu os dois. Somente no terceiro dia da festa, viram que eram *Me* e *Kwema'up* e levaram os dois para a avó ver. A avó, quando viu os netinhos, exclamou:

- Meus netos!...

Agora, os netos ficaram na aldeia e cresceram ali mesmo. Na idade dos netos caçar e pescar, a avó vivia dizendo:

- Vocês não podem caçar e pescar para baixo.

A avó falava assim, porque sabia que os pais dos dois netos moravam para baixo e, se um dia, o pai topasse com os filhos, ia levar os dois para o lugar das almas.

Mas, foi indo e, um dia, os dois irmãos perguntaram para a avó:

- Vovó, por quê a gente não pode pescar e caçar lá para baixo?
- É porque para lá existe muita cobra.
- Ah, sim.

Escureceu e os dois meninos foram deitar. De madrugada, *Kwema'up* escutou um mutum-cavalo roncar: *ũ... ũ... ũ...*, no mato, rio acima. *Kwema'up* acordou *Me* e disse:

- Há um mutum-cavalo roncando lá no mato.
- Ah, é?! Então vamos matar!

Na mesma hora, os dois saíram, subindo o rio. Ainda escuro, viram o mutum-cavalo no poleiro. Quando ia clareando o dia *Kwema'up* apontou uma flecha para o mutum-cavalo. Nesta hora, o mutum-cavalo falou:

- Não me mate! Eu tenho uma coisa para dizer a vocês.

- Então, fala!

- O pai de vocês mora lá para baixo!

Kwema'up baixou o arco com a flecha. Os dois voltaram para casa e a avó perguntou:

- Tão cedo assim?! O que foi?

- O mutum-cavalo falou que o nosso pai mora para baixo. E é por isso que você não quer que a gente ande para o lado de lá.

A avó ficou meio atrapalhada e mudou de assunto.

Os dois irmãos arrancaram mandioca e colocaram na água. Quatro dias depois, tiraram a mandioca da água, prensaram e torraram. No outro dia, cedo, arrumaram o resto das coisas e desceram o rio de canoa. A avó ficou chorando.

Quando escureceu, os dois estavam na boca de um correção e pousaram ali mesmo. Cedo do outro dia, seguiram a viagem. Pousaram mais uma vez e seguiram. Pela tarde, embicaram no porto do pai. Este estava deitado, olhando pela porta. A casa era podre e toda caindo. *Me* foi logo dizendo:

- Esse nosso pai é preguiçoso.

Os dois acabaram de chegar, embicando a canoa.

★ ★ ★

VARIANTE: A Lua matou a própria mãe e foi embora, abandonando os dois filhos: *Kwema'up* e *Me*. Um dia, de madrugada, escutaram um mutum-cavalo roncando: *ũ... ã... ã...* Os dois saíram para matar o mutum-cavalo, e não avisaram nada para ninguém. Encontraram o mutum-cavalo no poleiro, mas logo voou. Os dois foram atrás, mas quando chegaram perto de novo, o mutum-cavalo tornou a voar. E foram assim até o mutum-cavalo atravessar um rio. *Kwema'up* enfiou uma flecha na outra, e fez um tipo de pinguela. Atravessou por ela o rio, apoiando ainda em dois paus. *Me* ficou com medo e não atravessou o rio. Quando *Kwema'up* viu o mutum-cavalo de novo, este tornou a voar e foi sentar no terreiro da Lua. *Me* venceu o medo, atravessou o rio também, e os dois chegaram à casa do pai.

★ ★ ★

O pai reconheceu logo os filhos e disse:

- De onde vocês vieram?

- De cima, de nossa avó.

- E como chegaram aqui?

- O mutum-cavalo disse que você é nosso pai.

- Certo, meus filhos! E a mãe de vocês?

- Morreu quando a gente nasceu.

De um lado, o pai ficou triste, por causa da morte de sua antiga mulher e, por outro lado, alegre, porque os filhos chegaram. O pai já tinha outra mulher. No outro dia, a madrasta de *Kwema'up* e *Me* colocou dois caroços de feijão-de-

vara no fogo para cozinhar numa panela-de-barro. *Me* viu aquilo e disse para *Kwema'up*:

- Mas dois carochos não dão para nada!...

Kwema'up cutucou *Me* para ele ficar quieto.

Quando o feijão-de-vara cozinhou, a madrastra tirou do fogo e despejou numa peneira. Colocou ainda farinha numa cuia e disse para o marido:

- Dá para eles comer.

Enquanto os dois filhos iam comendo, o pai foi com a mulher buscar água.

Quando iam ali na frente, *Me* disse para *Kwema'up*:

- Mas que madrastra feia e velha!

- Fica quieto! É a nossa madrastra!

Na volta da água, a madrastra deu uma risada e ficou bem novinha e bonita.

Quando *Me* viu, disse:

- E aquela mulher?! Quem é?

- É a nossa madrastra mesmo!

A madrastra acabou de chegar e *Me* não tirava os olhos dela.

Kwema'up e *Me* fizeram uma casa nova e todos ficaram morando ali mesmo.

Passou o tempo e chegou o começo-da-seca (83). O pai saiu cedo com uma lasca de pedra (84). Deixou a lasca de pedra ou "facão" no lugar de uma roçada e voltou, ainda cedo, para casa. Assim que chegou à casa, foi tomar um banho com a mulher. O "facão" roçou sozinho um bom trecho e, quando ficou sem vontade de trabalhar mais, voltou para o mesmo lugar. Nunca esquecia este lugar.

No outro dia, o pai fez do mesmo jeito. Foi indo assim todos os dias, até o "facão" fazer uma grande roçada. *Me* e *Kwema'up* cochichavam entre si:

- Como que o nosso pai volta assim tão cedo?!

- Será que ele vai passear?

- Também não sei.

Me perguntou direto ao pai:

- O que você faz todo o dia no lugar da roçada? Vai sondar ou trabalhar?

- Ue?! Eu vou roçar.

- E como que você sempre volta bem cedinho?

- O meu serviço não é de braço: eu deixo o "facão" no lugar da roçada e ele roça sozinho.

No dia seguinte, o pai levou um machado-de-pedra (85) e deixou na roçada: o machado-de-pedra fez a derrubada sozinho.

Kwema'up fez também uma roça do mesmo jeito que o pai: o "facão" roçou sozinho e o machado-de-pedra derrubou também sozinho.

Me quis também fazer uma roça. Chegou ao lugar da roçada e pensou: ah, eu não vou deixar "facão" em lugar nenhum!... Eu vou é trabalhar com ele! Começou a roçar com o "facão". Pensou e fez a mesma coisa com o machado-de-pedra para a derrubada (86).

Um dia, o pai foi caçar. Ele usava apenas uma flecha, mas venenosa. Os filhos ficaram em casa. Lá no mato, o pai chamou macaco: *wo... wo...* Quando os macacos se juntaram ali pertinho, o pai flechou por cima deles, sem triscar em nenhum. Mesmo assim, todos os macacos caíram mortos no chão. O pai sentou. Lá na frente, a flecha virou uma surucucu (87) e veio para perto do pai, fazendo: *sininiĩ... sininiĩ...* Ao lado do pai, a surucucu botou a língua de fora. O encaixe da flecha virou a boca da surucucu.

O pai suspendeu a surucucu com a ponta do arco. Em seguida, pegou os macacos e levou para casa. Toda a vez que o pai ia caçar, era assim.

Um dia, *Kwema'up* perguntou ao pai:

- Como que sempre você mata tanto macaco?

O pai explicou tintim por tintim todo o jeito de matar macaco e *Kwema'up* prestou bem atenção.

No dia seguinte, *Kwema'up* foi caçar também. Fez tudinho do jeito do pai e trouxe muito macaco para casa.

Outro dia, *Me* perguntou para o pai e *Kwema'up*:

Como que vocês dois sempre matam tanto macaco assim?!

O pai explicou também bem direitinho para *Me*, mas ele não prestou nada a atenção.

Mesmo assim, *Me* saiu, um dia, para caçar. Quando flechou os macacos, foi buscar a flecha. Ali pertinho já escutou: *sininiĩ... sininiĩ...* era a flecha virada surucucu. *Me* ficou com medo e, sem saber que era a surucucu da flecha, pegou um pau, tacou na surucucu e torou a cobra em dois pedaços. Voltou para casa só com o arco e, em casa, contou a história. O pai foi ao mato, jogou fora os dois pedaços da surucucu; os pedaços viraram uma cobrinhas (88). O restante da surucucu virou cobra-cipó (89).

Em outra ocasião, o pai fez uma tapagem de pescar (90) num córrego e deixou lá um jequi (91). No outro dia, foi ver o jequi: estava cheio de peixe (92) e folha. O pai colocou tudo num panacum e levou. Deixou o panacum fora de casa e disse para a mulher:

- Aí você tem peixe!

- Ah, é?!

A mulher levantou, foi lá fora e descobriu o panacum: era só peixe. As folhas haviam virado peixe também.

Kwema'up perguntou ao pai:

- Como que você faz para pegar tanto peixe assim?!

O pai explicou mais uma vez tudinho para o filho. No outro dia, *Kwema'up* foi pescar e fez tudo do mesmo jeito do pai: muito peixe no panacum.

Agora *Me* perguntou aos dois:

- Como que vocês fazem para matar tanto peixe assim?!

- Ah, eu não vou explicar nada, não. Sempre você não escuta! - disse o pai.

Assim mesmo, *Me* foi pescar. As folhas não viraram peixe e ele pegou somente uns peixinhos.

Passou um tempo, o pai precisou de flecha. Por isso, um dia, envolveu o corpo com broto de inajá (93), casca de jatobeiro-grande (94) e de pau-de-cachimbo (95). Depois disto, foi boiar junto de uma tapagem de pescar, no porto de uma outra aldeia, ali perto. As mulheres da aldeia vieram ao porto e viram aquele vulto, parecendo um peixe. As mulheres voltaram para a aldeia, contaram para os homens e muitos deles foram flechar o "peixe".

Quando o corpo do pai ficou apinhado de flecha de um lado, ele virou de barriga para cima. Mais flecha. Virou mais uma vez. Os homens disseram:

- Agora morreu, vamos buscar!

Quando os homens iam chegando perto do "peixe" com arco nas mãos, o pai mergulhou e foi sair, à meia noite, no seu porto. Levava um montão de flechas enfiadas nas cascas de pau, que envolviam o corpo do pai.

Kwema'up perguntou:

- Onde você arranhou tanta flecha assim?!

O pai explicou tudo direitinho. No outro dia, ao amanhecer, *Kwema'up* quis também buscar flecha e fez tudinho igual ao pai. À meia noite, chegou ao porto do pai com um montão de flecha.

Agora *Me* perguntou aos dois:

- Onde vocês arranham tanta flecha assim?!

- Ah, eu não vou explicar nada, não! Você nunca presta atenção ao que eu falo! - disse o pai.

- Pois, eu vou buscar flecha também e vou me envolver apenas com uma embira de pau-de-sabão (96): assim sem quase nada!

★ ★ ★

VARIANTE: Eu vou me envolver apenas com uma esteira de folha de inajá.

★ ★ ★

Me saiu e ficou boiando no porto da outra aldeia. Os homens dali não flecharam nem cinco flechas e *Me* já virou de barriga para cima e... morreu. Os homens foram lá, ainda com arco e flecha nas mãos, pegaram *Me* e levaram para casa: fizeram mojica dele e comeram. Jogaram fora só as costelas.

O pai ficou esperando na sua aldeia e... nada de *Me* voltar. O pai foi ver na outra aldeia. Logo na entrada da aldeia, o pai viu um menino comendo mojica. O menino disse:

- O pessoal daqui matou peixe e fez mojica.

O pai acabou de chegar, deitou numa rede e ficou olhando para os lados.

Os homens disseram:

- Acabamos de comer mojica agora mesmo. Você não veio logo!...

- Certo, mas agora eu já vou indo.

O pai saiu e, ainda ali perto, viu um pedacinho de costela. O pai virou grilo (97) e saiu carregando a costela.



VARIANTE: O grilo pegou uma espinha de peixe e saiu carregando.



Os outros disseram:

- Deixa, é para o ninho dele!

O pai virou gente de novo e continuou andando. Na sua aldeia colocou a costela dentro de uma cuia e jogou um remédio dentro (98). Ao meio dia, a costela gemeu: *ũ... ũ...*, e virou *Me* de novo.

Passou um tempinho e o pai foi matar porco-queixada num barreiro. Lá no mato, armou um jirau em cima de um pé de tucum-do-mato (99), cheio de espinho. Acomodou bem as flechas no jirau e tocou a flauta-de-pã: *tu... tu... tu...*, chamando porco-queixada. Não demorou, chegou uma vara deles, batendo os dentes. Os porcos-queixadas meteram o dente no pé de tucum-do-mato para derrubar, mas não conseguiram. O pai matou uma porção deles, colocou nas costas e levou para casa. Ali chamou todo o mundo para comer. *Kwema'up* perguntou ao pai:

- Como que você matou tanto porco-queixada assim?!

O pai explicou mais uma vez, tudo direitinho e, no fim, ainda disse:

- E se porco-queixada estiver longe, precisa tocar duas vezes a flauta-de-pã.

Kwema'up saiu também para matar porco-queixada. Fez do mesmo jeito que o pai e matou uma porção de porco-queixada.

No outro dia, *Me* perguntou aos dois:

- Como que vocês matam sempre tanto porco-queixada assim?!

O pai teve mais uma vez muita paciência e explicou tudinho. No fim, *Me* disse:

- Muito bom, só que eu vou fazer o jirau num pé de pacova e não num pé de tucum-do-mato, porque este tem muito espinho.

- Olhe lá, eh, pé de pacova é muito mole! Porco-queixada é muito brabo!

- Assim mesmo!...

Me saiu e fez o jirau amarrado entre um pé de pacova e um pé de tucum-do-mato. Subiu no jirau, acomodou bem as flechas e tocou a flauta-de-pã: *tu... tu...* Chegou uma vara de porco-queixada. Morderam e derrubaram o jirau do lado do pé de pacova. Mataram e comeram *Me*. Sobrou apenas uma gotinha de sangue numa folhinha.

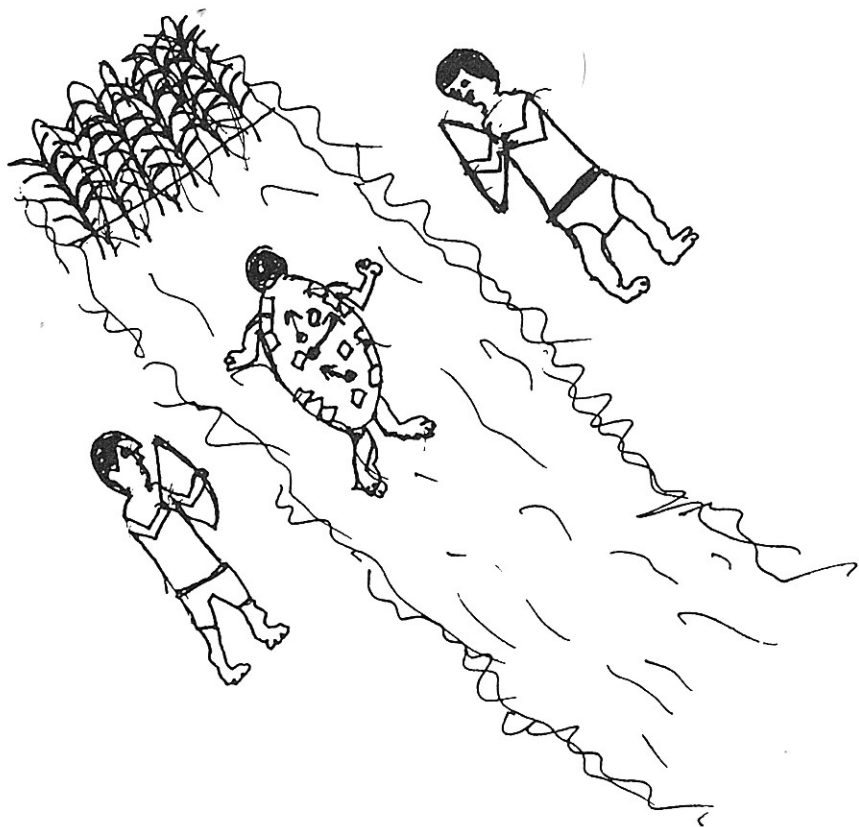
O pai esperou por *Me* e... nada. Foi ver lá no mato. Caminhava meio pensativo, porque sabia que *Me* era teimoso. Já era de noite, quando o pai chegou ao lugar da espera. Viu o sangue coagulado na folhinha e levou para casa. Jogou a folhinha num remédio, dentro de um panelão de água fria, mas fervendo. Depois de um tempinho, o pai tirou a folhinha, colocou dentro de uma peneira pintada e ficou quietinho, ali de lado. À meia noite, o sangue gemeu: *ũ... ũ... ũ...*: era *Me* aprumando. E, foi indo, *Me* ficou vivo de novo. *Kwema'up* ainda disse:

- Nosso pai não falou para você fazer o jirau num pé de tucum-do-mato?!

Depois de um tempo, o pai saiu para outra aldeia. Na metade do caminho, encontrou duas pedras que se movimentavam para frente e para trás, encostando-se uma na outra. O pai esperou a hora em que as duas pedras se afastavam para trás e passou pelo meio. Na volta, foi do mesmo jeito. Em casa, contou tudo para os filhos. *Kwema'up* foi também à outra aldeia e passou entre as duas pedras, do jeito que o pai ensinou.

Outro dia, *Me* também foi à mesma aldeia. Na hora de atravessar as duas pedras, não esperou que as duas se afastassem uma da outra: foi imprensado e morreu.

O pai ficou esperando por *Me* e... nada. Foi ver. Encontrou só um pinguinto de sangue. Trouxe o sangue, colocou num remédio e *Me* viveu de novo.



3. A REVOLTA DE DOIS PAJÉS ANTIGOS

Uma assombração preta (100) vivia puxando Kayabí para dentro de um buracão, muito longe da aldeia, na cabeceira de um córrego. Quando a assombração pegava uma pessoa, tapava a boca e os ouvidos da pessoa para ela não gritar. Bem na beiradinha do buracão, a assombração brincava com a pessoa e - vupo - empurrava a pessoa no buracão. Ali dentro havia uns paus ponteagudos e todo o mundo morria espetado: ninguém escapava. Até juntava muita abelha no fundo do buracão por causa do sangue dos mortos. O buracão era só para matar gente. A casa mesma da assombração era separada.

Um dia, a assombração matou o pai de dois meninos. Mas a mãe deles vivia falando que foi uma tocandira (101) quem matou o pai deles. Outras vezes dizia que foi uma tocandira comprida (102); outras vezes falava de uma lacraia (103); outras, de um escorpião (104); outras, de uma formiga correição-preta (105) e até de um sapão-de-espora (106).

Passou o tempo e os meninos ficaram moços. Um dia, no tempo-da-seca (107), uma família ali da aldeia foi bater cipó-timbó (108) num córrego. Os dois moços foram juntos. Bateram o cipó-timbó e, no fim, foram recolher os peixes. Os dois moços juntaram mais que os outros. O pai de família cochichou para a mulher e os filhos:

- A gente mesmo só apanhou um pouquinho de peixe. Estes dois moços apanharam quase tudo, mas foi uma assombração quem matou o pai deles.

Os moços escutaram mal-e-mal e disseram:

- Ele falou que a gente apanhou quase todo o peixe e foi uma assombração quem matou o nosso pai!...

Todo o mundo voltou para a aldeia e os moços cheios de raiva. Quando chegaram à casa, só de raiva, e para dizer que tinham muita força, abraçaram um pilão bem grande de ali perto da porta, suspenderam e rodearam com ele para lá e para cá. Depois jogaram o pilão no chão. No fim, ainda meio carrancudos, disseram para a mãe:

- Você vivia falando que uma formiga tocandira ou outros bichos venenosos mataram o nosso pai. Mentira! Agora a gente já sabe de tudo: quem matou nosso pai foi uma assombração. Ela agora vai morrer também! não escapa!

- Mas, filhos, a assombração é muito braba e pode matar vocês!... Além disso, mora muito longe.

- Assim mesmo!

- O pai de vocês nunca matou ninguém!

- Mas a gente vai matar aquela assombração!

- Vocês não sabem: existem uns bichos muito brabos e venenosos na estrada da assombração: são os guardas dela. Até agora, ninguém teve coragem de ir matar a assombração por causa daqueles guardas.

- Fala o nome daqueles bichos, mamãe!

- Primeiro vocês vão encontrar um sapão de espora nas mãos e nos pés. As esporas são do tamanho de um chifre de boi (109)! Quando aquele sapão de espora vê uma pessoa, ele vira um pouco de lado e mija no olho da pessoa. E, se a pessoa fica por detrás dele, mata com as esporas. Depois, um corozão de dente igual a dente de cobra. Ele não tem tripa na barriga, só água. Pula na gente, mata e come na hora. Mais na frente, vão ver um gavião-carrapateiro bem grandão. Logo mais, aparecerá ainda um pernilongo (110), que chupa. Vão continuar encontrando formiga-correição, escorpião, lacraia, aranha, tocandira e mamangava (111)!...

- Só isto, mamãe?

- Só.

- Não é nada!

No outro dia, cedinho, os dois moços foram à roça buscar mandioca-brava e botaram na água, dentro de uma canoa. Quando a mandioca-brava amadureceu, tiraram e colocaram ao sol. Na hora que secou, fizeram farinha. À noite, foram ver se havia peixe na canoa de mandioca-brava: viram só um rato na canoa. Pegaram e comeram. Pegaram peixe e mataram ainda uma cutia. Tudo pronto para a viagem, falaram para a mãe:

- Agora a gente já vai, mamãe!

A mãe ficou meio adoidada, tanto era o medo de a assombração matar os filhos. As lágrimas caíram dos olhos. Os filhos acrescentaram ainda:

- Não chore, mamãe, a gente vai vingar a morte de nosso pai!

Os dois moços saíram. Lá na frente, deram com o sapão de espora. Ele fazia: *bui... bui... bui...* Ali perto, havia muito peixe. O moço mais velho disse para o irmão mais novo:

- Muito cuidado, eh! mas não precisa ter medo!

Os dois foram passando por detrás de uma árvore. O sapão de espora ainda mijou neles, mas o mijo só pegou na árvore. Flecharam e mataram o sapão de espora. Depois o urubu comeu.

Os moços continuaram andando. Agora viram o corozão. Quando este viu os moços, ficou de pé para pular. Os moços flecharam e mataram: só água na barriga e no coração!

Logo mais, encontraram o pernilongo. Este queria chupar os moços, mas os dois pegaram o pernilongo e amassaram.

Agora, deram com o gavião-carrapateiro, em cima de um pau, de barriga para cima. Os moços só fizeram uma casinha das asas dele.

Seguiram o caminho e continuaram encontrando a tocandira, a correição, o escorpião, a lacraia, a aranha e a mamangava. Tudo que a mãe havia falado. Mas os moços mataram todos eles.

Não desistiram de caminhar e, por fim, chegaram, ainda bem cedinho, ao buracão da assombração. Muita mamangava ali ao redor. Os moços olharam para dentro e viram muita caveira de gente com mais mamangava. O mais velho disse para o mais novo:

- Agora, você fica escondido detrás daquela moita ali: eu vou espiar melhor e provocar a assombração para ela sair.

O mais velho chegou bem na beirinha do buracão e gritou: *ũ... ũ... ũ... wafukaita* (112)...

A assombração estava dormindo. Acordou e gemeu: *ũ... ũ... ũ...* Não demorou, saiu do buracão pulando com uma vara na mão. Era muito feia e arrastava o saco, bem comprido, pelo chão; batia ainda o pé e fazia: *ro... ro... ro...* Parou e perguntou para o moço:

- O que você quer aqui?
- Aprender a dançar com você.
- Então, venha!

O moço segurou no braço grosso da assombração e os dois começaram a dançar em volta do buracão. O moço cantava: *wami... ja... ja...*

Vai indo, a assombração disse para o moço:

- Passa aqui para este outro lado.
- Não, aqui mesmo está bom.
- Ah, passa!...
- Já falei que não vou!...

Uma hora, quando os dois dançavam bem na beiradinha do buraco, o moço disse:

- Agora mesmo, você vai morrer e - *du* - empurrou a assombração dentro do buracão: *bo... bo... bo...*: virou água e morreu.

- Se ninguém teve coragem, eu tive!

Até então, muitos homens tentaram matar a assombração, mas nenhum conseguiu porque na hora de dançar, seguravam no braço fino dela, onde ficava a força da assombração. E todos morreram. Os moços sabiam disto, porque eram pajés antigos (113).

O mais velho correu para o mais novo e gritou:

- Matei o macho!

Os dois moços choraram de emoção, lembrando: aqui morreu o nosso pai! agora o mais novo disse:

- Se houver outra, deixa comigo!
- Não, você não tem força! Eu mesmo vou ver. Pode ficar no mesmo lugar.

O mais velho voltou e gritou de novo na beira do buracão: *i... i... i...* Saiu a mulher da assombração, batendo os peitos e com o cabelo todo assanhado: era mais feia que o marido. Parou e perguntou ao moço:

- Você não viu o meu marido?
- Eu não vi ninguém!
- O que você quer aqui?
- Aprender a dançar com você.
- Então, venha!

O mais velho segurou no braço grosso da mulher e os dois começaram a dançar em volta do buracão. O moço cantava: *wami... ja... ja...*

Vai indo, a mulher disse para o moço:

- Passa aqui para este outro lado.

- Não, aqui mesmo está bom.

- Ah, passa!

- Já falei que não!

Uma hora, quando os dois dançavam bem na beiradinha do buracão, o moço disse:

- Agora mesmo, você vai morrer também e - *du* - empurrou a mulher dentro do buracão: *bo... bo... bo...*: virou água e morreu também.

- Se ninguém teve coragem, eu tive!

O mais velho correu de novo para o mais novo e gritou:

- Matei a mulher também!

Os dois choraram novamente.

O mais velho ainda quis saber se tinha algum filho da assombrança dentro do buracão. Chegou bem na beiradinha do buracão e tocou bastante tempo uma flauta-de-pã. Só uma pomba-do-mato (114), um pica-pauzinho-de-cabeça-amarela e uma cigarra (115) responderam.

Agora, os dois moços saíram procurando a casa das assombrações. O mais novo ia atrás e, quando viram a casa, diminuíram bem os passos. Já bem pertinho da casa, viram um passarinho (116) e uma galinha-de-bugre (117) presos. Eram criação das assombrações. A galinha-de-bugre cantava: *tso... tso... tso...* Os moços soltaram os dois e depois entraram em casa. Viram muito cará, manganito, batata-doce e muitas outras coisas. Viram ainda um menino numa gaiola. O menino era bem magrinho e todo sujo de cocô. Tinha sido roubado pelas assombrações. Era tratado como um bicho, sem nunca sair da gaiola. O menino perguntou aos moços:

- Quem são vocês?

- Nós.

- Nós quem?

- Aqui tem muita assombrança?

- Estão no buracão delas.

- Ah, sim!

Os moços tiraram o menino da gaiola e deram um bom banho nele. No fim, o menino contou como foi roubado pelas assombrações.

Os moços tocaram fogo na casa das assombrações e foram para a aldeia levando o menino. Perto da casa, cheios de alegria, tocaram flauta-de-pã: *sininĩ... sininĩ...*, e flauta-de-bambu (118): *jafu... jafu... jafu...* A mãe ouviu o toque de longe e disse:

- Escuta aí, pessoal, os meus filhos já vêm voltando!...

Os moços entraram em casa ainda tocando e sem parar. E diziam:

- Vingamos a morte de nosso pai, mamãe! vingamos!...

A mãe chorou. Os moços contaram a história do menino que trouxeram. Assearam o menino e, foi indo, depois de uma lua, ele aprumou.

Os moços continuaram a tocar flauta-de-pã e de bambu. Umas mulheres, enquanto faziam cauim, começaram a reclamar:

- Já estamos enjoadas de tanto toque de flauta. Bem que já podiam parar ou então ir tocar lá longe!

Os moços não gostaram da reclamação das mulheres e disseram:

- Se é assim, a gente vai embora daqui.

O mais velho foi procurar o buraco de uma formiguinha preta (119) e entrou lá dentro, querendo morar ali. Mas, no fundo do buraco, era só cabelo e sangue de gente, com mistura de água suja e fedida. Voltou para casa e disse para o mais novo:

- Eu vi dentro do buraco da formiguinha só cabelo e sangue de gente, com mistura de água suja e fedida. Assim, não dá da gente morar lá.

- Eu também acho.

- E agora?

- Que tal a gente ir morar no lugar das almas?

- Boa idéia.

O mais velho foi ao lugar das almas examinar primeiro. Assim que chegou lá viu uma tempestade (120). Um pé de bacava (121) bem fininho e comprido e um pé de tucum-do-mato dobravam até o chão, mas não quebravam. A tempestade varria todo o chão. Ela tinha um dono (122) e, às vezes, ele abria uma porta no céu para a tempestade descer para a terra. Mesmo assim, o mais velho achou muito bom o lugar das almas para morar.

Os dois moços resolveram morar no lugar das almas. Primeiro, fizeram o céu descer mais. Em seguida, amarraram a casa deles pela cumeeira com uma corda e puxaram pra cima toda interinha. Levaram dentro da casa a mãe e tudo o mais. Lá em cima, a casa ficou do mesmo jeito que na terra.

Lá no lugar das almas, ainda só de raiva e revolta, os dois irmãos pensaram em cortar uma garapeira muito grossa de lá de cima mesmo (123). O plano era que os galhos da garapeira de cima caíssem por todo o canto da terra, juntamente com as nuvens, e matassem toda a gente aqui de baixo, até os não-índios.

Um dia, bem cedinho, os moços se levantaram e foram derrubar a garapeira. *Pajawí* não concordava com o plano de derrubar a garapeira e ficava só olhando. Mas, uma hora, ficou com dó do povo da terra e cuspiu no sol, para ele andar mais depressa e escurecer logo, para os moços pararem de cortar. De noite, os moços deixaram de cortar para recomeçar no dia seguinte. Quando amanheceu, *Pajawí* virou um pica-pau-anão (124) e foi ver se a garapeira estava perto de cair. Os moços viram o pica-pau-anão e quiseram matar, mas ele voou. *Pajawí* virou um calango (125) e foi de novo ver a garapeira. Os moços quiseram também matar o calango, mas ele fugiu. Foi a mesma coisa com uma lagartixa (126), um lagarto-do-mato (127) e um papa-vento (128).

No fim do dia, a garapeira já estava a ponto de cair. *Pajawí* ainda amarrou a garapeira em outra árvore para segurar, e apurou mais o sol para escurecer logo.

Quando escureceu mais, os moços conversaram, achavam graça e diziam:

- Vamos para casa! Amanhã ela cai, se não já cair esta noite! Não escapa!...

Naquela noite, *Pajawi* tornou a ir até à garapeira e agora colocou cavaco de peúva (129) e cumbaru (130) no lugar do corte. A garapeira ficou bem interinha, como antes, e até mais dura.

Os dois moços nem dormiram direito, só pensando na queda da garapeira.

No outro dia, ainda de madrugada, os dois moços pegaram o machado-de-pedra e foram roletar e garapeira. Diziam:

- É hoje!

Mas, quando viram a garapeira inteirinha de novo, ficaram meio abobados. Aconteceu assim durante três noites e a garapeira ia ficando cada vez mais dura. Na última noite, os moços ainda conseguiram cortar a casca e até se alegraram. Mas, quando bateram nos cavacos de peúva e cumbaru, o machado-de-pedra quebrou e desistiram de uma vez. Disseram:

- Pode ficar aí (131)!...

4. O CAMINHO DE VOLTA

No tempo-da-seca, o pessoal de uma aldeia fugiu todo para o Xingu, com medo do ataque de outro índio.

★ ★ ★

VARIANTE: O pessoal foi buscar taquarinha de flecha no mato.

★ ★ ★

Depois de muito tempo, uma onça-d'água (132) comeu todo o mundo, menos um homem. Naquele tempo, os animais eram todos bem mansinhos (133).

O homem que escapou tinha apenas uma flecha e, no mais, nem machado-de-pedra, nem facão e nem pauzinho-de-fazer-fogo. Mesmo assim, fez um mingau de barro branco (134) numa bolsa de folha (135) e, sozinho, começou a viagem de volta à aldeia, subindo pela beira de um rio. Levava só a flecha e, para comer, o mingau de barro branco.

Lá na frente, o homem parou e gritou na beira do rio: *ũ... ũ... ũ...* Foi indo, apareceu um pitu, bem grandão. O pitu levantou um braço para fora da água e perguntou:

- O que você quer?

- Uma canoa para atravessar este rio e seguir viagem para casa.

- Então, senta aqui nas minhas costas e eu atravesso você.

- Como que você vai fazer me atravessar?

- Assim, quer ver?

O pitu trepou num pau podre e saiu cortando as águas, em cima dele. Chegou até à outra margem, voltou e disse:

- Tá vendo como eu nado bem?!
- Você é bom mesmo na água. Mas, vai de novo.

O pitu fez do mesmo jeito e, na volta, disse:

- Agora pode vir.

O homem sentou nas costas do pitu. Este andou um pouco e disse:

- Eu não aguento como você, não!... - e foi afundando.

O pitu mergulhou de novo e foi embora. O homem também saiu na ribanceira do rio.

O homem continuou subindo o rio, comendo só mingau de barro branco. Lá na frente, gritou de novo: *ũ... ã... ã...* Foi indo, apareceu um cágado (136) e perguntou:

- O que você quer?
- Uma canoa para atravessar este rio e seguir viagem para casa.
- Então, senta aqui nas minhas costas e eu atravesso você.
- Como que você vai fazer para me atravessar?
- Assim, quer ver?

O cágado trepou num pau podre e saiu cortando as águas, em cima dele. Chegou até à outra margem, voltou e disse:

- Tá vendo como eu nado bem?!
- Você é bom mesmo na água. Mas, vai de novo.

O cágado fez do mesmo jeito e, na volta, disse:

- Agora pode vir.

O homem sentou nas costas do cágado. Este andou um pouco e disse:

- Eu não aguento com você, não!... - e foi afundando.

O cágado mergulhou de novo e foi embora. O homem também saiu na ribanceira do rio.

O homem continuou subindo o rio, comendo só mingau de barro branco. Mais adiante, viu um jaó-galinha (137) assobiando: *koi... koi... koim... koim...* O jaó-galinha voou, mas o homem acompanhou. Ali perto, o jaó-galinha deitou numa redinha, com um foguinho embaixo. O homem disse:

Eu queria deitar com você!

- As cordas de minha rede são fininhas e quebram.
- Não quebram, não.
- Então, eu deito no chão e você aqui.
- Assim eu não quero.
- Só o chão mesmo!
- Não aguento o frio.
- Mas, e o fogo?
- Nunca acostumei dormir no chão.
- Já falei que não, e não!
- Ah, eu vou me deitar com você!

O homem foi e deitou. As cordinhas da rede rebentaram na hora e - pufo - os dois no chão! O jaó-galinha, de raiva, voou com fogo, rede e tudo. O homem dormiu ali mesmo e, no outro dia, foi de novo atrás do jaó-galinha. Encontrou deitado na rede mais uma vez. E foi a mesma história de antes. Mas, desta vez, o jaó-galinha voou e sentou do outro lado do rio: ficou sem jeito para o homem.

O homem continuou subindo o rio, comendo o seu mingau de barro branco. Muito na frente, parou para pousar. De noite, escutou falar que nem gente: *jerape* (138)... *amok* (139)... Mesmo sem fogo, o homem levantou e foi ver: uma sorveira, derramando leite. O homem só olhou e voltou para o pouso.

Não demorou, escutou falar outra vez e ainda que nem gente: *jeremy* (140)... *pypyp* (141)... agora o homem esperou amanhecer e foi ver: um cará-do-mato (142) se esfregando em outro. O homem pensou: se eu tivesse fogo, ia assar e comer esse cará-do-mato! Só passou perto do cará-do-mato e voltou para o pouso. Naquela mesma noite, ainda escutou: *jajúa* (143)... *kytyk* (144)... De manhã, o homem foi ver: batata-doce! O homem pensou: se eu tivesse fogo, ia assar e comer essa batata-doce! Só passou perto da batata-doce e voltou para o pouso.

Mais tarde da noite, deram os primeiros trovões e choveu. Ali não havia folha de pacova para o homem fazer uma proteção. Mas ele viu um gavião-carapateiro ali perto e fez como que uma casinha da asa dele: dormiu tranquilo.

No outro dia, de manhã, o homem continuou subindo o rio, com seu mingau de barro branco. Não andou muito, gritou de novo, na beira do rio: *ũ... ũ... ũ...* Foi indo, apareceu um urubu e perguntou:

- O que você quer?

- Uma canoa para atravessar este rio e seguir viagem para casa.

- Então senta aqui nas minhas costas e eu atravesso você.... assim, quer ver?

O urubu saiu voando para a outra margem. Na descida, virava para lá e para cá. Voltou e disse:

- Tá vendo como eu sei voar bem?!

- Você é bom mesmo no vôo. Mas vai de novo.

O urubu fez do mesmo jeito e, na volta, disse:

- Agora pode vir.

- Não vou, não!... na hora que você desce, vira demais e eu caio!

- Mas você segura duro!

- Não.

O urubu foi embora e o homem continuou subindo o rio, ainda só com mingau de barro branco. Mais na frente, gritou de novo, na beira do rio: *ũ... ũ... ũ...* Foi indo e... ninguém respondeu. Esperou, esperou: nada de aparecer gente. Passou o dia gritando e sem ninguém... Pousou ali mesmo. Foi um dia perdido!

O homem continuou subindo o rio, sempre com mingau de barro branco. Mais na frente, gritou de novo, na beira do rio: *ũ... ũ... ũ...* Foi indo, borboulhou na água e logo apareceu um jacaré (145), maior que uma canoa. O jacaré perguntou:

- O que você quer?
- Uma canoa para atravessar este rio e seguir viagem para casa.
- Então, senta aqui nas minhas costas e eu atravesso você.
- Como que você vai fazer para me atravessar?
- Assim, quer ver?

O jacaré trepou num pau podre e saiu cortando as águas: *sisi... sisi...* até à outra margem. Voltou e disse:

- Tá vendo como eu nado bem?!
- Você é bom mesmo na água, mas vai de novo.

O jacaré fez do mesmo jeito e, na volta, disse:

- Agora pode vir.
- Ainda tenho medo!

- Veja: não há mais ninguém aqui para cima. Eu sou o último e o rio é largo! Venha, senta aqui no meu rabo.

O homem sentou no rabo do jacaré e colocou as flechas na coxa do jacaré.

O homem tinha o coração na mão, só de medo.

O jacaré saiu levando o homem. O jacaré queria que o homem xingasse a ele para ter motivo de comer o homem. Por isso, depois de nadar um pouco, o jacaré mostrou os dentes e disse:

- O que você acha de mim?

- É o que há de mais lindo no mundo. Gosto muito do seu nome: *tagea'i* (146).

Quando o jacaré ia chegando à outra margem do rio, o homem deu um pulo, igual a macaco, e segurou nos galhos de um pau.

Agora o homem xingou o jacaré de pestana fina (147) e rabo picadinho (148). O jacaré deu uma rabanada na água, querendo agarrar o homem, mas era tarde.

Agora, o homem pegou um caminho para dentro do mato. Logo mais escureceu. Então o homem entrou num cupinzeiro (149) e ficou ali. Não demorou, chegou o cupim (150), dono do cupinzeiro, e perguntou ao homem:

- Quem é você?
- Um homem perdido. Anoiteceu e eu entrei aqui.
- Ah, sim. Pode ficar à vontade.

★ ★ ★

VARIANTE: O homem pousou perto de um cupinzeiro. De noite, escutou: *sajũ... pyakwatkwat...* (151), igual à gente. Quando amanheceu, o homem foi ver: um cupim. O homem só disse:

- Como que pode?!...

★ ★ ★

No dia seguinte, o homem seguiu o caminho. Lá na frente, avistou uma casa com um terreiro bem limpinho. O homem foi ver a casa e passou lá o resto do dia. Perto de escurecer, foi chegando um bocado de cobra, donas da casa.

Na frente, vinha o chefe das cobras e, atrás, as outras cobras menores. Entraram em casa e encheram as travessas da casa. Até ficou tudo meio escuro. Quando as cobras viram o homem, logo pensaram em comer a ele. Por sua parte, o homem pensava: agora sim! correr eu não posso e, se ficar, estas cobras me pegam!...

Quando escureceu, uma cobra veio ficar enrolada bem pertinho do homem. Não demorou, cantou um curiango e a cobra perguntou ao homem:

- Que é isso?

- Um curiango e a gente come.

Agora cantou um sapo e a cobra perguntou:

- E agora?

- Um sapo (152) e a gente come.

E assim, passaram todos os bichos da noite...

Amanheceu. Cantou uma japuirinha (153) e a cobra perguntou:

- Que é isso?

- Uma japuirinha e a gente come.

Cantou um papagaio e a cobra perguntou:

- E isso?

- Um papagaio.

E assim, passaram a arara, o mutum-cavalo, o jacamim, a jacutinga, a galinha-de-bugre, o gavião, o uru e ao jaó-galinha.

De tarde, o homem já estava cansado. E as cobras ainda continuavam trepadas nas travessas da casa. Mais tarde ainda, um acauã passou em cima da casa, cantando: *kã... kã... kã...*, querendo comer as cobras. A cobra de perto do homem, perguntou ainda:

- Que é isso?

- Um acauã.

Nesta hora, as cobras, de medo do acauã, caíram da travessa da casa e dispararam correndo. Não sobrou nenhuma cobra e a casa clareou.

O homem saiu andando de novo. Lá na frente, escutou um sapão (154) cantar na beira do rio. Primeiro, o homem fez uma casinha e depois foi ver o sapão. Chegou lá e perguntou:

- Você sabe o rumo de minha casa?

- É para o lado que nasce o sol.

- Ah, sim.

O homem seguiu o rumo do sol nascente.

★ ★ ★

VARIANTE: O sapão deitou no chão e disse:

- Sua casa fica no rumo de minha cabeça.

VARIANTE: Sua casa fica no rumo do rio *Majey* (155).

★ ★ ★

Lá na frente, o homem viu uma casa velha, abandonada, perto de uma capoeira e de um cemitério (156). Era a casa dele, de antigamente.

Ficou ali. De noite, escutou um barulho de festa: risada, canto, grito, conversa e toque de flauta-de-bambu. De manhã, não escutou mais nada e perdeu o medo.

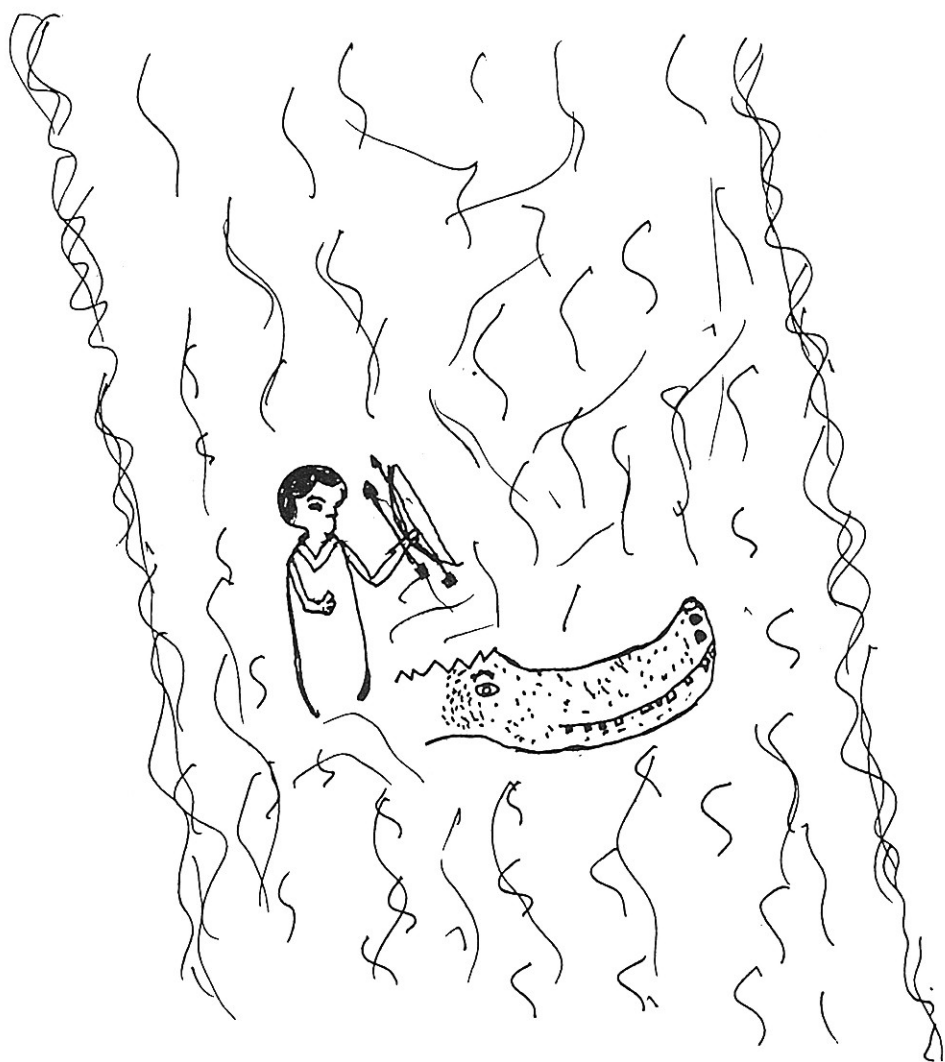
O homem seguiu. De tardezinha, fez uma casinha para dormir tranquilo. Mas, ali era um lugar de muita cobrinha-chata (157), que comia gente. De noite, chegou uma daquelas cobrinhas e começou a roer um pau da casinha do homem. Este levantou e matou a cobrinha-chata. Não demorou, chegou outra cobrinha-chata e começou a roer também outro pau da casinha. O homem tornou a matar. Deste jeito, naquela noite, o homem matou uma porção de cobrinha-chata e não dormiu quase nada. Quando amanheceu, ele foi embora.

Depois de muito andar, comendo só mingau de barro branco, o homem estava magro, seco e bunda fina: igual a um dedinho. Mas mesmo assim, não parou nunca de andar. Um dia, avistou a sua casa. Diminuiu bem os passos e acabou de chegar. A sua mulher já tinha outro marido, porque nunca pensava que o seu havia de chegar. O novo marido não gostou nada da chegada do homem e vivia xingando de bunda fina, na flauta-de-pã. O homem vivia só tocando flauta-de-bambu.

O homem arrumou outra mulher e viveram juntos o resto da vida.



O caminho de volta (mito 4)



O caminho de volta (mito 4)

5. A ORIGEM DOS ANIMAIS

Um dia, *Tujarare* saiu andando pelo mundo, olhando os povos. Chegou à aldeia de um primeiro povo e foi muito bem recebido. *Tujarare* perguntou:

- Vocês por aqui?
- A gente é daqui mesmo.
- Vocês ouviram falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os

povos?

- Sim, a gente escutou esta notícia e até temos medo.
- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim aqui avisar a vocês: cuidado,

eh, ele mata gente!

- A gente tem borduna, flecha e jenipapo (158) para se pintar; se ele chegar até aqui, morre.

- Eu também vou me cuidar.

- É bom.

- E quantos dedos vocês têm nas mãos?

- Quatro em cada mão. *Tujarare* tirou um dedo de cada uma das mãos daquele povo e disse:

- Agora eu já vou indo.

Tujarare saiu, andou um pouco, voltou e fez todo o mundo dali virar cuatá.

Depois foi embora.

No outro dia, *Tujarare* chegou à aldeia de mais um povo e foi também muito bem recebido. *Tujarare* perguntou:

- Vocês por aqui?
- A gente é daqui mesmo.
- Vocês ouviram falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os

povos?

- Sim, a gente escutou esta notícia e até temos medo.
- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim aqui avisar a vocês: cuidado,

eh, ele mata gente. Eu também vou me cuidar.

- Se ele chegar aqui, morre.

- Tá bom, e eu agora já vou indo.

Tujarare saiu, andou um pouco, voltou e fez todo o mundo dali virar macaco-prego. Depois foi embora.

No fim do dia, encontrou um homem andando na estrada. O homem tratou *Tujarare* muito bem. *Tujarare* perguntou:

- Sempre andando?
- Sempre.
- E por quê?
- Para ter o que comer.
- Você ouviu falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os povos?
- Eu escutei esta notícia e até tenho medo.

- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim aqui avisar a você: cuidado, eh, ele mata gente! Eu também vou me cuidar.

- Se ele chegar aqui, morre.

- Bem, eu já vou indo.

Tujarare saiu, andou um pouco e voltou. Puxou o traseiro do homem: o traseiro virou um rabo de onça-pintada (159). Puxou o pescoço: virou um pescoço de onça-pintada. Puxou a cabeça: cabeça de onça-pintada. As mãos: mãos de onça-pintada. Pernas: pernas de onça-pintada. No fim, o homem ficou uma onça-pintada, direitinho. *Tujarare* disse:

- Daqui para frente, você vai ficar sempre andando no mato, matando e comendo gente.

Tujarare continuou andando. Lá na frente, encontrou uns homens esquentando, apurando e limpando seriva para fazer flecha: *pã... pã...*, fora de casa. Os homens trataram *Tujarare* muito bem. Ele perguntou aos homens:

- Vocês por aqui?

- A gente é daqui mesmo.

- Vocês ouviram falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os povos?

- Sim, a gente escutou esta notícia e até temos medo.

- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim aqui avisar a vocês: cuidado, eh, ele mata gente! Eu também vou me cuidar.

- Se ele chegar aqui, morre.

- Bem, mas eu já vou indo.

Tujarare saiu e andou um pouco. Numa curva da estrada, virou para trás e fez toda aquela gente virar surucuá (160). Eles voaram: *kuru... kuru... kuru...*, sentaram num pau e cantaram: *pã... pã...*

Tujarare continuou andando. Chegou a mais uma aldeia e foi muito bem tratado. *Tujarare* perguntou:

- Vocês por aqui?

- A gente é daqui mesmo.

- Vocês ouviram falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os povos?

- Sim, a gente escutou esta notícia e até tem medo.

- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim aqui avisar a vocês. Cuidado, eh, ele mata gente! Eu também vou me cuidar.

Um dia, as mulheres dali foram à roça apanhar pimenta. Cada mulher levava uma cuia para trazer cheia de pimenta. *Tujarare* saiu atrás das mulheres. Lá na roça, perguntou a elas:

- O que vocês vieram fazer aqui?

- Apanhar pimenta.

- Ah, sim.

Tujarare virou as costas para ir embora. Nesta hora, as mulheres viraram mutum-cavalo (161).

Tujarare continuou andando. Mais na frente, viu um homem roçando uma capoeira: *sok... sok...* O homem tratou *Tujarare* muito bem. Ele perguntou ao homem:

- Você por aqui?
- Sempre na capoeira.
- O que você está fazendo?
- Roçando.
- Isso é bom para ter comida.
- Eu sei.
- Você ouviu falar de um homem que anda pelo mundo, olhando os povos?
- Sim, eu escutei esta notícia e até tenho medo.
- Eu também ouvi falar dele; por isso, eu vim avisar a você: cuidado, eh, ele mata gente! Eu também vou me cuidar.
- Se ele chegar aqui, morre.

Tujarare saiu, andou um pouco e voltou. Jogou um cisco nos olhos do homem. Este esfregou os olhos e disse para *Tujarare*:

- Tira aqui este cisco dos meus olhos.

Tujarare tirou o cisco e depois puxou o traseiro do homem: o traseiro virou um rabo de veado. Puxou o pescoço do homem: virou um pescoço de veado. Puxou as mãos: mãos de veado. Afiou as pernas: pernas de veado. Nariz: nariz de veado. O homem ficou um veado (162) direitinho.

Tujarare soltou o veado. Ele saiu correndo e fazendo: *txe... txe...* (163).

Era um homem bem pretão, de papo e barba. Todo o mundo tinha medo de ficar igual àquele homem. Por isso, ninguém queria viver perto dele e nem aceitar a sua comida. O pessoal só olhava o pretão e ia embora.

Um dia, *Tujarare* foi à casa do pretão. Este ofereceu chicha para *Tujarare*, mas ele não aceitou. Conversaram e, no fim, *Tujarare* disse:

- Eu já vou indo.

Nesta mesma hora, o homem pretão virou um bugio e pulou numa árvore. *Tujarare* disse:

- Daqui para frente, você vai viver no mato e cantar: *rhu... rhu...*

Um homem e uma mulher casados eram muito bonitos. O marido passava o dia dormindo e, de noite, saía para procurar fruta. A mulher chamava, mas o marido nem ligava.

Um dia, a mulher foi contar tudo para o pai dela, mas o pai só respondeu:

- Você que sabe!

Então, a mulher foi contar também para *Tujarare*. Este foi à casa dos dois e só olhou para o marido: na mesma hora, ele virou um macaco-da-noite, pulou num pau e fez: *kuxi... kuxi...* *Tujarare* disse:

- Daqui para a frente, você vai ficar sempre andando de noite.

Um homem vivia comendo só mandioca, capim e outra folha qualquer. Um dia, *Tujarare* foi à casa daquele homem, na beira de um rio. Viu no chão da casa muita mandioca, capim e folha. Perguntou ao homem:

- O que você come?

- Isto que você vê aí no chão.

Quando *Tujarare* deu as costas para ir embora, o homem virou uma capivara (164), pulou na água e fez: *ou... ou...* *Tujarare* disse:

- Daqui para frente, sua comida vai ser capim, mandioca e folha qualquer e vai sempre morar na água.

Tujarare foi embora. Lá na frente, encontrou mais um homem. *Tujarare* perguntou:

- O que você faz aí?

- ...

- Fala!

O homem sentou numa rede, esperou um pouco e disse:

- Vivo só deitado.

- Então, levanta.

O homem levantou. *Tujarare* puxou o nariz do homem: virou um jacaré e caiu na água, fazendo: *hum... hum...* *Tujarare* disse:

- Daqui para frente, todo mundo vai chamar você de *tãgea'i*.



6. A PROVA DE DOIS MOÇOS

Pyreju'um era um moço completamente preto. Ele gostava muito de uma prima sua e queria transar com ela, mas a prima sempre resistia. Tinha até raiva de *Pyreju'um* e não queria nem ver aquele moço. A prima vivia dizendo para *Pyreju'um*:

- Você é preto, feio e cheio de ferida (165).

Um dia, de tarde, *Pyreju'um* deixou em casa os brincos (166) e o diadema de pena (167) e foi falar com a velha *Muañ*, mulher de *Pajawi*. De noite, chegou à casa de *Muañ* e ela perguntou:

- O que foi?

- Olha aqui, vovó: eu gosto de uma prima minha, mas ela não gosta de mim, porque eu sou preto assim. Eu vim aqui para você trocar a minha pele. Preto desse jeito, ninguém vai querer casar comigo. Você precisa caprichar.

- Tudo bem.

Nesta hora, *Pajawi* saiu de casa, dizendo que ia buscar água no rio.

★ ★ ★

VARIANTE: *Pajawi* saiu de casa, dizendo que ia buscar água numa lagoa cheia de pedra no fundo.

★ ★ ★

Mas o que *Pajawi* queria mesmo era pescar e fazer moqueca para *Pyreju'um*. *Muañ* e *Pyreju'um* ficaram sozinhos em casa. *Muañ* colocou *Pyreju'um* no colo e fez tudo que foi jeito para *Pyreju'um* transar com ela. Mas *Pyreju'um* aguentou até o fim e não transou com a velha, apesar de ela ser toda bonita.

No fim de tudo, *Muañ* trocou a pele de *Pyreju'um* e ele ficou bem branquinho e bonito. Agora, *Muañ* mandou *Pyreju'um* deitar numa rede e cobrir o rosto com a beirada da rede.

Lá no rio, *Pajawi* pegou lambari (168), bagrão e cascudo da lagoa com uma peneira. E logo *Pajawi* pensou: aquele moço não transou com a minha mulher! *Pajawi* voltou para casa e perguntou para a sua mulher:

- Como foi?

- Tudo bem.

Prepararam o peixe e *Pyreju'um* comeu. *Pajawi* quase não reconheceu mais a *Pyreju'um* bem branquinho e bonito.

De tardezinha, *Pyreju'um* disse para *Muañ*:

- Eu já vou indo.

- Certo, mas não diga nada a ninguém que fui eu que fiz você ficar branco.

- Eu garanto de não falar.

Antes de *Pyreju'um* sair, *Pajawi* ainda deu para ele uma bolsa de entrecasca de sorveira cheia de colar de dente de macaco, colar de cintura, brinco de homem e outros enfeites.

Pyreju'um chegou à sua aldeia todo branquinho, bonito e enfeitado. A primeira pessoa que viu foi a sua prima. Estava socando milho-fofo num pilão, perto da porta de casa. Quando ela viu *Pyreju'um* daquele jeito, teve até um susto. Agora ficou louca por ele e foi logo dizendo:

- Aqui tem chicha! - e correu para abraçar *Pyreju'um*.

Quando ela chegou perto, ele disse:

- Não, eu sou preto, feio e cheio de ferida! - e deu um chute na cuia de chicha.

Outro moço da mesma aldeia de *Pyreju'um* era também preto. Do mesmo modo, gostava de uma prima e queria transar com ela, mas a prima sempre resistia. Tinha até raiva do moço e não queria nem ver o tal.

Quando este moço viu *Pyreju'um* daquele jeito, todo branquinho e bonito, ficou com inveja dele e perguntou:

- Como você ficou branquinho assim?

- Não sei.

- Ah, conta.

- Não posso.

- Que é isso?!

- Então eu vou contar: a velha *Muaã* que mudou a minha pele.

- Eu vou lá também. Do jeito que eu estou, minha prima e nem ninguém nunca vai gostar de mim.

- Cuidado, eh! Ela coloca a gente no colo e faz tudo que é trejeito para a gente transar com ela. Você não vai aguentar e ela não vai trocar a sua pele. Eu até acho que, quando uma pessoa não aguenta, ela faz mais alguma coisa de ruim para a pessoa. Você não vai aguentar...

- E como você aguentou?

- Então experimenta!

O moço saiu para a casa de *Muaã* e ia pensando muito. Quando chegou lá, a velha disse:

- Não quero que ninguém mais venha à minha casa.

- Mas eu queria que você mudasse a minha pele para a minha prima gostar de mim!

- Tá bem, mas você é o último.

Nesta hora, *Pajawi* saiu de casa dizendo que ia buscar água no rio. Mas, o que ele queria mesmo era pescar e fazer mojica para o moço.

Muaã e o moço ficaram sozinhos em casa. *Muaã* colocou o moço no colo e fez tudo que foi trejeito para o moço transar com ela. Foi indo, o moço não aguentou mesmo e transou. Assim, *Muaã* não trocou a pele dele. Mandou o moço deitar numa rede e cobrir o rosto com a beirada da rede.

Lá no rio, *Pajawi* pegou somente jeju e sarapó (169), com peneira. E logo *Pajawi* pensou, zangado: aquele moço transou com a minha mulher! *Pajawi* voltou para casa e perguntou para a mulher:

- Como foi?

- Este aqui foi fraco e transou comigo.

Prepararam o peixe. *Pajawi* e a mulher comeram. Depois *Pajawi* disse para a mulher:

- Manda este moço levantar da rede.

O moço saiu da rede e sentou num banco (170), pensando que era para comer.

Pajawi fez um fogo, jogou uma pedra dentro e deixou esquentar até ficar bem amarelinha, de quente. Agora disse para o moço:

- Abre aí a boca!

O moço abriu a boca pensando que era comida. *Pajawi* tacou a pedra quente na boca do moço. Em seguida, *Pajawi* esticou o nariz do moço: virou nariz de jacaré. Puxou o traseiro: virou rabo de jacaré. Encolheu as pernas e os braços: pernas e braços de jacaré. Passou as mãos nas costas: viraram os espinhos das costas do jacaré. Quando o moço ficou um jacaré, direitinho, *Pajawi* jogou na água. O jacaré gemeu: *ũ... ã... ã...* e a pedra quente fez: *txu... txu... txu...* O jacaré saiu nadando para esfriar a pedra da boca (171).

7. A FESTA DO CORÓ

la haver festa numa aldeia de coró. Um moço-coró pôs enfeite de orelha, brinco, colar de cintura e se penteou: ficou todo bem arrumado, bonito, parecendo um moço de verdade. Desse jeito, o moço-coró foi à outra aldeia chamar duas moças irmãs para a festa. (172) Quando chegou lá, a mãe das moças tratou o moço muito bem, oferecendo chicha, comida e ainda mandando deitar numa rede. Depois disto, o moço-coró falou para a mãe das moças:

- Eu vim aqui convidar as suas duas filhas para uma festa na minha aldeia.

- As minhas filhas são muito assanhadas e mais ainda nas festas. Acho melhor que não vão.

- Assim mesmo elas podiam ir.

As moças já foram passando óleo de inajá no cabelo, pintando o rosto com urucum e, no fim, disseram:

- A gente vai, mamãe!

A mãe desconfiou daquele moço: estranho, diferente e desconhecido. Por isso, piscou os olhos para as filhas, querendo dizer que elas não fossem. Mas, a beleza do moço cegou as duas filhas: pegaram as redes, enrolaram, colocaram nas costas e saíram com o moço. A estrada era reta e limpa. Nesta hora, a mãe até chorou... O moço ia tocando uma flauta-de-pã. Logo no começo da estrada, as moças perguntaram:

- A sua casa é muito longe?

- Não muito.

Lá na frente, o moço chamou uma moça para fora da estrada e transou com ela. Depois disto, saíram andando de novo. Não muito longe dali, o moço

fez a mesma coisa com a outra moça. Seguiram. Logo mais, escutaram o barulho da festa na aldeia do moço: muito animada. Andaram mais um pouco e o moço transou mais uma vez com a primeira moça, e logo depois com a outra. Bem ali, escutaram: *ti... ti... ti...*, parecendo socar de pilão: era o barulho da festa dos corós. Quando iam passando perto de um pau-leiteiro bem grosso (173), o moço pulou naquele pau e mostrou que era coró. Ali era a casa de todos eles. Quando as moças viram que o moço era um coró quiseram voltar, mas o caminho estava fechado. Diziam:

- Estamos perdidas! Coró pela frente e mato por trás! Bem que a nossa mãe falou para a gente não acompanhar esse moço!

Naquela afobação, as duas moças pegaram um rumo qualquer. Lá na frente, ouviram um bater de machado-de-pedra. Acharam que podia ser o rumo da casa e seguiram as batidas: deram em dois moços-cigarras, irmãos, tirando mel (174). Um estava trepado num pau e o outro no chão. O de cima dizia:

- Lá vai um favo de mel. Apanha aí! - e jogava.

O de baixo ia apalpando, apalpando, até que achava o favo. As moças diziam:

- Aquele moço do chão é muito bonito, mas é cego: olha como ele custa para achar o favo! Está bom de a gente apanhar o favo deles!

As moças chegaram perto, bem devagarzinho. O moço-cigarra de cima continuava gritando:

- Lá vai mais favo!

O cego ia apalpando, apalpando. Nisto, as moças apanhavam o favo. O de cima perguntava para o irmão:

- Apanhou?

- Ainda não.

- Então, lá vai o angu.

- Joga.

As moças não quiseram apanhar o angu. O de baixo dizia:

- O angu eu achei.

Foram indo assim. Depois de um tempo, as moças tinham uma cabaça cheia de mel. Pegaram o mesmo rumo e foram embora. Mais na frente, uma moça gritou:

- O do chão é cego!... A gente apanhou os favos de mel!...

Os moços-cigarras ouviram o grito e disseram:

- Apanharam o nosso mel! Vamos atrás e ver quem foi!

Saíram correndo e, logo ali, encontraram as duas moças e disseram:

- Ah, são vocês?! Trouxeram o nosso mel, eh! Agora a gente quer o pagamento!

O moço-cigarra que estava em cima do pau segurou uma moça. O cego segurou a outra e cada um transou com a sua. O de cima transou direitinho, mas o cego só transava no umbigo da moça. Esta dizia:

- É mais para baixo!

- Ah, é aqui mesmo! - E derramou a "coisa" dele.

A moça deu um tapa no rosto do cego. No fim de tudo, os moços-cigarras voltaram e as moças pegaram o rumo de novo.

Bem ali na frente, o cego perguntou para o irmão:

- Como foi?
- Tudo bom. E você?
- Tudo bom também.

Lá na frente, a moça do cego perguntou também para a irmã:

- Como foi?
- Tudo bom.
- Pois comigo, não foi bem, não.
- Ué, por que?
- Ele ficou só no meu umbigo.
- Não acredito.
- Verdade, sim.

Já meio longe, o irmão disse para o cego:

- Vamos buscar mais pagamento?
- Vamos, sim.

Mas agora, a gente vai fazer trocado: eu transo com a sua moça e você transa com a minha.

- Combinado.

Os dois voltaram morrendo de achar graça, bem alto. Quando alcançaram as moças, elas perguntaram:

- Por quê vocês estão achando tanta graça assim?!
- Por nada.
- E por quê voltaram?
- A gente quer mais pagamento do mel! E é para já!

Pegaram as moças e transaram com elas, de par trocado. De novo, o cego mexia só no umbigo da outra moça. Ela disse:

- É mais para baixo.
- Ah, é aqui mesmo! - E derramou a "coisa" dele.

No fim de tudo, os moços-cigarras voltaram e as moças seguiram o rumo.

As moças não andaram muito e viram um velho-assombração arrancando cará. As moças conversaram:

- Cuidado, eh! A gente precisa matar esta assombração, se não ela vai atrás da gente!...

- É isto mesmo.

As moças chegaram mais perto do velho e perguntaram:

- Como vai, seu velho?
- Arrancando cará: *ajee tete... joo...* (175).
- A gente pode ajudar?
- Pode, sim.

As moças ajudaram e, no fim, ajuntaram um montão de lenha. Fizeram um fogaréu com muita brasa e disseram para a assombração:

- Vem aqui, vovô, para a gente catar piolho em você.

- Bem, minhas netinhas: *ajee tete... joo...*

O velho assombrado forrou o chão e deitou com a cabeça no colo das moças. As moças iam dizendo, enquanto catavam piolho:

- Antigamente, quando uma mulher catava piolho numa pessoa, esta ia indo, até dormir.

Não demorou, o velho cochilou, dormiu e até roncou. Uma moça disse:

- Ele dormiu.

- Vamos jogar este velho no fogo!

Uma moça segurou debaixo dos sovacos e outra nas pernas. Suspenderam um pouco o velho-assombrado e - pufo - no fogo. Fez: *bo... bo... bo...* e o velho se queimou todo.

As moças continuaram pelo rumo. Mais na frente, viram uma velha-caititu arrancando mandioca e depois ralando nos espinhos de um pau de paxiúba (176) para fazer farinha. As moças perguntaram:

- Fazendo farinha?!

- A mãe de vocês me deu um eitozinho de mandioca e eu estou aproveitando para fazer farinha.

- Ah, sim.

- E vocês, o que fazem por aqui?

- A gente anda perdida.

- Coitadinhas!

- Você sabe o rumo de nossa casa?

- É bem perto daqui. Agora mesmo vocês vão chegar lá. Ontem mesmo eu estive com a mãe de vocês.

As moças seguiram. Não demorou muito, chegaram à casa. A mãe ficou cheia de alegria e perguntou:

- Então, como foram por lá?

- Tudo atrapalhado, mamãe. E, na volta, a gente ainda se perdeu.

- Não falei para vocês não irem?!... Vocês foram porque quiseram! Agora vocês viram!...

- É verdade, mamãe. A gente não escutou.

As moças contaram toda a história. A mãe quase morreu de rir na parte da história dos moços-cigarras (177).

8. OS ERROS DO SOGRO

Janerup virou um pica-pau-de-cabeça-vermelha (178) e foi com a sua mulher à casa do sogro. Assim que chegaram lá, *Janerup* chamou a mulher para ir buscar lenha na roça. Ali, *Janerup* bicou um pau seco e rachou lenha direitinho. A mulher pensava: meu pai não faz assim, não! ele corta lenha é com macha-

do-de-pedra. Trouxeram a lenha para casa e, de tarde, a mulher de *Janerup* disse para os seus pais:

- Meu marido cortou a lenha foi com o nariz.

O pai estava deitado numa rede, só escutando, e disse:

- É, a vida da gente é assim mesmo!

Foi indo, a lenha acabou em casa. Agora os sogros de *Janerup* foram buscar lenha. Lá no mato, o sogro de *Janerup* quis fazer igual a *Janerup*. Bateu o nariz num pau seco de lenha: quebrou a cara, a testa e morreu. A sogra de *Janerup* voltou sozinha para a casa e contou:

- Meu marido bateu o nariz num pau seco de lenha e morreu.

Janerup foi correndo para o mato, passou as mãos no sogro e ele viveu de novo. Os dois voltaram para casa e o sogro mandou *Janerup* embora.

Janerup agora virou uma juriti-vermelha (179) e foi matar peixe com a sua mulher, numa lagoinha (180). A juriti-vermelha bebeu toda a água da lagoinha e a mulher juntou os peixes. No fim, a juriti-vermelha vomitou a água de novo. Era o tempo-da-seca. A mulher pensava: meu pai não faz assim, não! ele mata peixe é batendo cipó-timbó. Trouxeram os peixes para casa e deram para a sogra de *Janerup*. De tarde, a mulher de *Janerup* disse para os seus pais:

- Meu marido não bateu cipó-timbó como a gente faz para matar peixe: ele fez foi beber toda a água. Eu catei os peixes depressa e, depois, ele vomitou a água de novo.

O sogro estava deitado numa rede, só escutando, e disse:

- É, a vida da gente é assim mesmo!

Foi indo, os peixes acabaram em casa. Agora os sogros de *Janerup* foram matar peixe na lagoinha. O sogro bebeu toda a água. A mulher foi ajuntando os peixes. Nisto, o sogro de *Janerup* não aguentou, estofou e morreu. A sogra de *Janerup* voltou sozinha para a casa e contou:

- Meu marido bebeu toda a água da lagoinha, não aguentou e morreu.

Janerup foi correndo até à lagoinha, botou o sogro de cabeça para baixo, ele vomitou toda a água e viveu de novo. Os dois voltaram para casa e o sogro mandou *Janerup* embora.

Outro dia, *Janerup* virou um martim-pescador e foi pescar com a sua mulher. Chegaram à beira de um rio. O martim-pescador deixou arco e flecha no chão e subiu num pau. A mulher perguntou:

- Como que você vai pescar sem arco e sem flecha?

- Você vai ver.

O martim-pescador ficou sondando de lá de cima do pau. Passou um peixe-cachorro (181): o martim-pescador pulou na água - pufo - e agarrou o peixe-cachorro pelo pescoço. Passou um peixe-pintado (182): o martim-pescador agarrou também. Um matrinxã: do mesmo jeito. Disse para a mulher:

- Você está vendo agora?

A mulher pensava: meu pai não faz assim, não! ele mata peixe é com arco e flecha.

O martim-pescador sondou de novo e matou um montão de peixe. O martim-pescador fez um trançado de folha de açai, botou os peixes dentro e deu para a mulher levar para casa. Em casa, deram para a sogra de *Janerup*. Ela socou e comeram os peixes.

De tarde, a mulher de *Janerup* disse para os seus pais:

- Meu marido não pesca com arco e flecha, não! ele pesca é com o bico.

O sogro estava deitado numa rede, só escutando, e disse:

- É, a vida de gente é assim mesmo!

Passaram uns três dias comendo peixe e fizeram mojica com os últimos. Agora os sogros de *Janerup* foram pescar. Chegaram à beira do rio. O sogro deixou arco e flecha no chão e subiu num pau, como fez o martim-pescador, e ficou sondando. Passou um peixe: o sogro pulou na água - pufo - afundou e não voltou mais. A sogra de *Janerup* voltou sozinha para casa e contou:

- Meu marido caiu na água, afundou e morreu.

Janerup saiu correndo para o rio. Tirou o corpo do sogro da água e fez viver de novo. Os dois voltaram para casa e o sogro mandou *Janerup* embora.

Agora *Janerup* virou uma mutuca (183) e foi com a sua mulher tirar mel. Lá no mato, uma hora, *Janerup* disse:

- Olha aqui uma boca de mel naquele pau.

- Onde? Não estou vendo nada!

- Você já vai ver.

Janerup fez um jirau, subiu em cima e falou para a mulher:

- É aqui, viu? Agora eu quero o machado-de-pedra.

A mulher entregou o machado-de-pedra. *Janerup* bateu com ele na barriga dele mesmo e escorreu só mel (184). Deu para encher toda uma cabaça. *Janerup* tirou ainda filhote e angu. A mulher pensava: meu pai não faz assim, não! ele tira mel é do oco de pau. *Janerup* desceu e fechou a barriga. A mulher quis ver o sinal do talho, mas não viu nada.

Trouxeram o mel para casa e deram para a sogra de *Janerup*. De tarde, a mulher de *Janerup* disse para os seus pais:

- Meu marido não tira mel do oco do pau, mas da barriga dele mesmo.

O sogro estava deitado numa rede, só escutando, e disse:

- É, a vida da gente é assim mesmo!

Foi indo, acabou o mel em casa. Agora os sogros de *Janerup* foram tirar mel. Lá no mato, uma hora, o sogro disse:

- Olha ali uma boca de mel naquele pau.

- Onde? Eu não vejo nada!

- Você já vai ver.

O sogro fez um jirau, subiu em cima e falou para a mulher:

- É aqui, viu? Agora eu quero o machado-de-pedra.

A mulher entregou o machado-de-pedra. O sogro bateu com ele na barriga dele mesmo e morreu. A sogra de *Janerup* voltou sozinha para a casa e contou:

- Meu marido bateu com o machado-de-pedra na barriga e morreu.

Janerup saiu correndo para o mato e curou o sogro. Os dois voltaram para casa e o sogro mandou *Janerup* embora.

9. A ORIGEM DO MORCEGO (I)

Eram dois primos irmãos, criados juntos. O mais velho era já casado. Um dia, morreu a mãe do mais novo e ele foi chorar no meio de uma estrada. Chegou o primo mais velho e perguntou:

- O que foi com você? Você parece triste! Não fique assim, só pensando!
- Você não sabe: eu perdi a minha mãe.
- Ah, agora eu entendo, mas não precisa ficar pensando tanto!
- Muito triste, primo!
- Então, vamos para uma festa em minha casa! Você vai esquecer tudo.
- Eu escuto o meu primo mais velho: vamos lá.

O primo mais velho levou a rede e tudo o mais do mais novo. No meio do caminho, o mais velho pintou o primo de jenipapo, urucum e ainda entregou um arco para ele. Ficou todo enfeitado, mas mesmo assim, ainda chorava. Mais na frente, os dois ouviram o toque de flauta-de-pã e toda a animação da festa. O mais novo ainda chorou um pouco, lembrando a mãe. Quando chegaram à casa da festa, o mais novo avistou a lembrança da mãe, quando viu todo o mundo dançando: é que a sua mãe gostava de dançar. O primo mais velho perguntou:

- E agora esqueceu mais?
- Quase tudo.

Havia muita moça na festa. Muitas delas seguravam no pescoço, nos braços e na cintura do dono da festa. Era aquela fileira de moças!

O primo mais velho dançou primeiro com a mulher dele e, depois, com uma moça. O mais novo começou a dançar também. Uma hora, muitas mulheres moças e velhas seguravam no braço do mais novo para dançar também. Fileira grande. O primo mais novo dizia:

- Agora, sim, esqueci tudo!

Num intervalo da dança, o primo mais velho viu um monte de moças sentadas ao lado do mais novo. Na partida seguinte da dança, o mais velho queria se livrar da mulher dele e dançar com uma moça, mas a mulher não saía ali de perto. No outro intervalo, uma moça ficou caída pelo mais velho e puxou pelo braço dele, querendo sentar num lugarzinho separado. O mais velho não sentou por causa da mulher. Esta levou o marido para sentar num lugar bem claro. A mulher disse para a moça:

- Vem aqui! Que tal este moço? Dança e canta bem, eh?!
- É verdade! gostei muito do jeito dele e até me deu vontade de namorar com ele! É muito carinhoso!
- E você sabe com quem está falando?

- Não.

- Pois é com a mulher dele!

A moça ficou triste e sem jeito. A festa continuou e o primo mais velho falou para a moça:

- Vamos dançar?

- Vamos.

A moça agarrou no primo mais velho e dançaram. A mulher também dançou com outro homem. De vez em quando, o primo mais velho fazia um sinal de amor para a moça. A mulher fazia também a mesma coisa com o outro homem. Com isto, o mais velho se separou de sua mulher.

A festa continuou rolando. O primo mais velho pediu a moça em casamento. Ela aceitou e todo o mundo gostou. Por outro lado, a mulher pediu o outro homem em casamento. Assim, os dois pares novos se casaram na mesma noite. Houve muita chicha de milho-fofo (185), chicha de mandioca-doce (186), carne assada, beiju e mojica.

Não demorou, a mulher chegou por detrás da moça e desceu uma flecha jurupará no braço da moça e cortou. Depois a mulher disse:

- Agora sim, eu estou alegre! - e jogou o braço cortado da moça no fogo!

O pessoal ainda pegou o braço e jogou para cima: virou um morcego (187).

A ORIGEM DO MORCEGO (II)

Numa aldeia nunca havia festa. Por causa disto, toda a noite, um homem dizia para a sua mulher:

- Eu vou dançar na festa da outra aldeia, na casa grande. As moças sempre me falam para eu nunca faltar. Elas me seguram nos braços, nas orelhas, no pescoço, nas pernas, na cintura, e até nos dedos dos meus pés. É aquela fileira de moça segurando em mim! Assim, eu danço a noite inteira! Queria que você visse! As moças gostam muito de mim!...

O homem era o dono da festa. Fazia chicha de açaí (188) e de fruta-de-morcego (189) e dava para o pessoal da festa. Era sempre assim.

No começo, a mulher acreditava, mas depois de um tempo, começou a desconfiar daquela história, e uma noite foi sondar o marido. Chegou à outra aldeia e não viu nenhuma festa. Tudo era silêncio. O homem dançava era sozinho. A mulher voltou. Na noite seguinte, quando o marido ia saindo mais uma vez para a festa, a mulher disse:

- Leva também a nossa filha. Ela gosta de dançar!

- Não precisa, já tem muita moça para a dança.

- Mentira, você está dançando é sozinho!...

- Já falei: há muita moça na festa!

- Você podia parar de mentir!

No outra noite, quando o homem saiu, a mulher saiu atrás. Levou a filha e uma semente de cumbaru (190). Depois que o homem dançou, a mulher deixou a semente de cumbaru na casa grande e voltou com a filha. Na volta do homem, ele viu a semente de cumbaru e, em casa, perguntou para a mulher:

- Por quê você deixou na outra aldeia aquela semente de cumbaru?

- Eu não deixei nada!

- Não minta! Não falei para você não aparecer lá?!...

O homem pegou a filha, matou e jogou fora. Na hora, pai e mãe não choraram, só de raiva. Mas depois de um tempo, choravam dia e noite. Foi indo, o pai colocou os ossos da filha dentro de um broto de pacova: o broto abriu. Passou para outro broto de pacova: abriu também. Agora colocou dentro da casca de um pau.

Tujarare pegou o homem e fez virar morcego.



10. OS JABUTIS, A ONÇA E A ANTA

Num dia, de tardezinha, um bocado de jabuti estava trepado nos galhos de um pé de ingá, comendo ingá (191). Nesta hora, chegou uma anta e perguntou:

- O que vocês estão fazendo aí em cima?
- Comendo ingá.
- Então, joguem um pouco aqui para mim.
- Lá vai! - E jogaram casca, achando graça.
- Eu quero é ingá mesmo!
- Agora vai ingá! - E mais casca!
- Não brinquem assim comigo, não! Olhem que eu vou aí e derrubo vocês!
- Você é muito pesada e não sobe em pau!...

Os jabutis teimaram e jogaram mais casca. Agora a anta zangou, chegou perto do pé de ingá e tacou o nariz no tronco. O pé de ingá balançou e os jabutis - pufo - no chão, menos dois, que ficaram enganchados lá em cima. A anta pisou em alguns dos que caíram no chão e eles viraram uma chapa. Os enganchados só desceram depois.

* * *

VARIANTE: Os jabutis pisados afundaram na lama.

* * *

A anta foi embora e os jabutis não pisados foram atrás dela para matar. Andaram a noite inteira. Num lugar, viram rasto de anta e perguntaram para o rasto:

- Onde está o seu dono?
- Passou por aqui e não faz tempo.

Os jabutis continuaram correndo. Lá na frente, encontraram uma bosta meio seca da anta e perguntaram para a bosta:

- Onde está o seu dono?
- Faz um pouco de tempo me deixou aqui.

Os jabutis sempre correndo. Mas adiante, viram uma bosta mais fresca e perguntaram também:

- Onde está o seu dono?
- Dormindo aí por perto.

Os jabutis continuaram na mesma marcha. Mais logo, encontraram a anta dormindo e roncando: *rum... rum... ru...* Um jabuti entrou pela bunda da anta e outro pela boca: os dois foram comendo as tripas da anta até ela morrer.

* * *

VARIANTE: Um jabuti entrou pela bunda da anta: comeu o coração e o fígado e a anta morreu. O jabuti saiu pela boca.

* * *

Os jabutis taparam as partes dos seus corpos por causa das varejeiras. Depois, subiram no corpo da anta e morderam toda ela e ainda dançaram ali em cima, achando muita graça. Foi aquela festa!... Os jabutis, em seguida, saíram procurando lenha para assar e comer a anta.

Nisso, deram com uma onça dormindo perto de um fogo. Os jabutis queriam roubar o fogo, mas na hora a onça acordou e disse:

- Ei, criançada! o que vocês estão querendo aqui?!...
- A gente quer fogo.
- Para quê?
- Para queimar uma casa de marimbondo (192).
- Casa de marimbondo?!
- Isto!
- Onde está?
- Ali atrás.
- Então, vamos lá ver.
- Não precisa. Basta a gente levar o fogo.
- Mas eu quero ir.

Nesta hora, os jabutis ficaram tristes, pensando que a onça queria era tomar e comer a anta deles. Mas não havia outro jeito: ela queria ir. Seguiram juntos e chegaram onde estava a anta morta. A onça e os jabutis começaram a comer a carne da anta. A onça disse:

- Vocês comem a carne e eu os ossos.

Mas os jabutis teimaram e foram comendo também os ossos. Foi aquela briga!

* * *

VARIANTE: A onça foi logo pegando a anta e levando para comer sozinha. Os jabutis ficaram só olhando, sem poder fazer nada.

* * *

Em casa, a onça deixou a carne da anta perto do fogo. Todo o dia, os jabutis iam, escondidos, comer a carne na casa da onça. Quando a onça ia chegando, eles corriam. Mas um dia, não deu tempo para todos correrem e um deles trepou no jirau e a onça ainda viu. A onça pegou o jabuti e jogou fora. Ele ficou lá, muito triste.



Os jabutis, a onça e a anta (mito 10)

11. A CUTIA INFIEL

Uma cutia sempre ia buscar coco de tucum-do-mato e de inajá no mato e, lá, traía o marido com um macaco. Depois disto, a cutia voltava para casa com xire de carregar cheio de coco de tucum-do-mato e de inajá. Foi indo, a cutia teve um filho do macaco. O marido da cutia não sabia de nada, e até pensava que o filho era dele.

O marido da cutia sempre ia também ao mato buscar coco de tucum-do-mato e de inajá para a mulher dele. Um dia, depois que nasceu o filho, o marido chegou com mais coco de tucum-do-mato e de inajá e disse para a mulher:

- Eu trouxe mais coco para você. Traz aqui o nosso filho para eu segurar.

- Não, depois: agora ele está dormindo... Deixa, eu mesmo vou cozinhar os cocos.

- Então, eu mesmo cozinho.

Tudo pronto, o marido disse de novo:

- Vem comer.

- Espera aí!... O menino está dormindo.

- Então, eu vou tirar os cocos para você.

- Está bem, traz aqui.

O marido saiu para buscar mais coco de tucum-do-mato e de inajá no mato. O menino começou a chorar e a mãe disse:

- Não chore, filho!

- Quero o meu pai.

- Ele já vem.

- Onde ele foi?

- Caçar!... - e deu umas palmadinhas no filho para ele dormir.

Não demorou, chegou o pai e disse:

- Por quê o nosso filho está chorando?

- Sente falta de você.

- Não chore, filho, aqui você tem mais coco de tucum-do-mato e de inajá.

O pai colocou os cocos nas mãos do filho (193).

Era sempre assim. Um dia, o marido tornou a ir buscar coco no mato. Quando ia chegando de volta, escutou, de longinquo, a mulher cantar assim, em casa:

Konipo (194)

Já vem

eneruwa (195)

seu pai

reko (196):

lembrando:

õ'õ'i...

õ'õ'i...

Tukumã'i (197)

Coco de tucum-do-mato

i'wyrimũ (198)

embaixo

ujãujãna'i (199):

pulando

õ'õ'i...

Ywākā'i (200)

Galho

rupi (201)

correndo

ujãujãna'i:

pulando

õ'õ'i...

<i>Taraku'a</i> (202)	<i>'kytykytyka</i> (203)	<i>ojee</i> (204):	<i>õ'õ'i...</i>
Taracuá	esfregando	nele	
<i>Ywākā'i</i>	<i>imowowoka</i> (205)	<i>okoo</i> (206):	<i>õ'õ'i...</i>
Galho	<i>partindo</i>	<i>para lá e para cá.</i>	

O marido escutou todo o canto, acabou de chegar e disse:

- Então, quer dizer que o filho não é meu, eh?!...

- Não é mesmo, não!

O marido chegou perto da rede, pegou o filho do macaco e jogou fora num galho de pau. O macaquinho gritou: *kwirirok... kwirirok...* e disse:

- Me pega aqui, mamãe!

- Vai pulando por aí, filho. O seu pai de verdade vai aparecer logo e levar você.

O macaquinho saiu pulando e assobiando pelas árvores, chamando o pai.

Este chegou e perguntou:

- O que foi, filho?

- O marido de minha mãe me jogou aqui fora.

O pai de verdade do macaquinho ficou zangado, mas não podia fazer nada.

Depois de um tempo, nasceu outro filho da cutia. O marido da cutia disse:

- Este aqui é meu filho mesmo! E ficou alegre.

12. A ORIGEM DO PERNILONGO

Um homem sempre, de noite, vinha à casa de uma família. Trazia peixe e dava para uma moça ali da casa cozinhar e comer. A mãe da moça sempre perguntava para a filha:

- O que você vive assando aí neste fogo?

- É amendoim, mamãe.

Foi indo, o homem encheu a moça. O homem vinha de noite, porque tinha a bunda e as pernas finas e precisava se esconder, de vergonha.

Um dia, *Tujarare* chegou à casa da moça e mandou todo o pessoal dali ajuntar lenha e fazer um fogo. De noite, quando o homem chegou com peixe, *Tujarare* mandou o pessoal jogar o homem no fogo e ele morreu queimado: sobrou apenas a cinza. Depois, *Tujarare* disse para o pessoal:

- Agora joguem esta cinza na água.

- Quando chover, a gente joga na chuva.

- Na água, eh!

Mas, o pessoal nunca jogava. Então, *Tujarare* zangou, pegou um abano (207) e espalhou a cinza por todo o lado: a cinza virou pernilongo. *Tujarare* disse:

- Agora, daqui para a frente, todo o mundo vai sofrer com pernilongo.

13. A VERGONHA DO PERNILONGO

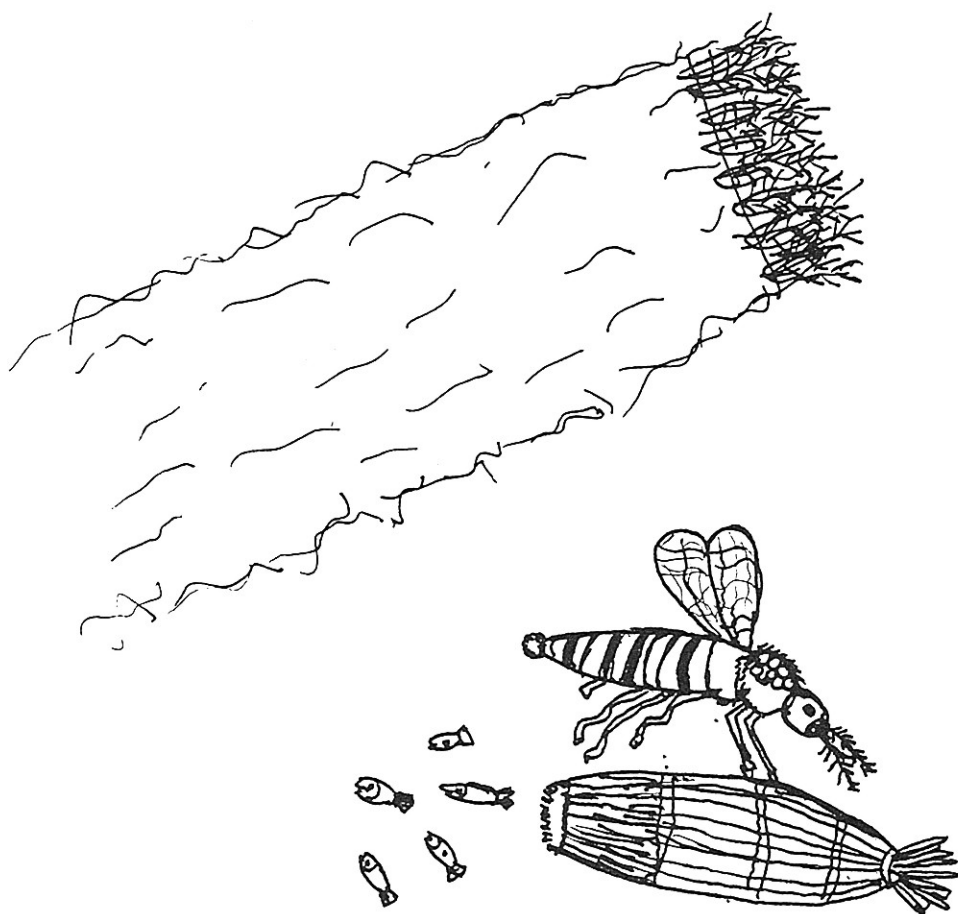
No começo-da-seca, os homens de uma aldeia fizeram uma tapagem de pescar e colocaram na tapagem um jequi para pegar peixe. Um homem de bunda e pernas finas era quem cuidava do jequi. Saía de casa sempre de madrugada e voltava só à noite. Quando escutava algum barulho na beira do rio, caía na água: tudo isto só de vergonha da bunda e das pernas finas. Só tirava o peixe do jequi quando não havia ninguém ali por perto. Os donos da tapagem e do jequi nunca apanhavam peixe.

O homem era casado com duas mulheres irmãs. O sogro vivia preocupado porque o genro passava o dia todo sem comer. Um dia, o sogro perguntou para as filhas:

- Por quê o marido de vocês não pára em casa de dia?
- A gente também não sabe, papai.

Passou um tempo, as mulheres do homem foram sondar o marido. Quando ele viu as mulheres, correu e caiu na água. Mas as mulheres ainda viram a bunda e as pernas finas do marido. Em casa, as mulheres disseram para o pai:

- Agora a gente sabe porque o marido da gente nunca chega aqui durante o dia.
- Por quê?
- É porque ele tem a bunda e as pernas finas, e morre de vergonha da gente.



A vergonha do pernilongo (mito 13)

14. A MULHER INFIEL

Uma mulher não respeitava o marido e tinha um quebra-galho. O marido queria descobrir quem era o quebra-galho e, um dia, disse para a mulher:

- Eu vou caçar no mato com outros companheiros e só vou voltar daqui a alguns dias.

O homem e os companheiros saíram para o mato. Um dos companheiros também desconfiava de sua mulher.

Uma noite, o homem e o companheiro voltaram para sondar cada um a sua mulher. O homem chegou à sua casa, bem devagarzinho, com uma flecha jurupará e um tição de fogo. Encontrou o quebra-galho ainda em cima de sua mulher, depois de ter gozado dela. Os dois já estavam até dormindo. Também o homem não pensou duas vezes: colocou o tição de fogo no chão e, só de raiva, cortou o saco do quebra-galho com a jurupará. O quebra-galho morreu ali mesmo, em cima da mulher. Correu muito sangue, mas a mulher nem viu nada, de tanto dormir.

O companheiro não viu nada na sua mulher e os dois voltaram juntos para a caçada. No acampamento, não contaram nada para ninguém. Só conversaram entre si. O homem perguntou para o companheiro:

- E aí, a sua mulher?

- Não vi nada.

- Pois encontrei um quebra-galho em cima da minha.

- E o que você fez?

- Cortei o saco dele com uma jurupará! - Olhe aqui.

Todo o mundo matou macaco, caititu, porco-queixada, jacutinga e mutum-cavalo. Botaram tudo no fogo para moquear. O homem da mulher infiel colocou também o saco do quebra-galho no meio da carne para moquear junto.

Lá na aldeia, o pessoal comentava triste:

- O que foi com este homem?

- Morreu de quê?

- De repente?

- Ninguém sabe!

Enterraram o morto.

Quando os caçadores chegaram à aldeia, o homem traído colocou o saco do quebra-galho no fogo, junto com toda a carne para esquentar. Foi indo, a mulher ficou com fome e o marido disse para ela:

- Aí tem carne, pode comer...

A mulher pegou o saco do quebra-galho e comeu com farinha, numa cuia grande. No fim, tomou água. O marido perguntou:

- Gostosa a carne?!

- Gostosa mesmo.

- Muita gordura.

- É assim que eu gosto.

- Pois você acabou de comer foi o saco do seu quebra-galho. E agora não quero mais saber de você. Daqui para frente, cada um de nós dois vai cuidar de sua vida.

- Mas como que você pode fazer assim comigo?!

- Você vivia me traindo!...

15. A POSSE DO FOGO

Naquele tempo, Kayabí não tinha o fogo. Assava carne e peixe em cima de uma pedra, ao sol quente. As coisas levavam muito tempo para assar e ninguém aguentava de fome, até assar. Também colocava a mandioca na água para amolecer e, depois que tirava da água, colocava ao sol para secar e comia assim mesmo. Com o tempo, o Kayabí enjoou de viver assim. Foi que um dia, *Pajawi* ficou com pena do povo kayabí e disse:

- O que vocês têm aí para comer?

- A gente não tem nem fogo.

- Deixem que eu vou dar um jeito nisto.

Pajawi foi andar no mato. Lá na frente, esfregou terra de cupinzeiro no corpo, fechou a bunda com um sabugo, tapou o nariz e os ouvidos com folha. Deixou apenas uma brechinha nas folhas do nariz para respirar. Tapou ainda os olhos com os dedos das mãos, deixando também uma brechinha para olhar. Deitou no chão e ficou ali, bem quietinho, como morto. As varejeiras juntaram no corpo de *Pajawi* e encheram todo o corpo dele de coró. Não demorou, desceu todo um bando de urubu-preto. Sentaram em cima de *Pajawi* para comer os corós. Para os urubus-pretos os corós eram peixe. Quando os urubus bicavam na bunda e nos olhos de *Pajawi*, ele tremia o corpo e piscava os olhos. Nesta hora, os urubus davam um pulo de lado: *ko... ko... ko...*, e ainda bicavam um no outro.

Um urubu-preto subiu lá em cima e disse para o urubu-rei (208):

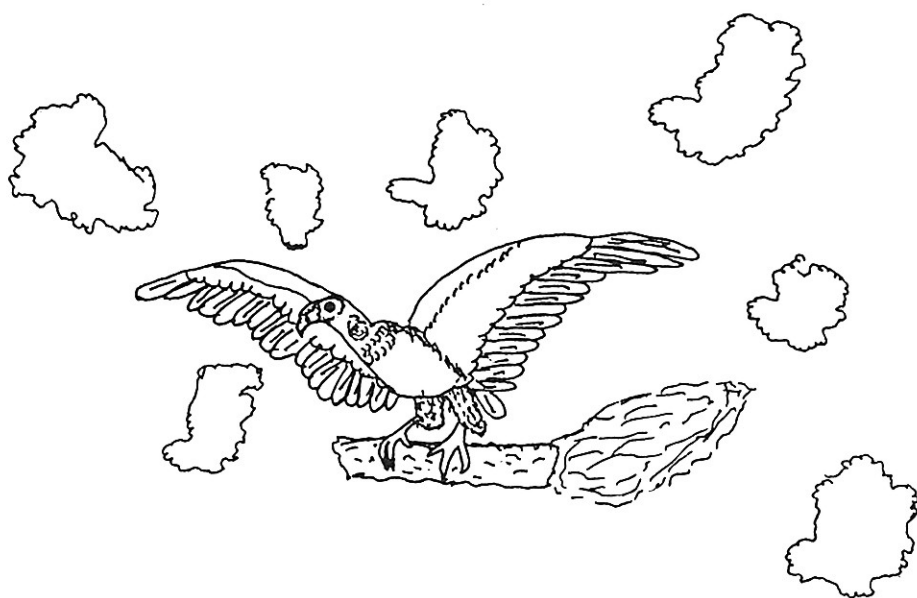
- Lá embaixo tem uma lagoa cheia de peixe morto: bom para comer.

O urubu-rei desceu com um tição de fogo. Colocou o tição de fogo bem na frente do nariz de *Pajawi* e disse para os outros urubus:

- Assoprem o fogo para assar o peixe. *Pajawi* abriu um pouco os dedos, que tapavam os olhos e viu o fogo no meio dos urubus. Nesta hora, *Pajawi* virou um pica-pau-anão, agarrou, de supetão, um tição de fogo e correu com ele. Os urubus ainda deram uns pulos de lado: *ko... ko... ko...*

Os urubus ficaram sem o fogo (209). *Pajawi* saiu passando o tição de fogo nos paus bons de lenha: *jawi'yp* (210), jatobá-grande e jatobá-pequeno (211), taquarinha de flecha, café-de-macaco (212) e outros.

Pajawi chegou à aldeia e distribuiu o fogo para todo o mundo. Em seguida, pegou dois pauzinhos de urucum-do-mato (213), deitou um deles no chão e segurou com um pé; depois, encostou a ponta do outro pauzinho na ponta do pauzinho do chão e foi girando com as mãos. Foi indo, saiu fumaça e, logo mais, o fogo (214). E toda a vez que precisavam de fogo faziam assim.



A origem do fogo (mito 15)

16. A ORIGEM DA LUA (I)

Antigamente, não havia o céu e, por causa disso, o sol era muito quente. Então, *Janerup* começou a fazer uma peneira de trança larga para colocar entre o céu e a terra e diminuir a quentura do sol. Na hora de fazer a peneira, chegou o filho mais velho e perguntou:

- O que você faz aí, papai?
- Uma peneira de trança larga.
- Ah, sim.
- Por quê pergunta?
- Por nada, e até posso ajudar.

Quando a peneira esteve pronta, *Janerup* **falou** para o filho mais novo:

- Leva aqui esta peneira e dependura bem rente com as árvores, para diminuir a luz quente do sol.

- Já vou.
- Rente com as árvores!...

O filho agarrou a peneira e foi subindo e passou das árvores.

- Rente com as árvores! - disse *Janerup*.

O filho continuou subindo...

- Então, deixa aí mesmo!

O filho foi subindo...

- Aí está bom...

E o filho subindo...

- Então sobe de uma vez!

O filho sumiu de uma vez e, lá em cima, virou a Lua e tomou o nome de *Merõ* (215). *Janerup* disse de novo:

- Pode ficar lá mesmo, andando para lá e pra cá, sem parar, em cima da gente (216).



A origem da lua (mito 16 - I)

A ORIGEM DA LUA (II)

Uma mulher estava fazendo uma panela de barro. Chegou ali um homem e disse:

- O que você está fazendo aí?
- Uma panela de barro.
- Mas isso não tem jeito de panela nenhuma e nunca vai aprumar.
- Deixa.

O homem saiu, mas logo voltou e disse de novo:

- Ainda lutando com esse barro sem jeito?!
- Ainda.
- Não apruma mesmo.
- O serviço é meu.
- Perdendo tempo! Não vai aprumar!

A mulher zangou, encheu uma mão de barro e tacou na cara do homem.

★ ★ ★

VARIANTE: A mulher deu um tapa na cara do homem.

★ ★ ★

O homem virou a Lua (217).



17. O HOMEM MATA A ASSOMBRAÇÃO

Um homem foi andar no mato e lá viu uma assombração de um braço e de uma perna finos. A assombração andava escorada num tipo de muleta e tinha uma borduna na mão. Durante três noites perseguiu o homem. Este queria se esconder, mas não dava jeito: três noites sem dormir. Na última noite, o homem escutou uns passos de muleta: era a assombração. Esta acabou de chegar perto do homem e disse:

- Eu cheguei e queria dormir com você. Tira aí umas folhas para eu forrar o chão.

O homem tirou umas folhas e disse:

- Olha aí as folhas.

- Estas eu não quero.

O homem tirou outras folhas e disse de novo:

- E estas aqui?

- Também não.

Então, o homem cortou umas folhas de urtiga (218) com uma concha (219) e disse para a assombração:

- E estas, agora?

- Muito boas! estas que eu queria!

O homem forrou o chão com as folhas de urtiga. A assombração deitou em cima. As costas dela até pipocaram: *pororok... pororok...* Não demorou, ela roncou: *uhu... uhu... uhu...* Nessa hora, o homem se mandou e desapareceu. A assombração queria era matar o homem, mas ele não foi bobo. O homem correu mais três noites, sem parar e sem deixar nenhum sinal. A assombração acordou e foi de novo atrás do homem: saiu certinho nele, mesmo sem sinal. O homem esfriou de medo e pensou: e, agora como que eu posso fazer?! A assombração chegou bem pertinho do homem e disse:

- Quero folha de novo de urtiga para dormir.

O homem cortou as folhas.

A assombração deitou e dormiu como na outra vez. Mais uma vez, o homem se mandou e desapareceu. Lá na frente, subiu num pé de buriti (220), cortou o broto e ficou lá em cima, quietinho. A assombração veio chegando devagarzinho, direitinho no rumo do homem. Este pensou: acho que ela vai me ver aqui! Bem debaixo do pé de buriti, a assombração olhou para cima e disse:

- Eu cheguei: *ajee... tete... jo...*

- ...

- Como que você subiu?

- De bunda para cima.

A assombração começou a subir também de bunda para cima. O homem seguiu bem mesmo o broto do buriti e ficou esperando. A assombração ia lutando, lutando para subir com a cabeça para baixo e a bunda para cima. Quando ela chegou bem perto do homem, este meteu o broto de buriti na bunda

da assombração e ainda ficou socando. Ela caiu no chão - bá. O homem desceu, devagarzinho, duvidando se ela havia morrido ou não. Tocou na assombração aqui e ali e, só quando viu que ela já era, correu para casa. Ali contou toda a história, que logo se espalhou por toda a parte. Agora o homem sossegou na vida (221).

18. A ONÇA-PINTADA E O CURIANGO

Um dia, uma onça-pintada saiu andando pelo mato. Mais na frente, viu um curiango procurando um lugar para dormir num galho. A onça-pintada chegou mais perto e perguntou:

- Oh, amigo, o que você faz aí?
- Procuo um lugar para dormir.
- Desce daí que eu quero comer você.
- Ah, não fale assim!
- Mas, eu estou com muita fome.

O curiango virou para um lado e para outro e disse:

- Está certo, você pode me comer, mas primeiro chega aqui mais perto para eu explicar como você precisa fazer.

- Então, como pode ser?

- Primeiro, você tira as minhas penugens, sem mexer nas minhas asas, depois eu subo neste pau e você fica bem debaixo dele com a boca aberta e os olhos fechados.

A onça-pintada fez tudo direitinho. Quando o curiango estava lá em cima no pau, voou - txu - e cagou bem na boca da onça-pintada e ainda saiu cantando (222). A onça-pintada ficou engolindo a bosta mole do curiango e limpando a boca. Ficou para lá de braba e passou uns dias com gosto de bosta na boca.

Depois disto, a onça-pintada continuou andando pelo mato. Lá na frente, viu um tamanduá-bandeira (223) comendo cupim em cima de um cupinzeiro. A onça-pintada chegou mais perto e perguntou:

- Oh, amigo, o que você faz aí?
- Como cupim.
- Vai custar muito para descer?
- Não, desço já.
- Ah, desce logo!
- Espera aí um pouco, ainda não acabei.
- Eu tenho pressa!
- Agora pronto! eu já vou descer!

O tamanduá-bandeira desceu um pouco e disse:

- Aqui está bom?
- Desce mais...

- E aqui?

- Muito bom!... - A onça-pintada avançou no tamanduá-bandeira e comeu todinho.

A onça-pintada continuou ainda andando pelo mato. Mais na frente, viu outro tamanduá-bandeira. A onça-pintada chegou mais perto e perguntou:

- Oh, amigo, o que você faz aí?

- Andando. E você?

- Procuro comida e você vai ser o primeiro!

- Quem? Eu?!

- Você mesmo!

- Mas eu tenho força para me defender. Quer ver?

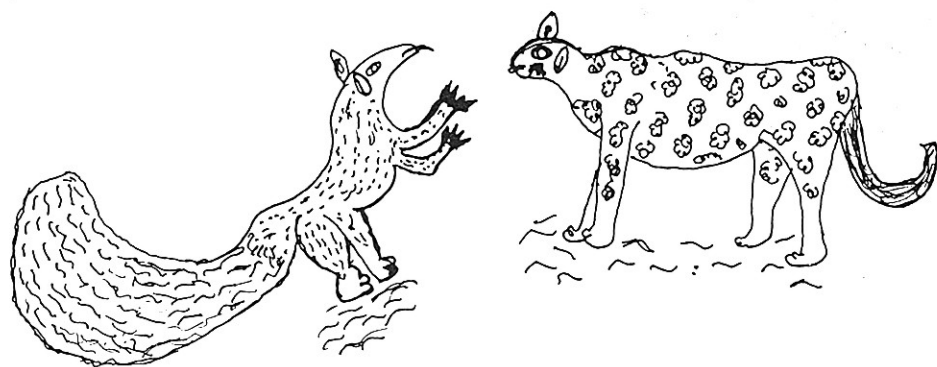
O tamanduá-bandeira abraçou um cupinzeiro, fez todo ele em pedaços e ainda espalhou os pedaços por todo o lado. No fim, ele disse:

- Ainda quer me comer?

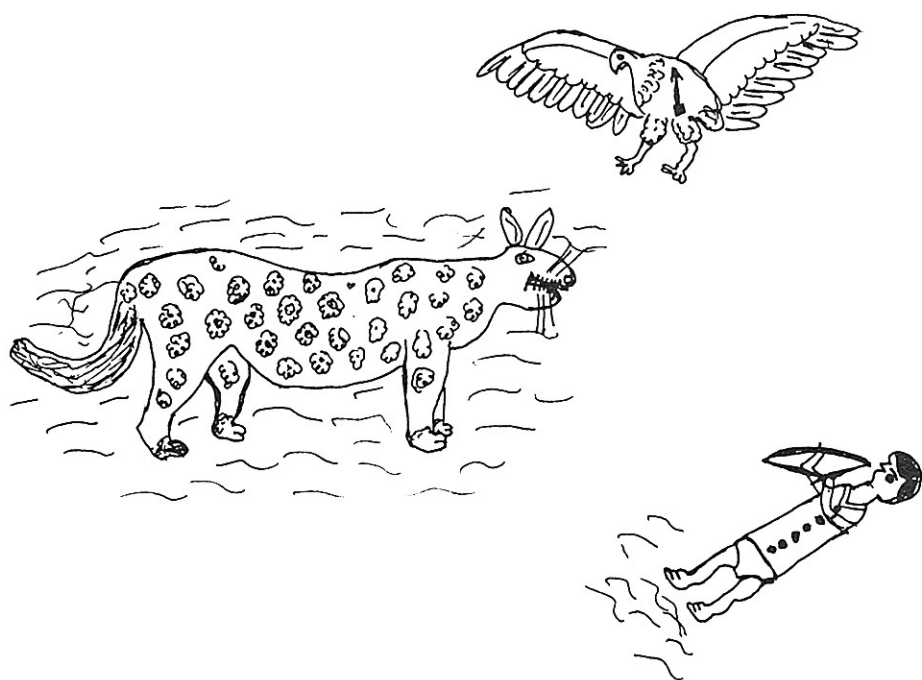
- Não, agora eu não quero mais. Você tem muita força mesmo!... Mas derruba mais um cupinzeiro para eu ver!

O tamanduá-bandeira bateu em outro cupinzeiro - vapo - espatifou todo. A terra do cupinzeiro bateu nos olhos da onça-pintada e ela saiu apalpando pelo mato.





O tamanduá-bandeira e a onça-pintada (mito 18)



O onça-pintada e o curiango (mito 18)

19. A CURA DO MARTIM-PESCADOR

Um dia, uma ariranha viu um martim-pescador e perguntou para ele:

- Oh, amigo, o que faz aí?
- Pescando.
- Pegou alguma coisa?
- Até agora, nada.
- Você não sabe pescar. Eu sei, quer ver?

A ariranha mergulhou e o martim-pescador ficou esperando em cima de um pau. Não demorou, a ariranha boiou com um matrinxã muito grande na boca e disse:

- É assim que a gente pesca!

O martim-pescador pensou que o matrinxã era para ele e ficou todo alegre. Mas a ariranha não deu nada de matrinxã.

A ariranha levou o martim-pescador para um remanso de muito peixe e disse:

- Agora mergulha você!

O martim-pescador caiu na água - tjiptũ - sumiu no fundo das águas. A ariranha ficou no poço, esperando. Lá no fundo, uma piranha (224) comeu uma perna do martim-pescador. Nisto, a ariranha cansou de esperar e mergulhou atrás do martim-pescador. Encontrou o martim-pescador ainda se batendo, cheio de sangue e logo morreu.

A ariranha boiou com a cabeça do martim-pescador e levou para casa. Quando os pais do martim-pescador viram a cabeça do filho, desataram a chorar e disseram para a ariranha:

- Precisa fazer o nosso filho viver de novo.
- Eu não tenho culpa e nem posso fazer nada. Ele mesmo que quis mergulhar.

O avô da ariranha era todo cheio de ferida e sempre fedido de bosta. Ninguém gostava dele e até evitava. Assim mesmo, a ariranha foi à casa do avô e disse:

- Vovô, você não quer tentar curar um homem que não tem mais jeito?!
- Vamos ver, netinha.

O avô entrou numa canoa com a ariranha e foram à casa do martim-pescador. Encontraram todo o mundo chorando. Deram rede, pouso, comida e tudo o mais para o velho. Ele entrou num quartinho escuro da casa, com a cabeça do martim-pescador e dizendo:

- Não se preocupem! Deixem tudo comigo!

Ninguém sabia que o velho era um curador. À meia noite, o velho curou o martim-pescador: ficou vivo, forte e sadio. O velho chamou os parentes do martim-pescador. Eles abriram o quarto escuro e entraram. De repente, apareceu uma luz e o martim-pescador disse:

- Eu estou vivo!

O velho aproveitou e desabafou: o meu povo não gosta de mim e até me evita. Não me dá comida. Só sabe se aproveitar de minhas coisinhas.

O pessoal da aldeia do martim-pescador não sabia o que fazer para agradecer ao velho a cura do martim-pescador. Deram tudo quanto foi tipo de remédio para curar as feridas do velho. No fim, ainda deram um banho nele. O velho sarou de tudo: ficou igual a novo e até casou na aldeia do martim-pescador e ficou morando ali mesmo.

20. A ONÇA-PINTADA E OS OUTROS ANIMAIS

Um dia, se juntaram a onça-pintada, a anta, o veado, o jabuti, o macaco e o tamanduá-bandeira. A onça-pintada disse para a anta:

- Dá aí uma carreira para eu ver.

Quando a anta correu, a onça-pintada avançou nela, matou e comeu. O tamanduá-bandeira só olhando...

Agora a onça-pintada disse para o veado:

- Dá aí também uma carreira para eu ver.

Quando o veado correu - *txe... txe...*, a onça-pintada avançou nele, matou e comeu. O tamanduá-bandeira só olhando...

Em seguida, a onça-pintada disse para o jabuti:

- Posso colocar a minha mão em cima de sua cabeça?

- Pode, sim.

A onça-pintada pôs a mão e o jabuti fez *uex... uex...* A onça-pintada disse de novo:

- Você não é de nada! - e comeu o jabuti.

O tamanduá-bandeira sempre olhando...

A onça-pintada agora se virou para o macaco e disse:

- Vamos ver quem de nós dois!... - querendo dizer quem corria mais e já avançou no macaco.

O macaco deu um pulo e sentou num galho de pau. Se tivesse corrido no chão, já era... O tamanduá-bandeira sempre atento...

Até que enfim, a onça-pintada disse para o tamanduá-bandeira:

- Agora é com você! Dá aí uma carreira para eu ver.

- Eu não vou correr nada! comigo é diferente!

O tamanduá-bandeira falou assim, pulou num galho de pau e até rachou o pau. Nessa hora, a onça-pintada correu de medo. O tamanduá-bandeira disse de novo:

- Viu a minha força?!

O tamanduá-bandeira arranhou ainda todo o pau e disse:

- Vê as minhas unhas também?!

Mas, nessa hora, a onça-pintada já ia meio longinho...

21. O CURIANGO MATA A ASSOMBRAÇÃO

Havia uma roça meio longincho da aldeia e sempre os homens iam lá. Um dia, viram uma assombração na estrada da roça, em cima de um ovo, e fazendo: *ija... ija...* Depois a assombração se levantou e correu atrás dos homens com um pau na mão, para matar a todos. Os homens quase morreram de susto. Ali perto, cantou uma alma-de-gato (225): *xikã... xikã...*

Era sempre assim. A alma-de-gato era valentona e braba. Então, os homens foram ter com ela e disseram:

- Uma assombração corre sempre atrás da gente, na estrada de nossa roça. Você não quer dar um jeito nela?

- É longe?

- Bem pertinho.

- Então, vamos.

A alma-de-gato foi na frente. Quando viram a assombração, esta saiu correndo mais uma vez atrás dos homens. Na hora que a assombração passou perto da alma-de-gato, ela correu também e foi embora.

★ ★ ★

VARIANTE: A alma-de-gato desmaiou e caiu no chão.

★ ★ ★

Os homens disseram:

- Esta alma-de-gato não é de nada!

Por outro lado, todo mundo sabia que o curiango vivia só dormindo e era bem pequenino. Mesmo assim, os homens foram à casa dos parentes do curiango e disseram:

- Onde mora o curiango?

- Lá mesmo.

- A gente vai falar com ele.

- Precisa vocês levar uma varinha para bater nele, porque só vive dormindo.

Os homens chegaram à casa do curiango e chamaram. O curiango não respondeu nada. Chegaram de novo e... nada. Pegaram a varinha e - vapo - no curiango. Só agora o curiango acordou e disse:

- O que foi com vocês?

- Você é pequeno, mas a gente tem confiança em você. Por isso, temos um assunto para tratar.

- Que assunto?

- Olha aqui: uma assombração sempre corre atrás da gente, na estrada de nossa roça. Você não quer dar um jeito nela?

- É longe?

- Bem pertinho.

- Então, vamos lá.

O curiango foi na frente. Quando os homens viram a assombração, esta saiu correndo mais uma vez atrás dos homens. Na hora que a assombração passou perto do curiango, ele avançou e matou a assombração.

22. A CURA DO JACAREZINHO

Um dia, os filhos de um velho jacaré estavam em cima de uma pedra. Chegou outro jacaré e perguntou:

- Onde está o pai de vocês?
- Vem vindo ali mesmo.
- Ah, sim.
- O que você quer com ele?
- Pedir pra ir curar o meu filho.

O velho pajé já sabia que vinha gente atrás dele. Mesmo assim, perguntou para os filhos:

- Chegou gente me procurando aqui?
- Chegou sim.
- Quem era?
- Um jacaré.
- E o que ele queria?
- Que você vá curar o filho dele.

O velho pajé colocou óleo de tucum-do-mato na cabeça e mais um penacho e saiu para a casa do jacaré. Não era longe. Quando o pajé chegou lá, o jacarezinho já estava se debatendo, para lá e para cá, em cima de uma pedra. De longe, o pajé já viu um espírito-mau no corpo do jacarezinho e ficou até com medo. O pajé começou a soprar fumaça de fumo (226) - urfh - e falando para o jacarezinho:

- Akay... akay... agora mesmo você vai ficar bom!
- O que é akay?
- Fica quieto! Eu estou curando você!

O espírito-mau já se afastou um pouco. Logo mais, o jacarezinho abriu os olhos, sentou e conversou. E, não demorou, falou que doíam as costelas.

Quando o pajé acabou de tirar o espírito-mau, deu um grito bem alto: akay! O jacarezinho levantou, correu e caiu na água. O pai dele caiu também. Só o pajé ficou fora.

23. A SABEDORIA DE UM MARIDO TRAÍDO

Uma mulher vivia traindo o marido. Um dia, o marido disse para os outros homens:

- Eu vou andar pelo mato, mas quando eu voltar, não vou perdoar esta minha mulher.

O marido saiu e, depois de muito tempo, voltou de novo para casa. Era de noite quando chegou. Entrou em casa e sentou no chão, perto da rede da mulher. Esta achou que era outro homem e disse:

- Vem deitar aqui comigo.

- Não, não quero.

- Ah, vem!

- Não, eu queria somente saber onde estão os brincos, as flechas, a bolsa de sorveira e a vasilha de cabaça (227) de guardar as coisas de seu marido.

- Estão aqui.

A mulher levantou, pegou todas aquelas coisas e deu para aquele homem. Agora ele disse:

- Tudo isso agora vai ser meu. O seu marido é muito preguiçoso, não caça nada, não faz roça, só tem ciúme e fica dormindo o dia inteiro.

- Eu também passo vergonha com ele. Eu vou até largar dele. Agora você precisa ficar comigo. Ele não faz nada para os sogros.

- Tá bom, se você ficar comigo, eu vou ser bom para os seus pais.

- Vou largar mesmo do meu marido.

- Então, me pinta, coloca massa de óleo de tucum-do-mato com urucum (228) numa cuia (229) e passa na minha cabeça.

A mulher fez como o homem pediu e, no fim, o homem ainda disse:

- Já vou indo, mas amanhã eu volto para pedir você a seu pai.

No outro dia, o marido chegou à aldeia no meio de um montão de gente. Todo o mundo vinha pintado e enfeitado. O pessoal da aldeia dizia:

- Vamos ver em que casa o marido daquela mulher vai entrar.

O marido entrou na própria casa e sentou num banquinho, ao lado da mulher. Os sogros dele ficaram com o coração na mão, porque o homem era muito perigoso. O homem anarquisou com os sogros, porque nunca corrigiram a filha e, depois, ainda quebrou todas as coisas dos sogros. Só não bateu na mulher. No fim, largou a mulher de uma vez.

24. A PESCARIA DO TUIUIÚ E COMPANHEIROS

Um dia, o mangoari (230) disse para a cabeça-seca e o tuiuiú:

- Vamos flechar peixe?

- Vamos, sim.

Num galho, na beira do rio, o tuiuiú disse:

- Espiem aí como eu vou flechar.

- Tá bem, a gente vai ficar olhando.

O tuiuiú ficou de prontidão. Veio um peixe e ele flechou - txu. Matou o peixe e jogou na barranca do rio. Outro peixe - txu. Matou também e jogou na barranca do rio. Cada flechada era um peixe. A flecha era o bico. Foi indo, acabou o peixe naquele lugar e mudaram para outro lugar, e foi mais peixe. A cabeça-seca e o mangoari juntaram os peixes, encheram um xire de carregar e levaram para a aldeia. Repartiram tudo e a alegria foi grande.

Outro dia, os três saíram de novo para flechar peixe. No mesmo lugar da outra vez. O tuiuiú disse para a cabeça-seca:

- Hoje é sua vez de flechar.

- Certo.

A cabeça-seca ficou de prontidão. Veio um peixe e ela flechou - txu. Matou e jogou na barranca do rio. Outro peixe - txu. Matou e jogou na barranca do rio. Cada flechada era um peixe. Foi indo, acabou o peixe naquele lugar e mudaram para outro lugar e foi mais peixe. Veio um peixe-cachorro. A cabeça-seca flechou - txu. Acertou no meio, em vez da nuca. A cabeça-seca ficou até torta de tanta alegria. Quase quebrou a flecha, que era o bico, mas só entortou (231).

Os três voltaram para a aldeia. A cabeça-seca queria endireitar a flecha, esquentando ao fogo, mas não podia, se não quebrava.

25. O SONHO DOS MENINOS

Um menino sonhou que uma assombração perguntava para ele:

- Você conhece o buraco do urubuzinho (232)?

- Não.

- Você quer conhecer?

- Não sei...

- Vamos lá, eu mostro para você.

A assombração carregou o menino nos braços até um buraco de urubuzinho, jogou lá dentro e, depois foi embora. O menino saiu do buraco, mas não achou mais o caminho de casa. Ficou até de noite no mato, chorando sem parar.

Nisto, a mãe do menino acordou e sentiu a falta do filho. Todo o mundo ajudou a procurar e, por fim, acharam o menino e trouxeram para casa.

Foi indo, outro menino sonhou também que uma assombração perguntava para ele:

- Você conhece o buraco do urubuzinho?

- Conheço.

- Você quer conhecer?

- Já falei que eu conheço!
 - Então, mostra o rumo do buraco!
 - Aqui! - e mostrou certinho o rumo.
 - E o caminho de lá?
 - Aqui! - e mostrou também o caminho.
 - Você acertou tudo. Não precisa levar você.
- No mesmo dia, a história se espalhou por todo o mundo (233).

26. A MULHER E A ONÇA-PINTADA

Uma mulher vivia com ciúme do marido. Um dia, o marido saiu para andar no mato. A mulher ficou com medo de o marido não voltar mais e foi atrás dele. Lá na frente, a mulher encontrou o marido e pousaram juntos. A mulher perguntou:

- Por quê você não volta para casa?
- Agora eu não quero mais.
- Mas, ao menos não se esqueça de mim.
- Certo, mas voltar, nunca mais!

No dia seguinte, os dois seguiram pelo mato e encontraram um mel. O homem furou o mel e tirou uma cuia cheia. Entregou para a mulher e mandou que ela voltasse para casa sozinha. A mulher vinha voltando e chorando. Ali na frente, encontrou uma onça-pintada e gritou pelo marido:

- Onça-pintada! Ela vai me pegar agora mesmo! O que eu vou fazer?

Não deu mais do marido escutar. A mulher correu para trás de um pau. A onça-pintada rodeou o pau e avançou na mulher, mas esta desviou. A onça-pintada foi com as mãos no pau e só arranhou um pouco a mulher. A onça-pintada avançou mais uma vez, mas agora a mulher tacou o mel na cara da onça-pintada. Esta sentou, de cansada e ficou limpando a cara. A mulher pensava: por que eu vim atrás deste homem?!...

Em casa, os pais da mulher já se preocupavam com a demora da filha e a mãe foi ao encontro dela. Logo na frente, as duas se encontraram e se abraçaram. A filha contou toda a história e a mãe disse:

- Não mandei você ir atrás de um ciumento!...

27. A ONÇA COME O HOMEM

Uma vez, um homem levou a mulher para tirar xupé. Lá no mato, viram um xupé num pau. O homem subiu para sapear o xupé e, enquanto isto, a mulher sentou no chão. O homem desceu, pegou o machado-de-pedra e subiu de novo. Derrubou o xupé no chão e disse para a mulher:

- Traz aqui a cuia.

Na hora que o homem abriu o xupé, a mulher viu uma onça dentro e disse:

- Olha aí uma onça!

- Onde?

- Aí dentro!...

- E, agora, como que a gente pode fazer?

O homem tacou um pau bem comprido na cabeça da onça. Mas ela avançou no homem, derrubou e ficou em cima dele: *bu... ti...* O homem gritou:

- Me acode aqui, mulher!

Mas, de tanto medo, ela fez foi subir num pau. Foi indo, a onça largou do homem e ficou olhando para a mulher, lá em cima. E, não demorou, avançou também na mulher e ela gritou para o marido:

- Aqui esta onça não me pega, não me come!

O marido tinha o pescoço todo cortado e não morreu logo porque era muito forte. A onça não alcançou a mulher e voltou de novo para acabar de matar o homem. Abriu a barriga dele, tirou as tripas e espalhou por todo o canto. Enterrou a cabeça. A mulher só olhando!...

A mulher desceu e foi embora. Em casa, contou tudo para o povo dela. Foi um monte de gente buscar os restos do homem. Levaram o corpo do homem todo retalhado e enterraram. A onça ainda seguiu um pedaço da estrada, seguindo o pessoal que levava o corpo do homem.

28. O DESESPERO DA FOME

Um dia, alguns homens foram ao mato. Lá longe, eles se espalharam procurando mel. Passaram quatro luas procurando e não acharam. Já estavam até morrendo de fome. Um dia, um deles disse, mentindo:

- Aqui tem mel.

- Oba!

Um homem derrubou o pau de mel: era só abelha à-toa. O homem zangou e disse para o mentiroso:

- A gente está para morrer de fome e você ainda vem mentir!

- Era mel mesmo.

- Mentira!

O homem zangado cortou o pescoço do mentiroso com um machado-de-pedra e todos voltaram para casa. O pessoal perguntou:

- Mas falta um companheiro de vocês!

- Um pau caiu em cima dele.

- Então, vamos ver.

O pessoal descobriu o sinal de machado-de-pedra no morto e todos disseram:

- Mentira, vocês mataram este homem!

Uns homens queriam matar o criminoso, mas outros não deixaram e tudo ficou só na raiva. Jogaram o morto num buraco de tatu e foram embora.

O criminoso não conseguia dormir, com medo de ser morto pelos outros. Todo o mundo falava para a mulher dele:

- Seu marido não presta! Só mata gente!

A mulher largou do marido criminoso e nenhuma outra moça queria casar com ele, só de medo.

29. A DIVISÃO DE KAYABÍ E NÃO-ÍNDIO

Uma velha queria pena de gavião-real e disse para um velho não-índio:

- Eu estou precisando de pena de gavião-real.

- Você nunca caça e o que vai fazer com pena de gavião-real?! Não dou, não.

Então, a velha zangou e, um dia, escondeu o povo kayabí detrás de uma serra. O velho não-índio perguntou:

- Onde está o pessoal kayabí?

- Não sei. Faz pouco tempo estava aqui.

O velho subiu em cima da serra e gritou. Respondeu lá embaixo, do outro lado. O velho desceu de novo e tornou a perguntar à velha:

- Aonde vai este caminho aqui?

- Não sei.

- Você sabe.

- Já disse que não sei.

- Você tem que contar onde está o povo kayabí!

- Então, eu conto: você passa por detrás daquela árvore, vira de lado, passa uma gruta e, do outro lado, está o pessoal.

O velho seguiu o caminho, chegou lá e disse para o pessoal:

- Agora vai ficar assim mesmo: Kayabí para um lado e não-índio para outro.

- Olhou para os não-índios e disse:

- Vamos procurar um lugar bom para trabalhar, comer e viver.

- Vamos, sim.

Atravessaram um cerrado, chegaram a uma mata escura, fechada e bonita. O velho disse de novo:

- É aqui mesmo! - E acamparam.

O velho mandou o pessoal fazer uma barraca de palha com um jirau, dentro, para guardar as coisas. Depois, roçaram, derrubaram e fizeram roça.

De tarde, todo o mundo ficou com sede e foi embora. Quando chegaram ao acampamento, banharam e comeram. Queimaram a roça e, no lugar, virou uma cidade: começo do mundo dos não-índios.

30. A ORIGEM DAS PLANTAÇÕES

No começo, Kayabí só comia inajá, tucum-do-mato, castanha-do-pará, coco de pacova (234), patauá (235) e outras frutinhas. Uma mãe viúva ficou com dó de seus dois filhos e disse para eles:

- Olhem aqui, meus filhos, vocês precisam fazer roça bem grande, para a gente ter mais coisa de comer.

No começo-da-seca, os filhos fizeram roça. No tempo do sol quente, a mãe tornou a dizer:

- Agora é tempo de queimar a roça (236). Vamos fazer assim: vocês armem a minha rede no meio da derrubada. Eu vou me deitar e ficar lá e vocês podem tocar fogo. Eu vou morrer queimada, mas de mim, vai nascer tudo que é plantação. Vocês não precisam chorar com a minha morte. É para a gente ter mais comida. Também, vocês bastam vir aqui só quando uma baitaca (237) passar voando por cima de nossa casa e cantando: *tawi... tawine...* Só neste dia, as plantações estarão no ponto de comer.

Os filhos fizeram tudinho como a mãe ensinou. A mãe ficou toda bem queimadinha. Do dente, nasceu o milho-fofo; da perna esquerda, nasceu a mandioca-brava; da perna direita, mandioca-mansa; do dedo mindinho, o mangarito pequeno; do dedo anular, o mangarito grande; da tripa, a mandioca-d'água; do apêndice, a batata-doce; do joelho, o amendoim; da junta do dedo pequeno do pé, o amendoimzinho; da vulva, o feijão-de-vara.

Passou o tempo e, um dia de tardinha, passou uma baitaca por cima da casa dos filhos, cantando: *tawi... tawine...* No dia seguinte, os dois filhos foram ver a roça: tudo no ponto de comer. Os dois filhos até choraram de emoção...

31. A MOÇA CASA COM CORÓ

Uma moça de cabelo comprido e muito bonita, vivia triste querendo casar. Um dia, um moço, também muito bonito, de olhos graúdos, apareceu para a moça, na estrada do porto do rio. A moça disse:

- Você não quer casar comigo?

- Se você quiser, a gente casa.

A moça voltou para casa e não disse nada para ninguém. Daqui para a frente, toda a vez que a moça ia ao porto buscar água, demorava muito, porque lá se encontrava com o moço.

Um dia, a irmã mais nova da moça viu os dois conversando no porto. A irmã correu de volta e contou para a mãe.

- Então, vai lá ver o que os dois estão conversando! - disse a mãe.

A irmã foi e voltou dizendo:

- Vi os dois abraçados!
- Você não está mentindo?
- Não, mamãe, foi verdade.

A mãe zangou com a filha mais nova e até bateu nela. No outro dia, a moça foi buscar água de novo e voltou logo. Na outra vez, já demorou mais. Agora, a mãe mesma foi ver. Saiu andando bem devagarzinho e quietinha. Numa pequena curva da estrada, viu os dois abraçados, em cima de um pau. Os dois ficaram atrapalhados. O moço tentou entrar num buraco, mas não deu mais tempo. A mãe disse para o moço:

- O que você faz aqui?
- Encontrei esta moça e ela me pediu em casamento.
- Então, vamos lá em casa falar com o pai dela.
- Hoje não posso ir, porque tenho uma viagem marcada.

Na verdade, ele não queria ir para não mostrar os seus olhos graúdos. A mãe e a filha voltaram para casa.

No outro dia, bem cedinho, a moça foi buscar água no porto. Encontrou o moço e insistiu com ele para ir falar com o pai dela. O moço acabou resolvendo ir, embora meio com medo. Quando chegou lá, o pai da moça disse:

- Passeando?!
- Não, sua filha me chamou aqui.
- O que você está pensando?
- Em me casar com a sua filha. Gostei muito dela. Não sei o que vocês pensam!

- Ela está aí! Já pode deitar com ela. E basta vocês viajarem amanhã.

No outro dia, o casal saiu para a casa do moço. A casa era um pé de sorveira e a moça já ficou meio cismada. De noite, a moça acordou e viu: o marido era um coró. De manhã cedo, a moça virou um coró também. Dias depois, o pai da moça foi ver a filha: um coró.

32. A ORIGEM DO BEIJA-FLOR

Um povo tinha só flor e uma frutinha ao redor da casa. De manhã cedo, todo o mundo saía para chupar a frutinha das flores, até as crianças.

Um dia, um Kayabí foi visitar aquele povo. Achou todo o mundo forte e bonito. O Kayabí perguntou:

- De que vocês vivem?
- De frutinha e de agüinha de flor.
- Ah, sim.
- E vocês?
- De milho e chicha de milho.

O Kayabí foi embora. Outro dia, *Tujarare* foi também ver o povo. Quando ele chegou lá, o pessoal mandou *Tujarare* entrar e sentar. Mas *Tujarare* nunca sentava na casa de ninguém. Sempre ficava só olhando da porta. *Tujarare* viu só flor e uma frutinha por todo o lado. O pessoal dizia:

- Nossa comida é só isso que você está vendo.
- E vão continuar sempre assim?
- Sempre. Se um dia acabar, a gente planta mais.
- Que bom!
- E seu nome?
- Sou um homem à-toa.
- O que faz por aqui?
- Só passeando.

Tujarare virou as costas para ir embora. Nessa hora, todo aquele povo virou beija-flor (238) e voou: *txu... txu...*

Tujarare foi embora. Os Kayabí perguntaram para ele:

- E aquele povo?
- Ficou lá.

Outro Kayabí foi à casa daquele povo e não viu mais ninguém. Voltou e perguntaram para ele:

- Como vai o povo da flor?
- Não vi mais ninguém.
- Ué, o que aconteceu?
- Ninguém sabe.

Perguntaram para *Tujarare*:

- E o povo que você visitou?
- Eu não sei mais de nada...

Tujarare não falou nada, para ninguém ficar com medo dele. Só depois todo o mundo veio a saber que *Tujarare* fez o povo da flor e da frutinha virar beija-flor.

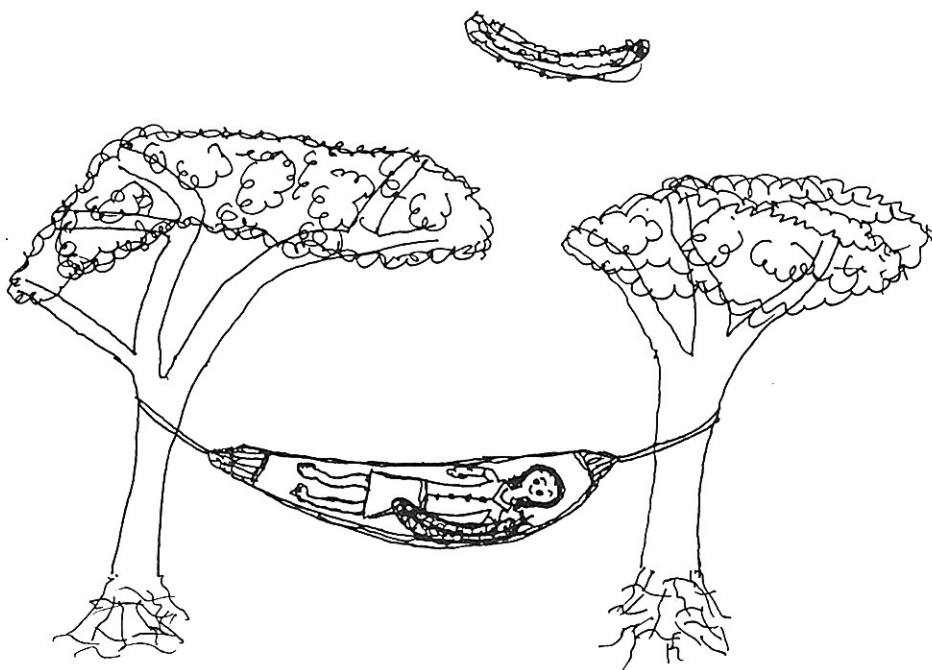
33. A ONÇA-D'ÁGUA COME OS HOMENS

Uns velhos foram caçar e pescar, e vararam na beira de um rio. Fizeram uma canoa de casca de caju-do-mato (239) e saíram subindo o rio, puxando pelos galhos da beira do rio, com uma vara de gancho. Lá na frente, sentiram o cheiro de onça-d'água, bem perto da barranca do rio. Não demorou, encontraram um filhote de onça-d'água e mataram. Continuaram subindo o rio e, lá longe, pousaram tranquilos. Todo o mundo dormiu, menos um deles. O que não dormiu, escutou vindo uma onça-d'água: *ti... ti... ti... ti...* O homem subiu num pau e, lá em cima, chamou os companheiros, mas ninguém acordou. A onça-d'água chegou, pegou todo o mundo dormindo e levou para o fundo da água. O homem

que estava trepado desceu e se mandou, alumando com fogo. Lá na frente, parou para pousar. Quando amanheceu, andou de novo. Chegou à aldeia e perguntaram pelos outros companheiros. O homem contou toda a história. No fim, todo o mundo pegou medo de onça-d'água. Queriam ir atrás dela, mas não foram.

34. A CRIANÇA VIRA CORÓ

Uma criança arremedou uma coruja: *kuru... kuru...* De noite, quando a mãe dormia com a criança, a mãe acordou e sentiu uns beliscões no braço, que aconchegava a criança. Ela pensou que era o braço adormecido. A mãe deu o peito para a criança e ficou dando umas palmadinhas nas costas da criança. Foi indo, a mãe sentiu uma mordida no peito. Acendeu o fogo e viu foi um corozão no lugar da criança. O corozão piscou os olhos para a mãe e ela quase morria de medo. A mãe pegou o coró e jogou no chão. Tudo isto porque a criança arremedou a coruja.



A criança vira coró (mito 34)

35. A ORIGEM DO JAÚ E DO PEIXE-AGULHA (I)

Janerup foi à casa de uma assombrança e transou com a mulher dela. Passou um tempo, *Janerup* fez uma pinguela bem lisa e lustrosa por cima de um rio e xingou a assombrança:

- Gostei que eu transei com a sua mulher!

A assombrança saiu correndo com uma borduna na mão para matar *Janerup*. Quando ia atravessando a pinguela lisa, caiu na água - tu - e virou um jaú (240) e a borduna virou um peixe-agulha (241), que saiu pulando pela flor da água: *pit... pit... pit...* (242). O jaú procurou logo um poço fundo (243).

A ORIGEM DO PEIXE-AGULHA (II)

Um moço falou para o irmão mais novo:

- Vem aqui, vamos atravessar esta pinguela.

- Não quero.

Então, o mais velho pegou o irmão mais novo e jogou na água. Ele virou um peixe-agulha e saiu pulando pela flor da água: *pit... pit... pit...*

36. A ORIGEM DA NOITE

No começo, não havia a noite, mas somente o sol, e bem quente. Todo o mundo só dormia de dia e, nas horas mais quentes, assava as coisas ao sol. Foi indo, o Kayabí enjoou de ser assim e um homem saiu procurando a noite. Primeiro, foi à casa da onça-pintada, mas ela não tinha a noite. Foi também à casa do macaco e do surucua e nenhum dos dois tinha a noite. Por fim, o homem foi à casa da coruja e ali bebeu chicha e deitou um pouco.

A coruja era a dona da noite e tinha a noite escondida dentro de uma cabaça comprida. Ninguém podia mexer com aquela cabaça, nem mesmo as crianças. O homem viu a cabaça comprida, bateu nela com um pau e quebrou: saiu a noite. Nesta hora, a jacutinga, o uru, o jacamim e o jaó-galinha estavam na roça e não puderam mais voltar por causa da escuridão. Outro pessoal que estava tirando castanha-do-pará virou paca e coruja.

O pessoal de casa dormiu e acordou. Depois, dormiu de novo e amanheceu. E ficou assim... (244).

37. A ORIGEM DA PACA

A casa de um homem ficou velha e caindo de podre. Um dia, o homem saiu procurando outro lugar e fez uma casa nova. Depois de muito tempo, ele voltou para ver a casa velha: casa assombrada. Mesmo assim, pousou ali, naquela noite, numa repartição. De noite, ouviu como numa festa, ali dentro de casa: risada, conversa, toque de flauta-de-pã, canto, dança com cocar, com vara ornamental, criança chorando e dança com borduna. Além disto, era fogo para todo o lado. Uns diziam:

- Vamos ver, moçada! Vamos até amanhecer!...

O homem não podia dormir direito e ninguém sabe como ele aguentava. Mas de madrugada, a animação foi diminuindo. O homem, enjoado de tudo aquilo, deu um grito:

- Mas o que é isto que eu estou escutando aí?!

Nesta hora, todo o mundo virou paca e disparou correndo: *uja... uja...* O homem saiu fora da repartição da casa, acendeu um fogo, bem depressa, e não viu mais ninguém. Agora ficou torcendo para amanhecer logo. Quando amanheceu, o homem se mandou para o mato e pousou lá. No outro dia, chegou à sua casa nova. Só dois dias depois, contou a história para a sua mulher, com medo de acontecer alguma coisa de ruim para ela (245).

38. OS URUBUS LEVAM O HOMEM

Um homem queria pena de urubu para fazer flecha de espantar cobra (246).

Um dia, o homem saiu para sondar no mato. Matou uma onça-pintada, deixou ali no chão e ficou ao lado. Desceu um urubu-preto para comer a carniça da onça-pintada. O homem flechou e matou o urubu-preto. Os outros urubus-pretos ficaram zangados com o homem. Por isso, veio uma fumaça seca e cobriu tudo. Os urubus pegaram o homem e levaram para cima. Lá entregaram o homem para a mulher do urubu-preto morto, para ficar no lugar do marido. Os urubus-pretos não contaram nada para a mulher-urubu para ela não ficar zangada.

Um dia, lá em cima, o homem foi buscar água para a mulher, num panacum. Ele não sabia usar direito o panacum e derramou toda a água. Então, os outros homens de cima ensinaram como usar o panacum (247).

39. A ORIGEM DO CUATÁ E DO QUATI

Uns homens disseram para outros homens bem altos:

- Acolá estão umas mulheres socando carvão num pilão para fazer tinta. Vocês vão lá se pintar. A gente também vai se pintar, só que vai ser com urucum.

Os homens altos saíram, encontraram as mulheres e disseram:

- A gente veio aqui para se pintar com tinta de carvão.

As mulheres despejaram a tinta numa panela de barro. Os homens metiam uma cuia dentro da panela de barro e tomavam banho com a tinta: ficaram completamente pretos. No fim, uma mulher disse:

- Vocês estão sabendo por quê os outros homens mandaram se pintar?

- Não.

- Foi para isto, vejam!

Uma mulher pegou um cabelo e jogou num homem: virou um cuatá. O cuatá pulou num galho de pau e ficou lá gritando. A mulher fez a mesma coisa com cada um dos homens: todos viraram cuatá.

Chegaram os outros homens e disseram também para as mulheres:

- A gente também quer se pintar, só que é com urucum.

- Como?

- Uma lista vermelha, outra amarela. Assim, até à ponta do rabo.

A mulher pintou todos os homens desse jeito: viraram quati (248).

40. A ORIGEM DA ARARA-VERMELHA E AMARELA

Faz tempo, os mais velhos de uma aldeia gostavam muito de brigar. Um dia, dois velhos e dois moços saíram para brigar em outras aldeias. Flecharam e mataram todo o mundo de quatro aldeias.

Depois disto, um velho pintou um moço com urucum. Outro velho pintou o segundo moço com jenipapo. Os velhos ainda passaram uma folhas no corpo dos dois moços.

Os quatro voltaram para a aldeia deles, caminhando durante duas luas. Quando iam chegando à aldeia, os outros já avistaram os quatro de longe. Os moços contaram tudo para as namoradas. No outro dia, era para se casarem, mas os moços não quiseram.

Passou um tempinho, cada um dos moços entrou no oco de um pau. No outro dia, um velho derrubou com machado de pedra o pau onde entrou o moço pintado de urucum: saiu voando uma arara-vermelha e gritando: *kra... kra... kra...* (249). O velho disse:

- O meu serviço valeu! Isso que eu queria!

O outro velho cortou o pau onde entrou o moço pintado de jenipapo: saiu voando uma arara-amarela e gritando: *kra... kra... kra...*

O velho disse:

- O meu serviço valeu! Isso que eu queria!

41. A ORIGEM DO CARAMUJO-DO-MATO

Um moço era o dono de um pé de laranjeira-do-mato (250). Só ele ia buscar fruta e sempre pegava com a mão.

Um dia, quando o dono foi buscar laranja-do-mato, outro moço foi atrás dele e viu o dono tirando a fruta só com a mão. O moço voltou primeiro e o dono depois. Os dois se encontraram na aldeia e o moço disse para o dono:

- Eu também quero ir tirar laranja-do-mato.

- Não, você não pode ir lá.

- Mas eu já sei que você sempre tira a laranja-do-mato com a mão.

- Então, vai, mas tira também só com a mão.

O moço foi até o pé de laranjeira-do-mato e apanhou duas frutas com a mão. O restante, foi tirar puxando com uma vara de gancho. Quando tirou a primeira laranja-do-mato, caiu tudo de uma vez. O moço foi ajuntar e tudo virou caramujo-do-mato (251).

42. A VOLTA DO MARIDO MORTO

Um homem morreu e foi enterrado dentro de casa. Toda a noite, a alma dele vinha se deitar com a mulher e, de madrugada, ia embora. A sogra do homem sempre ouvia a mulher conversar de noite e, um dia, disse para filha:

- Com quem você conversa toda a noite?

- Com o meu marido.

- Então, hoje de noite, você segura o seu marido até de manhã.

Assim a mulher fez e o marido ficou até amanhecer. Ainda de manhã, a mulher disse para o marido:

- Vamos apanhar coco de tucum-do-mato?

- Não posso, estou muito fraco.

- Ah, vamos.

O marido acabou indo. Lá no mato, o marido fez uma vara de gancho e puxou com ela um cacho de coco de tucum-do-mato. O cacho quebrou, caiu em cima do marido e ele morreu de novo (252).



VARIANTE: As crianças levaram o pai para tirar coco de tucum-do-mato. O pai subiu num pé de tucum-do-mato, caiu lá de cima com o cacho de coco de tucum-do-mato e morreu de novo.

43. A FLAUTINHA DE OSSO E O JABUTI

Um jabuti estava tocando uma flautinha de osso (253), em cima de uma pedra, na beira de um rio. Tocava assim: *ja... ja... ja...*

- O que você está fazendo aí?

- Tocando a minha flautinha de osso: *ja... ja... ja...*

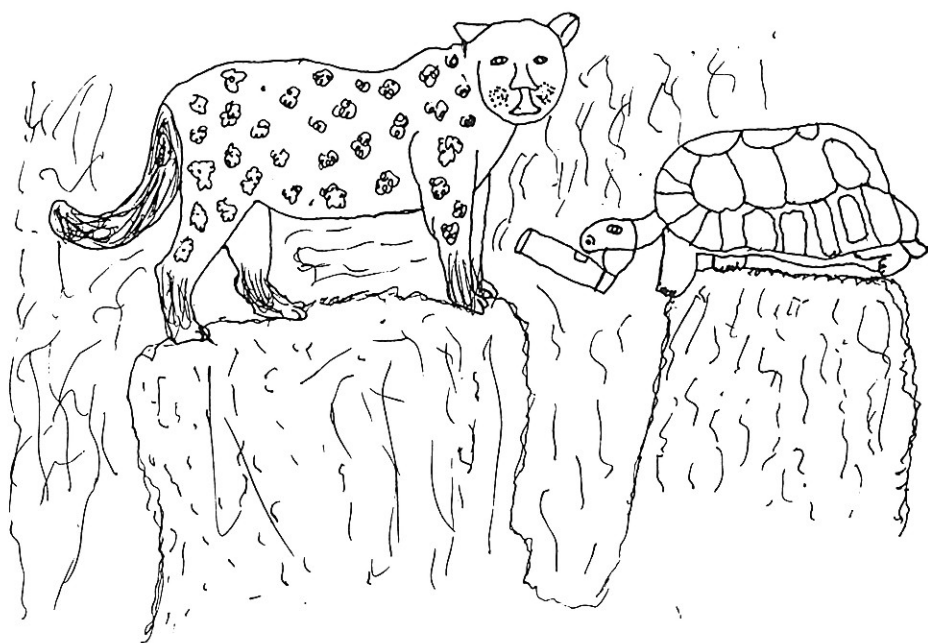
- Eu não entendo nada disto que você toca.

- Escuta de novo: *ja... ja... ja...* E agora?

- Nada.

- Eu estou querendo dizer: *ja'wakaã* - flautinha de osso de onça-pintada - E entendeu agora?!

O jabuti falou isto e - tibungo - na água. A onça-pintada ainda raspou a mão na água, querendo pegar o jabuti, mas trouxe só folha e casca de pau na mão. Raspou de novo com a mão: mais folha e casca de pau. O jabuti ainda botou um pouco o nariz de fora da água, tapando o rosto com os dedos. Viu a onça-pintada e mergulhou de novo. Agora, a onça-pintada ficou só olhando (254)...



A flautinha de osso e o jabuti (mito 43)

44. O FEITIÇO DA CUTIA

Um homem fez um esconderijo no mato e, no outro dia, foi sondar dentro dele. Não demorou, vinha uma cutia bem vermelhinha com uma cuia nos braços. A cuia também era vermelha e cheia de coco de tucum-do-mato.

A cutia batia o pé no chão e parecia jogar alguma coisa dentro da cuia.

O homem queria flechar, mas ficou frio e meio bobo. O coração bateu forte e até arrepiou de medo. Pensava ainda: nunca vi uma cutia carregar uma cuia nos braços! vai ver que é feitiço! - E desmaiou.

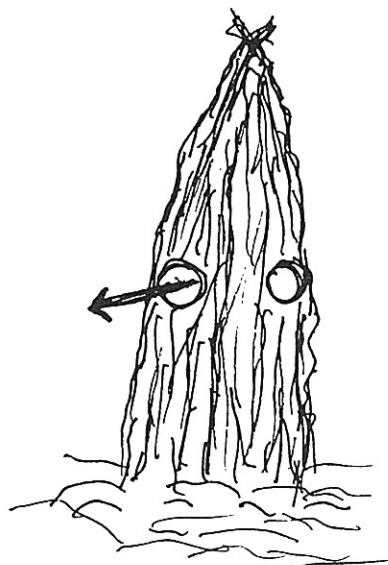
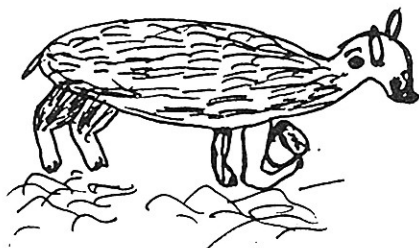
A cutia foi embora e o homem voltou a si e foi embora também. Em casa, o homem contou tudo para a mulher dele. No fim, ele disse:

- Acho que eu vou morrer! A minha vida está só um pedacinho!

- Mas por quê?

- Hoje eu vi uma cutia carregar uma cuia nos braços! Já pensou?!

Escureceu. No outro dia, o homem ficou frio e morreu.



45. A VOLTA DE UM MORTO

Um homem saiu andando sozinho e, de noite, foi dormir numa casa abandonada, cheia de cemitério. O homem apanhou lenha, acendeu um fogo, comeu e deitou numa rede para dormir. Não demorou, um morto mexeu num cemitério: *pru... pru...* Saiu da cova, todo pintado de urucum, cabelo comprido, penteado e, de vez em quando, limpava a garganta com um pigarro. Veio sentar na beira do fogo do homem e ficou ali, bem quietinho. Só se coçava, batia pernilongo e soprava o fogo. Faltava só deitar com o homem. Este olhava pelos buracinhos da rede, suando de medo e sem ter para onde correr. Pensava: se eu me levantar daqui, este morto vai me pegar e levar para a cova. Queria que amanhecesse logo para eu fugir!...

Perto de amanhecer, o morto voltou para a cova, entrou dentro e fechou de novo. O homem aproveitou e correu embora. O morto não deixou nem rasto perto da cova, só perto do fogo.

O homem chegou à casa, contou toda a história e, no fim, disse para os outros:

- Vocês nunca devem dormir em casa abandonada, para não sofrer como eu sofri.

- É isso mesmo!...

46. OS HOMENS VIRAM TOCANDIRA COMPRIDA

Um dia, uma turma de gente arrancou mandioca e colocou na água para amolecer. Três dias depois, a turma descascou a mandioca, secou ao sol e fez farinha.

Não tardou, uns homens saíram para brigar em outras aldeias. Cada homem levava flecha e farinha nas costas. Depois de muito andar, chegaram cedinho ao porto de uma aldeia. Atacaram e mataram todo o mundo. Em seguida, fizeram a mesma coisa com outra aldeia.

E continuaram matando gente.

Um dia, *Tujarare* encontrou os homens e disse:

- Por quê vocês estão matando tanta gente assim?

- Nós não gostamos de outra gente.

- Todo o mundo é igual.

Tujarare virou as costas para ir embora e, nessa hora, todos aqueles homens viraram tocandira comprida.

47. TUJARARE E O FIM DO MUNDO

Tujarare vivia neste mundo junto com o povo kayabí. Foi indo, *Tujarare* enjoou disto e disse:

- Eu não quero mais ficar com vocês; vou me mudar para o lugar das almas!

- Lá tem terra?

- É como aqui.

- Mas, não vá, *Tujarare*! Como que a gente vai ficar sozinha?!

- Eu não vou abandonar vocês. Vão sempre ficar nas minhas mãos.

- E não vai judiar da gente?

- Nunca! Podem ficar em paz!

- E nem vai fazer o céu cair em cima do mundo e acabar com ele?

- Nunca, também.

- Verdade?

- É, sim!

48. A ONÇA PERSEGUE O HOMEM

Uma vez, um homem foi caçar no mato e uma onça avançou nele. O homem queria flechar, mas a onça tomou a flecha e o arco dele. O homem correu, trepou num pau e ficou lá. Era só isto o que ele podia fazer. A onça saiu trepando atrás e, quando chegou perto do homem, ele subiu mais. A onça subiu mais também. Arranhou as pernas do homem e ficou correndo sangue. A onça desceu por causa do sangue e ficou embaixo do pau, controlando o homem. A onça olhava para cima e fazia: *ufuf... ufuf...*, querendo comer o homem. Foram três dias e três noites assim. Foi indo, juntou muita varejeira nas pernas do homem. Depois de três dias, a onça foi embora, mas voltou de novo. Outro dia, ela foi embora de uma vez. Nisto, o homem desceu devagarzinho e se mandou, sem ligar para as pernas arranhadas. De vez em quando, olhava para trás.

Um parente começou a procurar o homem e nunca achava. Quase ficou louco só de procurar. Até que um dia, quando o homem já ia perto de chegar à casa, o parente achou e acabou de levar até a casa. O homem não aguentava falar mais e só dizia:

- Quase que eu fui na boca da onça!...

49. O FILHO ABOBADO SE PERDEU

Certa vez, um homem, uma mulher e o filho saíram para outra aldeia. O filho já era um homem feito, mas meio abobado. De noite, pousaram no chão, num certo lugar. No outro dia, a mulher arrumou a rede num panacum bem grande, colocou no ombro do filho e disse:

- Vai indo na frente que eu logo mais vou com o seu pai.

Os pais quiseram acompanhar o filho, mas não conseguiram mais.

Mais na frente, o filho se perdeu. Os pais procuraram, gritaram e... nada de encontrar o filho. Os pais diziam:

- Acho que ele morreu por aí!...

- É meio abobado!

Os pais começaram a voltar para a aldeia e dormiram uma noite na estrada. Chegaram à aldeia e perguntaram:

- O nosso filho chegou aqui?

- Não.

- Então, se perdeu mesmo!

50. A ARARA-BRAVA COME OS HOMENS

No tempo-da-seca, uns homens saíram da aldeia e foram andar no mato. Muito longe, alcançaram a beira de um rio. Eles não imaginavam que nos montes ali de perto da beira do rio, moravam as araras-bravas (255). Não demorou muito, chegou ali uma arara-brava, e cantou: *kuri... kuri...* E, em seguida, avançou nos homens. Estes ainda correram procurando se esconder, mas a arara-brava pegou os homens e comeu, menos um, que escapou. Este voltou para a aldeia e contou tudo. O pessoal da aldeia não acreditou.

Havia na aldeia um homem solteiro chamado *Warinipo'i*. Este homem vivia sentido porque gostava de uma moça e a moça não gostava dele. Para esquecer esse sentimento, *Warinipo'i*, sem falar nada para ninguém, foi ver se a história da arara-brava era verdadeira ou não. Depois de muito andar, chegou também à beira do rio. Ele sabia que precisava ter muito cuidado para não se expor frente às araras-bravas: podiam acabar com ele. Por isso, *Warinipo'i* fez assim: juntou um montão de coco de tucum-do-mato e dividiu em pequenos montes dispersos por um areão. Fez tudo isto sem ser visto pelas araras-bravas. Não demorou, uma arara-brava viu um daqueles pequenos montes de coco de tucum-do-mato, desceu e comeu todo o monte num instante. Logo mais, vieram muitas araras-bravas sobre outros montes de coco de tucum-do-mato para comer também. Na hora, começaram a brigar entre si. Cortaram as asas umas das outras. Deixaram as penas rolando ali pelo chão e voaram. *Warinipo'i* correu lá e juntou as penas.

As araras-bravas fizeram do mesmo jeito nos outros pequenos montes de coco de tucum-do-mato e *Warinipo'i* sempre juntando as penas. No fim, já tinha um montão delas. Com tudo isto *Warinipo'i* já fazia muito tempo que estava fora da aldeia, mas nunca esquecia o amor por aquela moça. Pegou as penas e levou para os seus parentes. Continuou gostando da moça, mas ela não queria nem saber dele!

51. OS JACARÉS COMEM OS HOMENS

Uns homens saíram de casa, conversando:

- Vamos andar no mato?

- Vamos.

Os homens saíram e chegaram à beira de um grande rio. Fizeram quatro canoas para atravessar o rio. Na hora de embarcar, sobraram três homens, porque nas canoas não couberam todos. As quatro canoas saíram cortando as águas. No meio do rio, boiou um bocado de jacaré. Os homens não puderam fazer nada e só gritaram:

- Socorro!...

Os jacarés comeram os homens e afundaram as canoas. Os homens da beira do rio gritaram: tragam aqui as canoas! Mas, olharam melhor e não viram mais ninguém. Logo entenderam: jacarés! Choraram e, de sentimento, nem queriam sair dali. Mas quem ia contar para os outros?! Por isso, resolveram voltar para a aldeia e, lá, os outros perguntaram:

- E os companheiros?

- Os jacarés comeram.

Não foram os não-índios?

- Não, jacaré mesmo!

- Não é mentira?

- Foi verdade!

- Então, vamos lá ver.

No meio do rio, ficaram com medo também e voltaram (256).

52. A DESCOBERTA DE UM GRANDE RIO

Naquele tempo, o Kayabí andava muito longe. Um dia, dois homens saíram da aldeia para andar. Chegaram à beira de um rio grande, bonito e manso (257). Era já muito longe da aldeia e foi neste rio que *Tujarare* fez o povo Kayabí.

Os dois homens fizeram uma canoa de casca de jatobeiro e começaram a atravessar o rio. Eles queriam somente conhecer a outra margem. Todo o dia, de tardezinha, amarravam a canoa no meio do rio e dormiam. Um ficava acordado, cuidando do outro. Quando amanhecia, continuavam de novo. Depois de oito dias e oito noites, chegaram à outra margem do rio. Nunca tinham visto um rio tão largo assim. A sorte foi que haviam levado muita matula e só acabou quando chegaram à outra margem. Ali era um lugar muito bonito e de campo muito triste também. Só se ouviu o pica-pau-de-cabeça-vermelha cantar: *kwi... kwi... kwi... wu...* Também havia tudo que era tipo de caça: ema, tuiuiú, macaco, mutum-cavalo, veado, anta, aracua (258), saracura-grande (259) e outras caças. Até gente podia ter por perto.

Os dois homens mataram muita caça, fizeram matula e começaram a viagem de volta. Na aldeia contaram tudo.

53. O HOMEM E A ALMA

Um homem saiu para caçar, de madrugada. Andou muito longe e escureceu no mato. Forrou o chão com folha de açaí na beira de um caminho e deitou para pousar. Não demorou, escutou vindo alguém: *tanã... tanã...* O homem levantou a cabeça e pensou: quem será? gente? alma? Ficou de pé e viu direitinho: uma alma arrastando uns ossos dentro de um panacum. O homem quis flechar e... a coragem?! Quis ir embora e... de novo a coragem?! Nisto, a vista do homem escureceu e tremeu de medo. Era noite de lua, mas mesmo assim, esperou amanhecer para ir embora. Em casa, contou a história e ainda disse:

- Vocês não vão acreditar!
- Carregar osso, uma alma?!... - Disseram os outros.
- É verdade, eu vi. Eu tremi de medo e, por isso, não vim embora de noite.
- Será que alma sabe fazer panacum?
- Sabe, sim! Eu vi!
- Não foi um sonho?
- Sonho?!...

No fim, a turma acreditou.

54. A ORIGEM DO CAITITU

Um povo sempre ia ao mato, trazia coco de tucum-de-mato, fruta de mão-de-gato (260) e outras frutas. Chegava à casa, entrava, fazia - huf - de cansado, e dizia:

- Olha aí, mulherada, eu trouxe de tudo que é fruta.

As mulheres abriam a bolsa de folha, o xire de carregar e olhavam o que tinha dentro.

O povo plantava pouquinha mandioca, batata-doce e milho-fofo. Por isso, sempre roubava nas roças dos outros.

Um dia, *Tujarare* foi ver aquele povo. Mandaram *Tujarare* entrar e sentar, mas ele não aceitou. Ficou apenas escorado, olhando da porta da casa. Ele nunca sentava na casa de ninguém.

Não demorou muito, *Tujarare* virou as costas para ir embora. Nessa hora, todo aquele pessoal virou caititu e saiu correndo e fazendo: *serek... serek...* *Tujarare* disse:

- Daqui para frente, o seu nome vai ser caititu e sempre roubar nas roças dos outros.

No outro dia, os Kayabí foram ver aquele povo e não viram mais ninguém.

55. UM MOÇO MATA A ASSOMBRAÇÃO DE ESPORÃO

Uma assombração de esporão nos pés vivia matando gente. Todo o mundo que ia dormir na casa da assombração, ela enfiava o esporão no coração da pessoa e matava. Um dia, um moço foi à casa da assombração e ela disse:

- Pousa aqui.

- Tá bem.

O moço bebeu chicha, comeu beiju e mojica. O moço e a assombração ficaram conversando e contando história. Uma hora, o filho da assombração disse para seu pai:

- Este moço já está com sono: deixa que ele vá dormir!

- Isso mesmo.

O moço deitou, mas ficou acordado de olhos fechados. Meia noite, a assombração chamou o moço, mas ele nem se mexeu. A assombração colocou a mão no coração do moço e disse:

- Ele está dormindo! e se afastou um pouco.

O moço pegou uma pedra, encaixou bem direitinho no próprio peito e fez que estava dormindo. A assombração voltou, tacou a ponta do esporão na pedra, à altura do coração do moço e ela morreu na hora. O moço disse:

- O velho morreu!

No outro dia, o moço foi à casa da sogra e ela perguntou:

- Como vai?
 - Matei a assombração, que vivia matando a gente.
 - De que jeito?
- O moço contou toda a história.

56. O PEIDO DA VELHA

O genro de uma velha sempre dormia com a boca aberta. Toda a noite, a sogra levantava e ia peidar na boca do genro. Ninguém não via nada. O genro vivia magro e muito amarelo. Um dia, um homem falou para o genro:

- Por quê você vive assim magro e amarelo?
- Não sei.
- Acho que alguém peida em você de noite.

O moço fez uma vara bem pontiaguda e ficou esperando na rede, de noite. Não demorou, a sogra levantou e foi peidar no genro com a bunda virada para ele. Nessa hora, o genro levantou a vara e tacou na bunda da sogra. Ela morreu na hora.

57. A ORIGEM DO INAJÁ

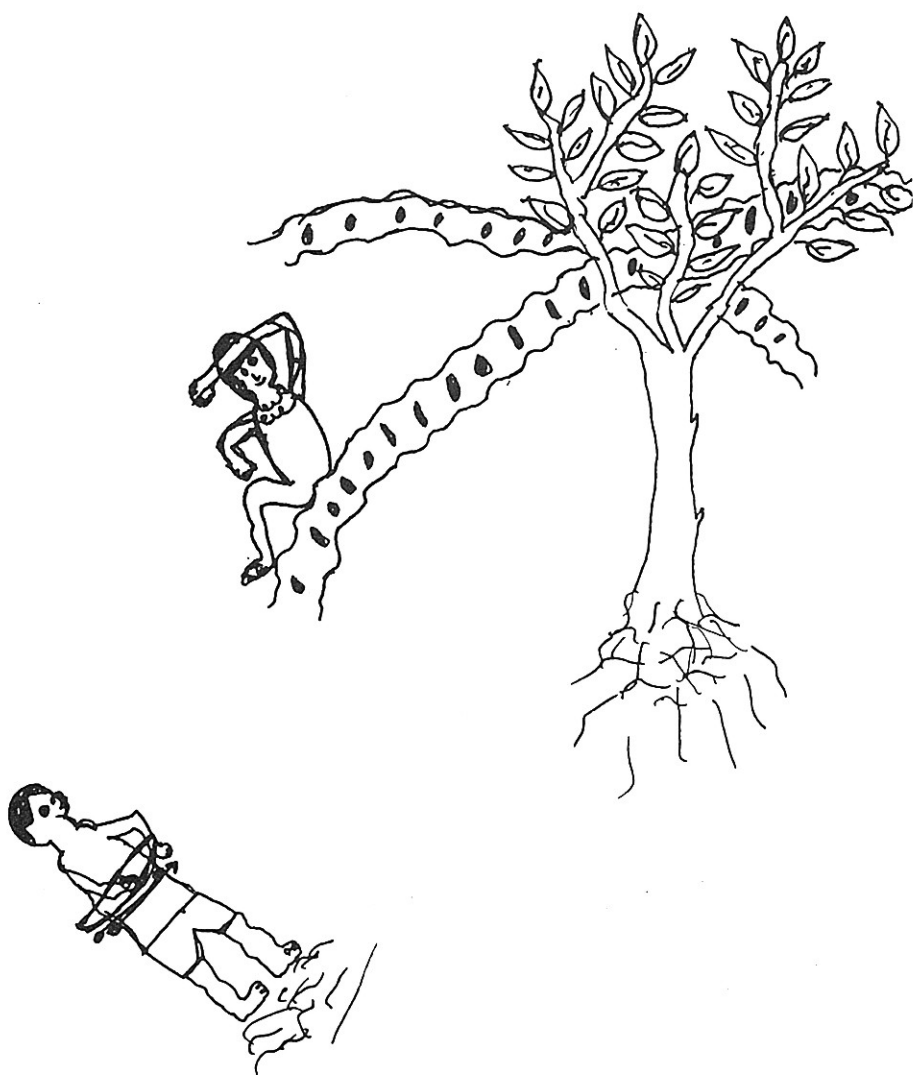
Um homem foi sondar inambu, de noite. Lá na frente, viu um vulto cobrindo o rosto com um braço dobrado. O homem disse:

- Quem está aí?!
- ...
- Fala, se não eu flecho!
- Pode flechar.

O homem não teve dúvida: tacou flecha. Era uma assombração. E, na mesma hora, ela virou um inajá.

★ ★ ★

VARIANTE: Quando o homem viu a assombração, ficou com medo de flechar e voltou, de costas, para a casa.



Os corós matam a onça (mito 59)

58. A COMIDA DO QUATIPURU E DO QUATI

O quati disse para o quatipuru (261):

- De onde você veio?
- De longe.
- E o quê você come?
- Coquinho de inajá.
- E você?
- Minhoca.

O quatipuru pegou um montão de minhoca e jogou na cara do quati. A minhoca se espalhou por todo canto. O quatipuru disse ainda:

- Daqui para a frente, você vai só fuçar minhoca e ficar gordo.

59. OS CORÓS MATAM A MOÇA

Um dia, uma família saiu para o mato. Lá na frente, uns corós pularam numa moça muito bonita. Ela gritou, pedindo socorro, mas ninguém teve coragem de acudir, nem mesmo o pai. Quando voltaram para a aldeia, a moça disse:

- Tirem aqui estes corós do meu corpo!

Mas todo o mundo fez foi fugir. A moça foi a outra aldeia e fez o mesmo pedido, mas todo o mundo fugiu também.

Os corós aumentaram mais e não deixavam a moça nem dormir no meio dos outros. De noite, os corós faziam: *txuk... txuk...* Uma pessoa deixava a comida perto da moça e logo se afastava para a moça ir comer sozinha.

Nas festas, a moça ficava longe. Nem os moços e nem mesmo os parentes dela iam lá ver. O pajé tentava tirar os corós, mas não havia jeito. Foi indo; a moça morreu, cheia de coró.

60. A MULHER E OS PAPAGAIOS

Uma mulher fiava algodão, deitada numa rede. O marido dela era uma onça. Chegaram dois papagaios, sentaram no punho da rede da mulher e cantaram; *ja'wara'wēi... ja'wara'wēi... korororo...* A mulher não entendeu nada. Não demorou, os papagaios foram embora, mas voltaram logo em seguida e cantaram de novo: *ja'wara'wēi... ja'wara'wēi... korororo...* E a mulher continuou sem entender nada. Os papagaios voaram, voltaram e cantaram mais uma vez, e... nada da mulher entender. A mulher enjoou e perguntou:

- Afinal, o que vocês querem dizer cantando assim?!

Os papagaios cantaram claramente:

Ja'wara (262)

A onça

apina'ga (263)

marido dela

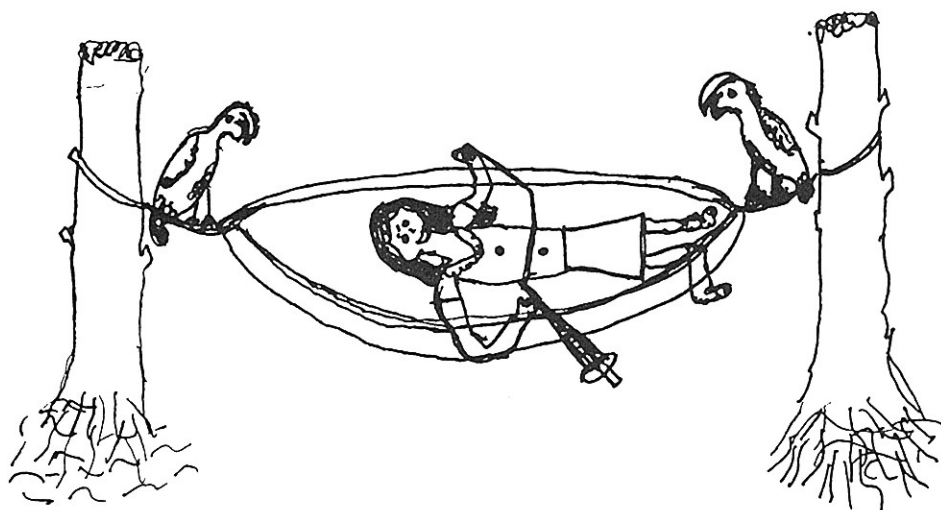
ajukak o (264).

nosso pai matou.

A mulher disse:

- Por quê vocês fizeram isso?

Os papagaios não responderam nada. A mulher avançou nos dois papagaios, só de raiva, para matar, mas eles voaram. A mulher queria matar também tudo que era papagaio, mas não havia jeito.



A mulher e os papagaios (mito 60)

61. O CIÚME DO PICA-PAU-DE-CABEÇA-AMARELA

O pica-pau-de-cabeça-amarela era bem bonitinho, mas ciumento, fuxiqueiro e cheio de raiva da mulher. Zangava com ela, deitava numa rede de barriga para cima e ficava fazendo colar de coco de tucum-do-mato. Se a mulher trazia alguma coisa para comer, ele dizia:

- Eu não quero, pode comer você!

Quando o pica-pau-de-cabeça-amarela acabava de fazer colar ia dormir e, ao acordar, chamava a mulher para ir andar no mato. Se ela não concordasse, ele ficava de birra e furava a cuia de chicha com uma ponta de pedra. Depois, ia ao mato sozinho e ficava lá até de tarde. Na volta, estava bom da birra (265).

62. O PAJÉ VIRA CUTIA

Um pajé morria de ciúme de sua mulher. Foi indo, o pajé socou cascalho na boca da mulher e matou. Depois disto, dois irmãos da mulher amarraram e derrubaram o pajé no chão. Em seguida, tiraram as tripas dele e esticaram pelas árvores. Tiraram o fígado e jogaram na boca do próprio pajé. Retalharam o coração. E, assim mesmo, o pajé não morreu e ainda dizia:

- Hoje vocês judiam de mim, mas depois vocês vão ver!...

O pajé virou uma cutia bem grande e de um vermelho bem forte. A cutia disse para os dois cunhados do pajé:

- Olhem aqui para mim.

Os cunhados olharam: um ficou meio louco e sumiu. O outro fugiu para casa. Este último contou tudo em casa e, no outro dia, ficou doente e morreu.

63. A SURRA DO JABUTI

Um homem foi andar no mato e viu um jabuti. Este olhou para o homem e começou a gritar. O homem chegou mais perto e perguntou:

- Por quê você grita tanto assim?

- Tenho medo de você me matar.

- Pois, eu vou matar você mesmo!

O homem segurou o jabuti e deu uma surra nele. O jabuti disse, chorando (266):

- E você vai me matar também?!

- Não, você é muito feio, cascudo e desajeitado. Eu tenho até nojo!...

- Isto é bom, porque, daqui para frente, Kayabí nunca vai me comer (267).

64. O MARIDO MATA A MULHER E UM COMPANHEIRO

Um homem tinha muito ciúme de sua mulher. Um dia, o homem disse para a mulher e o companheiro solteiro:

- Vamos atravessar o rio?

- Vamos, sim.

Na beira do rio, fizeram uma canoa e os três saíram atravessando o rio. No meio do rio, o marido jogou a mulher e o companheiro na água e os dois morreram.

O marido voltou e, em casa, contou que a sua mulher e o companheiro caíram sozinhos na água e morreram. O sogro do homem desconfiou daquela história e disse para o genro:

- Estão, vamos lá ver.

O genro, de medo, desapareceu e nunca mais voltou.

65. A SABEDORIA DA TUCURA

Os Kayabí esperavam o tempo da água descer para eles pescar.

Um dia, a tucura (268) cantou: *tre... tre... tre...*, e disse para os Kayabí:

- Agora é o tempo das águas baixarem (269).

- Verdade?

- Podem acreditar.

As águas baixaram mesmo e os Kayabí pegaram confiança na tucura (270).

66. O MARTIM-PESCADOR E O BEM-TE-VI

O martim-pescador e o bem-te-vi (271) sempre iam pescar juntos. Aquele ficava num galho de pau e este em outro. Quando um peixe passava por debaixo do martim-pescador, ele mergulhava - *tibungo* - e pegava o peixe. Se o peixe demorasse a passar, ele dava uma cagada na água e o peixe vinha logo.

O bem-te-vi flechava e nunca matava nada. Uma hora, passou um peixe debaixo do bem-te-vi. Ele pulou na frente do peixe e este engoliu o bem-te-vi. O martim-pescador sondou o peixe, que engoliu o bem-te-vi e matou também esse peixe. O martim-pescador levou o peixe, que engoliu o bem-te-vi para casa. Lá, abriu a barriga do peixe e encontrou o bem-te-vi ainda vivo. O bem-te-vi voou e cantou de alegria: *bem-te-vi... bem-te-vi...*, e sentou no galho de um pau.

67. A ASSOMBRAÇÃO MORRE DE RIR

Sempre que um homem ia sondar inambu num esconderijo, uma assombração ia atrás dele. Um dia, quando o homem ia para sondar, se escondeu fora da estrada. A assombração passou falando sozinha:

- Onde foi aquele homem?!... Vai muito longe?!... Não sei se vou encontrar!...

Na volta, o homem amarrou um molho de capim por de trás e saiu arrastando. A assombração, de volta também, quando viu aquela arrumação do homem, começou a rir, rir, riu tanto, que morreu.

★ ★ ★

VARIANTE: O homem amarrou um cipó na cintura e veio arrastando para meter medo na assombração. Mas esta, quando viu aquilo, achou tanta graça que morreu de rir.

68. UM PAI-DO-MATO CARREGA UMA MENINA

Certo dia, uma mulher foi ao mato com sua filhinha pequena, mas que já sabia falar. Era a primeira filha e estava toda bonitinha com colar no pescoço, brinco nas orelhas e enfeite nas pernas. Lá na frente, a mãe disse para a filha:

- Fica aqui, filha, a mamãe vai ali cagar e volta já.

A mãe saiu e a menina ficou na beira da estrada. Não demorou, a menina gritou:

- Mamãe!...

- Já vou.

- Mamãe, venha!

- Espera só um pouco.

Quando a mãe voltou, não viu mais a filha e gritou:

- Nenê!...

- ...

A mãe voltou correndo para casa e ali também não viu a menina. Procurou em toda a aldeia e... nada. Foi às aldeias e... nada também. Ela sempre pensava: ou foi um pai-do-mato ou outro índio que levou a minha filha...

A mãe voltou ao lugar onde a filha tinha sumido. Viu o rasto de um pai-do-mato e seguiu. Mas, logo mais, o rasto sumiu e ela voltou para casa.

Os pais não paravam de chorar e, um dia, a mãe morreu de tristeza.

69. A ONÇA MATA E COME O HOMEM

Um homem tinha três mulheres e, um dia, os quatro foram passear em outra aldeia. Na volta, pararam de noite para pousar. O homem dormia no meio das três mulheres. Nisto chegou um onça, agarrou o homem, suspendeu e jogou no chão. Continuou suspendendo e jogando no chão. O homem gritou: *mulherada, me acudam!... me acudam!...* Foi indo, o homem morreu. Mas, mesmo assim, a onça continuou suspendendo e jogando o homem no chão. As mulheres gritaram lá de cima do pau:

- Não coma o nosso marido! Larga dele!

A onça pôs o homem nas costas e saiu carregando. Ali na frente, jogou o homem no chão. Agora furou a barriga dele, tirou as tripas: *tik... tik... tik... txau...* e enterrou em lugares diferentes. Cortou ainda o pescoço, bem direitinho, e enterrou a cabeça.

As mulheres desceram e se mandaram para casa. Até esqueceram as redes.

70. UMA ASSOMBRAÇÃO JOGA PIOLHO NUMA MENINA

Umas pessoas estavam mergulhando e brincando na água. Uma assombração escutou o barulho. A assombração encheu uma cuia comprida (272) de piolho e foi ver as pessoas brincando na água. Quando chegou perto, ficou sondando, andando de um lado para o outro. Foi indo, o pessoal boiou perto da assombração. Ela não teve dúvida: pegou e jogou toda a cuia comprida de piolho numa menina. Os piolhos fizeram: *ki... ki... ki...* A assombração ficou dançando e rindo com a cuia vazia na mão. Depois foi embora e contou para todo o mundo do povo dela.

71. O PIOLHO E A ORELHA-DE-PAU

Um dia, um piolho foi buscar orelha-de-pau, mas se perdeu no mato, porque não sabia o rumo da orelha-de-pau. Ficou rodando para lá e para cá, sem nunca achar a orelha-de-pau. Andou tanto que, quando voltou, era só osso de tão magrinho. A mulher dele ficou todo esse tempo esperando em casa. A orelha-de-pau estava bem ali perto, mas o piolho não sabia o rumo... (273).

Não demorou, outro piolho foi buscar orelha-de-pau e saiu bem em cima dela, porque sabia o rumo. Este último falou para o primeiro:

- Viu como eu sabia o rumo da orelha-de-pau e achei logo?! Você é um grande bobo!

O primeiro piolho zangou e partiu para a briga e queria jogar fora a orelha-de-pau do outro. A felicidade foi que o pessoal da aldeia separou os dois.

72. A CRIANÇA-D'ÁGUA LEVA AS CRIANÇAS

Duas crianças irmãs saíram para brincar na beira da água. Cavaram um buraco no chão e meteram as mãos lá dentro. Brotou água do buraco e começou a borbulhar. Não demorou, apareceu uma criança-d'água (274) de dentro do buraco e afundou com as crianças irmãs. O barranco do buraco despencou por cima, e as duas crianças sumiram.

A mãe esperou em casa pelas crianças e elas nunca voltavam. Então, a mãe foi atrás, mas viu só os rastros. A mãe zangou com o marido porque não acompanhou as crianças (275). Ninguém sabia que não se pode brincar com a criança-d'água.

73. JANERUP E O MACACO

Um dia, no tempo de milho-fofo verde, *Janerup* encontrou um macaco assando milho-fofo verde. O milho pipocava e o macaco comia. *Janerup* perguntou para o macaco:

- O que faz aí?
- Comendo milho-fofo verde.

Janerup ficou só olhando e sem falar mais nada. O macaco comia o milho-fofo todo alegre, risonho, mas sem oferecer para *Janerup*. Se oferecesse, ninguém sabia o que podia acontecer.

Janerup passou e o macaco pulou num galho de pau. Não demorou, *Janerup* voltou, flechou o macaco. Colocou a flecha na boca dele (276) e disse:

- Seu nome agora vai ser *ka'i* e todo o mundo vai falar de você.

74. O HOMEM VIRA PAJÉ

Um homem foi caçar e viu um zogue-zogue, cantando numa rede: *kozog... kozog...* O homem olhou melhor: era um coró. Endoidou na hora, jogou as flechas no chão e correu para casa. À noitinha, chegou à casa muito doente, caindo e

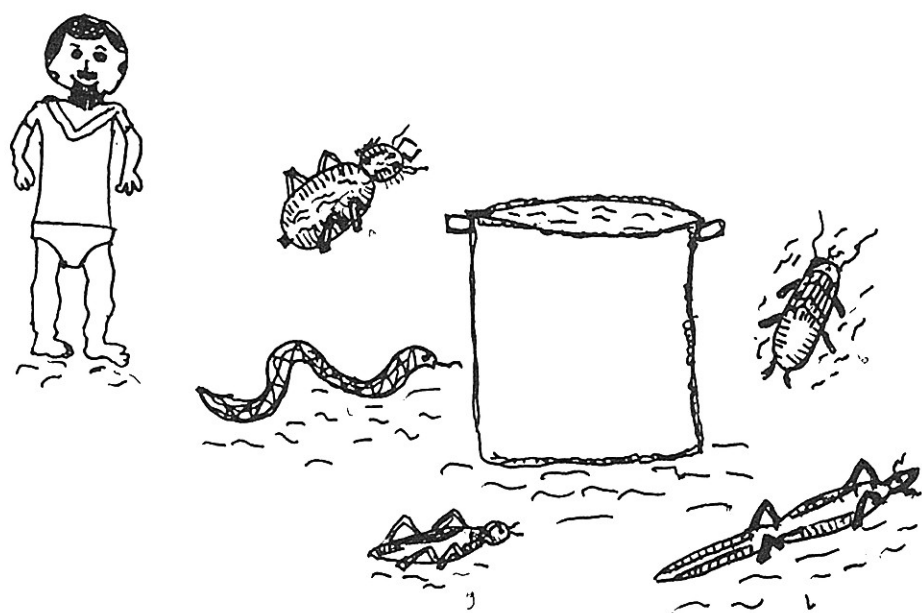
já nas últimas. A mulher levantou o marido pelos braços e deitou numa rede. O homem ficou um pouquinho melhor e contou a história do zogue-zogue e do coró. Depois piorou mais e não morreu: virou pajé.

75. A SOMBRA DE UMA MENINA

Uma vez, uma mulher comeu carne de inambuguaçu (277). Por causa disto, outro inambuguaçu levou a filha ainda pequenina da mulher para o meio de um banhado, numa sujeira. A menina adoeceu e a sua sombra (278) ficou num montinho de areia. O pajé foi buscar a sombra da menina. De longe, ele já escutou o choro da menina e cantou. Em seguida, para não machucar a sombra, colocou dentro de uma peneira cheia de algodão e foi voltando para casa. Andava um pouco e parava. Andava outro pouco e parava de novo, até chegar à casa. Pertinho da casa, a menina já abriu os olhos, e, assim que acabou de chegar, despertou. No outro dia, mamou animada. Com mais três dias, ficou boa.

76. A MUDANÇA DE PELE DE ALGUNS ANIMAIS

Janerup fez um panelão (279) e encheu de água fervente, mas a água era fria. Depois mandou que os animais entrassem dentro para mudar de pele. Somente quiseram entrar a barata (280), o escorpião, o grilo, a tucura, a cobra e o teiú (281). Os outros não quiseram entrar. Uns bichinhos pegavam os outros para jogar dentro do panelão, mas não tinha jeito de quererem. O próprio *Janerup* puxava outros animais para entrar no panelão, mas nem *Janerup* conseguiu (282).



A mudança de pele de alguns animais (mito 76)

77. A DOR DE CABEÇA DO LAGARTO

Os avós do lagarto viviam morrendo de dor de cabeça. Amarravam os olhos com embira, só de dor. Os netinhos levavam comida para os dois e não adiantava nada. À noite, a cabeça esfriava um pouco e aproveitavam para comer aquilo que os netinhos levavam. Foi indo, os avós não aguentaram mais de dor e morreram.

78. A ARARA-AMARELA E O JABUTI

Uma arara-amarela casou com um jabuti. Um dia, a arara-amarela disse para o jabuti:

- Vamos apanhar ingá?

- Vamos, sim.

Chegaram ao pé de ingá. O jabuti subia, caía. Subia, caía. E nunca tirava o ingá. A arara-amarela insistiu:

- Sobe, se não eu vou largar de você!...

O jabuti tentou de novo: subia, caía. Subia, caía. Então, a arara-amarela largou mesmo do jabuti.

79. O CAXINGUELÊ E O CORÓ-PRETO

Um caxinguelê (283) viu um coró-preto (284). O caxinguelê, de medo, ficou balançando o rabo: *pem... pem...* O coró-preto pulou no caxinguelê e os dois ficaram lutando no chão. No fim, o coró-preto matou o caxinguelê (285).

80. A ORIGEM DA MENSTRUÇÃO

Antigamente era o homem que tinha a menstruação. Naqueles dias, o homem se isolava e ninguém sabia por quê. Foi passando o tempo. Um dia, uma mulher descobriu um homem com menstruação. A mulher disse:

- Ninguém pode ir falar com aquele homem: ele está com menstruação.

Mesmo assim, duas mulheres teimaram o foram lá. O homem disse:

- Isto não orna para homem, até fica feio. É certo só para mulher.

Desde este momento, *Janerup* passou a menstruação para a mulher (286).

81. AS CRIANÇAS E O XUPÉ

Umas crianças, bem bonitinhas, sempre iam tentar sapecar um xupé com fogo de palha, na ponta de uma vara. Mas elas nunca conseguiam sapecar e derrubar. Cada criança já levava uma cabacinha para encher de mel de xupé. Quando as crianças ficavam cansadas, voltavam e morriam. Era sempre assim (287).

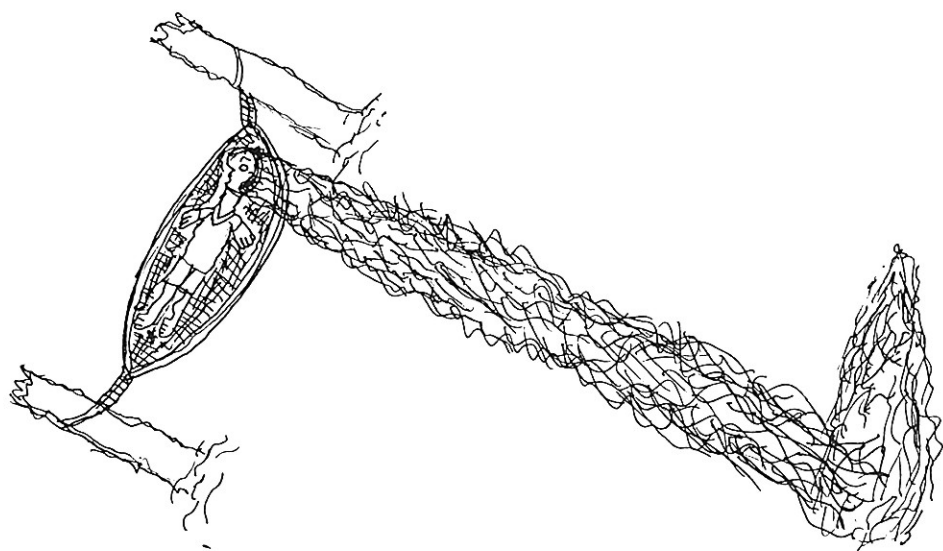
82. O FOGO NO CABELO DA ASSOMBRAÇÃO

Uma assombração tinha o cabelo muito comprido e se estendia até muito longe. Ela levava uma lua para pentear o cabelo, com um pente muito grande. Um dia, a assombração estava em casa e o ponta do cabelo dela se achava muito longe. Como naquele tempo, o Kayabí tinha muita raiva de assombração, alguns Kayabí tocaram fogo na ponta do cabelo da assombração, lá longe de casa.

Outros Kayabí ficaram preocupados e ainda vieram avisar. Ela viu o fogo e, mesmo assim, não acreditou e nem ligou. Apenas disse:

- Aquele fogo é no campo e fica para o lado do córrego.

O cabelo da assombração era muito denso e, por isso, difícil de apagar o fogo. Três dias depois, numa hora em que a assombração dormia, o fogo chegou à sua cabeça e ela morreu. O fogo queimou a casa da assombração e tudo que ela tinha.



O fogo no cabelo da assombração (mito 82)

83. A ORIGEM DO FUMO NA TERRA

Havia um pé de fumo (288) em cima, no lugar das almas. O urubu era o dono do pé de fumo e vivia debaixo dele. Os passarinhos de cima comeram a semente do fumo (289) e vieram cagar aqui na terra: daí temos o fumo aqui na terra (290).

84. OS QUATIPURUS MATAM OS HOMENS

Os quatipurus viviam comendo muita gente. Uma vez, uns homens saíram para andar longe da aldeia e encontraram uma porção de quatipuru. Os homens tentaram matar os quatipurus, mas foram estes que mataram os homens e comeram. Sobrou apenas um homem. Este ainda passou muito tempo no mato, comendo só mingau-de-barro. Quando voltou para casa, os outros perguntaram:

- E os companheiros?
 - Os quatipurus mataram e comeram todos.
 - Então, vamos matar aqueles quatipurus.
 - São muito valentes! É melhor a gente não ir!
- E ninguém foi...

85. A MENINA VIRA GAVIÃO-REAL

Uma menina vivia cheia de piolho. A mãe queria catar, mas ela não deixava. Foi indo, os piolhos tomaram conta da menina.

Um dia, a mãe foi colocar massa de mandioca ao sol para secar e levou a filha. Nessa hora, os piolhos levaram a menina para o galho seco de um pau. A mãe chamou pela filha, chamou, e... nada. A filha chorava igual a um gavião-real: *toĩ... toĩ... toĩ...*, até de tarde. Passou ainda três dias no galho do pau. A mãe chamou de novo e... nada. Foi indo, a menina virou um gavião-real e voou de uma vez (291).

86. O SONHO DE UM MOÇO

Dois moços foram para outra aldeia. Depois de dois dias de caminhada, os dois se cansaram e deitaram na estrada. De noite, o mais cansado dormiu

primeiro e o outro ainda ficou acordado. Mais tarde da noite, chegou um calango e ficou andando, da cabeça aos pés, em cima do moço adormecido. Era isto mesmo o sonho do moço. O outro moço implicou com o calango e matou. Assim, matou também o sonho do companheiro:

87. A MANDIOCA-MANSA DO MORCEGO

Um morcego vivia carregando semente de cumbaru para colocar na água e amolecer. Para o morcego, a semente de cumbaru era a mandioca-mansa. Um dia, chegou *Tujarare* e perguntou:

- O que faz aí?
- Carrego a minha mandioca-mansa para amolecer na água (292).
- Ah, sim.

88. O HOMEM EFEMINADO

Um homem de nome *Kajānan/Asi'ytywi/Juporojup* era efeminado. Cantava nas festas, bem baixinho, e as mulheres repetiam a mesma coisa, em tom alto. O efeminado usava pulseira de rabo de tatu (293), colar de coco de tucum-domato, enfeite do joelho (294) e colar de dente de capivara (295). Fazia rede, peneira, mojica, peneira pintada e paneiro (296). Fiava algodão, socava milho-fofo e apanhava água. Tudo igual às mulheres. Além de tudo isto, *Kajānan* vivia só no meio das mulheres. Também não casava e servia aos homens.

89. O CHORO DOS JACAMINS

Eram três jacamins irmãos: *Kupekãĩgui*, *Tymãĩ* e outro sem nome. Os dois primeiros perguntaram para o terceiro:

- Como se chamava o nosso avô?
- *Eropỹi*.
- Ah, sim.

Daí para frente, os três irmãos viviam chorando, de modo alternado, a morte do avô: *ũ... ũ... ũ...* (297).

90. A CORREIÇÃO-VERMELHA NÃO ROUBA

Uma formiga correção-vermelha (298) nunca roubava e sempre falava para a sua companheira:

- A gente não pode ficar perto de ladrão, se não a gente fica ladrão também. Não é bom aprender a roubar com ninguém (299).

91. A ORIGEM DO TATU

A mulher de *Tujarare* pegou as duas cuias de dois gargalos e foi deixar debaixo de uma moita. Logo depois, *Tujarare* perguntou para a mulher:

- Onde estão as nossas cuias?

- Deixei lá debaixo da moita.

Tujarare foi ver. Quando virou as costas para voltar, as duas cuias viraram tatus: macho e fêmea. Os dois foram logo cavando o chão: *huf... huf...* *Tujarare* disse:

- O nome de vocês dois vai ser *tatu*. O povo Kayabí vai ter medo de vocês e nunca vai comer. Vocês vão comer só minhoca e carniça.

92. A CRIANÇA E A FERMENTAÇÃO

Uma velha sempre ia com as crianças para o mato fazer a fermentação de fubá de milho-fofo com água (300) para jogar na chicha e engrossar. Um dia, as mulheres descobriram que a velha ia com as crianças e disseram:

- Você não pode fazer a fermentação com as crianças. Somente criança pode fazer isso. E a velha não foi mais.

93. A CHICHA ESTRAGADA

A velha *Kũmirok* ia sempre cagar de cima de um pau, que ficava sobre a água da cabeceira de um córrego. A bosta descia água abaixo e o pessoal da aldeia fazia chicha com aquela água. Foi indo, o pessoal descobriu onde a velha cagava. O pessoal da aldeia tinha oito canoas cheias de chicha para uma festa: jogaram tudo fora e nunca mais apanharam água abaixo daquele córrego.

94. A SIMPATIA DE TUJARARE

Dois homens queriam matar *Tujarare* e ele não sabia de nada. Numa hora, enquanto *Tujarare* dormia, um espírito bom (301) apareceu em sonho a *Tujarare* e disse:

- Estão querendo matar você, sua vida está curta.

Tujarare acordou, levantou e fez uma simpatia: traçou uma cruz de areia no chão e benzeu. Na hora, os dois homens acalmaram e não quiseram mais matar *Tujarare*.

95. A CRIANÇA E O BICHO-DE-CESTO

Uma mulher colocou um bicho-de-cesto (302) no pescoço de sua criança. O bicho-de-cesto mordia o pescoço da criança. O pessoal perguntou para a mulher:

- O que é isto na sua criança?

- É uma ferida.

Uma noite, quando a mãe dormia, a lagarta saiu do saquinho e passou para o peito da mulher. Esta matou a lagarta, jogou fora e nunca mais colocou o bicho-de-cesto no pescoço da criança.

96. O PASSARINHO DA TAPAGEM

Um passarinho (303) sempre gostava de fazer tapagem no rio. No começo, ia olhar de madrugada, mas depois passou a ir a cada hora. Nunca voltava sem peixe e assava em cima de um jirau (304).

97. O HOMEM VIRA PAJÉ (I)

Certa vez, um homem foi caçar no mato e escutou o ronco de um mutum-cavalo. Foi no rumo do ronco: era uma assombração balançando numa rede, armada nuns galhos.

O homem queria flechar, mas não teve coragem. Voltou para casa, pegou tremedeira, passou muito mal e quase morria. Com o tempo, melhorou e virou um pajé.

O HOMEM VIRA PAJÉ (II)

Um homem saiu para sondar inambu-carijó (305). Não demorou, cantou um inambu-carijó e o homem foi no rumo do canto. Encontrou o inambu-carijó num poleiro e chegou até debaixo. Quando quis flechar, viu que não era inambu-carijó nenhum, mas um enorme coró, que cantava: *wã... wã...* O homem correu de volta para casa, onde quase morria. Mas foi indo, melhorou e virou pajé.

98. A RAIVA DO GAVIÃO-REAL

Um homem tinham um menino cheio de piolho e nunca catava o piolho do filho. Por causa disto, uma gavião-real tinha raiva do homem.

Um dia, o homem ficou fora de casa, colocando mandioca ao sol para secar. O gavião-real ficou sondando o homem. Numa hora, o gavião-real despencou lá em cima, pegou o homem, arrancou e levou a cabeça dele. O corpo ficou estirado no chão. Ninguém tinha coragem de matar o gavião-real.

99. A ORIGEM DO PERIQUITO-DE-BICO-AMARELO

Um povo plantava só urucum, porque comia apenas isso. Nunca faltava urucum na aldeia daquele povo. Fazia chicha bem vermelha, dentro de uma canoa, para as grandes festas de três noites e com muita gente.

Uma vez, *Tujarare* foi ver uma festa grande daquele povo. Havia muita chicha de urucum. O pessoal perguntou para *Tujarare*:

- Você quer beber chicha de urucum?

- Sim, quero!...

Tujarare bebeu, mas muito pouquinho, por causa do cheiro ruim do urucum.

Uma hora, *Tujarare* virou as costas para ir embora e, nisto, todo aquele pessoal virou periquito-de-bico-amarelo (306).

100. O HOMEM VIRA MARIPOSA (I)

Um homem ciumento vivia discutindo com a mulher e nem comia mais. Quando discutia, esfregava os pés no fogo, só de raiva. Os pés até espocavam.

Outras vezes, se jogava de tudo no fogo e a mulher tirava fora. Mas, um dia, a mulher não tirou o homem do fogo e ele virou uma mariposa (307).

O HOMEM VIRA MARIPOSA (II)

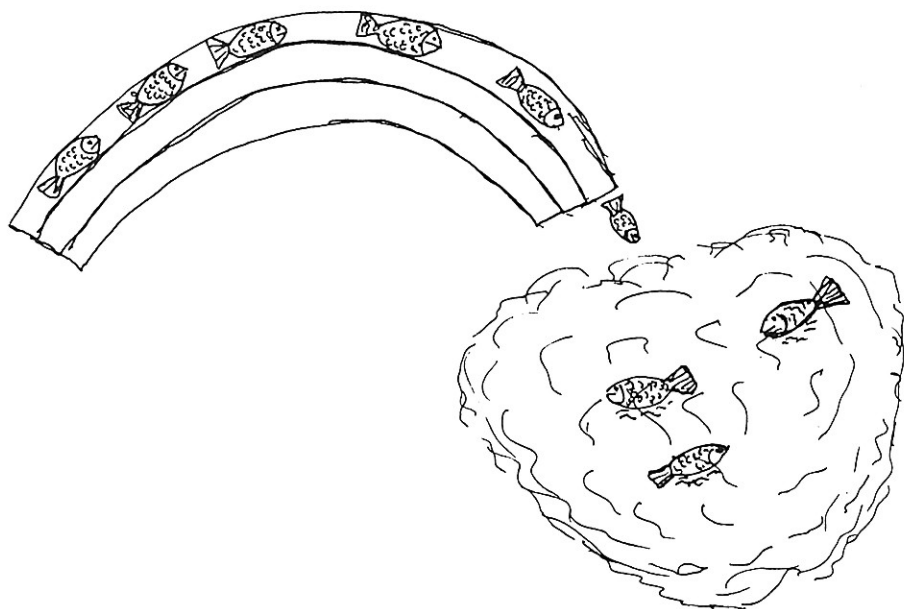
Um homem estava brigando e um outro foi apartar. O homem da briga ficou brabo, porque o homem não deixou brigar. Por isso, se jogou no fogo, se queimou todo e virou mariposa (308).



O homem vira mariposa (100)

101. A ORIGEM DO TUCUNARÉ

Tujarare fez o arco-íris (309). Depois colocou o tucunaré no arco-íris e mandou descer por ele para a água (310).



A origem do tucunaré (mito 101)

102. A FESTA DA SAÚVA

A saúva (311) fazia festa sempre antes do tempo-da-chuva. Numa destas festas, deu um trovão e quebrou tudo da saúva: panela-de-barro, cuia e as outras coisas. Depois da festa, a saúva esperou criar asa, voou e foi embora.

103. TUJARARE E O CURIANGO

O curiango estava fazendo chicha para *Tujarare*, mas *Tujarare* custou a chegar. Então, o curiango derramou toda a chicha e, quando *Tujarare* chegou, não havia mais nada, e o curiango ficou só cantando: *kawiãwult... kawiãwult...*

104. O DEDO DO PITU

Um pitu mostrou o braço para *Tujarare*. Este puxou o braço do pitu para um lado e disse:

- Seu dente vai ser o dedo (312).
- O pitu caiu na água.

105. A VELHA VIRA MOCINHA

Uma velha foi tomar banho e um pajé antigo viu. Na volta do banho, a velha mudou de pele, virou uma mocinha outra vez, e muito bonita. Os homens ficaram loucos por ela e perguntavam:

- Mas, o que esta velha fez para ficar assim?!
- Só depois a mocinha contou a história.

106. A FESTA DO RATO

Quando o rato fazia uma festa, ia avisar em todas as outras aldeias. De volta para a aldeia, o rato fazia chicha de amendoim (313), de batata-doce (314),

de mangarito (315), de feijão-de-vara (316), de pimenta (317) e milho-fofo: chicha de tudo, porque o rato come de tudo. No fim da festa, todo o mundo ia embora.

107. OS VELHOS E A ROLINHA

Antigamente, somente os velhos podiam comer carne de rolinha (318) e tinha que ser numa estrada velha. Se comessem numa estrada nova, uma praga ia furar o trazeiro do velho.

108. A ORIGEM DA PAINEIRA

Uma vez, uma criança nasceu junto com umas painas. Lavaram as painas no rio e elas ficaram bem branquinhas. Tiraram a semente e plantaram: está aí a paineira (319).

109. O HOMEM E O PICA-PAU-DE-CABEÇA-VERMELHA

Um homem flechou um pica-pau-de-cabeça-vermelha. Este zangou, desceu e bicou toda a cabeça do homem.

110. A PIRAÍVA E O MOÇO

Um moço ia atravessando um rio, nadando. No meio, chegou uma piraíva (320) e agarrou o moço para engolir. O moço apressou o nado e a piraíva soltou do moço. Este, ainda um pouco machucado, saiu fora e correu.

111. A ASSOMBRAÇÃO E O CURIANGO

Numa noite de luar, um homem saiu correndo atrás de um curiango para matar. Foi indo, o curiango voou e sentou na cabeça de uma assombração. O

homem queria flechar, mas ficou com medo e não flechou. O curiango voou e o homem foi embora.

112. O GAVIÃO PEGA-PINTO E O AVÔ

O gavião pega-pinto (321) vivia matando cobra para o avô dele. O avô não passava fome, porque nunca faltava carne assada na casa dele.

Um dia, o avô morreu e o gavião pega-pinto não parou mais de chorar (322).

113. A ORIGEM DO TROVÃO

Quando muitos homens vão flechar peixe num lagoão, o lagoão zanga com os homens e dá um estrondo: é o trovão.

VOCABULÁRIO DO TEXTO

(O número antes da palavra é o da nota)

- A -

100	<i>Ae'aḡ</i>	alma
61	<i>Aemukã'nã</i>	reumatismo
44	<i>Aḡu'ja</i>	rato
181	<i>Aikaḡ</i>	peixe-cachorro
6	<i>Aikũ</i>	língua (órgão)
100	<i>Aipirawat</i>	pesadelo
255	<i>Aiwa</i>	brabo, perigoso, ruim
100	<i>A'jaḡ/a'jaḡ'ywyku/a'jaḡnupiã</i>	assombração, boneco
100	<i>A'jaḡarepyrũ</i>	cabacinha do mato
175	<i>Ajee... tete... joo</i>	expressão
264	<i>Ajukako</i> (canto)	matou
22	<i>Ajuru</i> (indistintamente)	papagaio
167	<i>Akagytat</i>	diadema de pena
239	<i>Akajuu</i>	caju-do-mato
69	<i>Akama'jyp</i>	taquarinha de flecha
61	<i>Akara</i>	cará
22	<i>Akusi kura kut</i>	cutia
260	<i>Akusikanaḡũ</i> (fruta)	mão-de-onça
283	<i>Akusi'i</i>	caxinguelê, esquilo
261	<i>Akusi'i'ja'wat ypiat</i>	quatipuru
6	<i>Akyky</i>	bugio, guariba
6	<i>Akykyeit akykyeiruu</i>	abelha-preta
83	<i>Amanapo'oḡamu</i>	começo-da-seca
110	<i>Amanipe</i>	tempo-da-chuva
100	<i>Ameywit</i>	cipó-urubamba, gacitara
61	<i>Amoata</i>	casculo da lagoa
139	<i>Amok</i>	expressão
42	<i>Amyne'juete amyne'ju</i>	algodão
6	<i>Amype'i</i>	lambe-olho
59	<i>Anuũ</i>	ema

37	<i>Anyra</i>	morcego, diabo
22	<i>Api</i> (fruta)	chimingo
263	<i>Apina'ga</i> (canto)	pai dele
22	<i>Araa</i>	peneira pintada
4	<i>Araity</i>	cera
162	<i>Arakasi'y'wa</i>	jaracatiá, mamoeiro do mato
58	<i>Arakuri'yplywy'gyp</i>	sorveira, mapazeiro
259	<i>Arakut</i>	caracura-grande
258	<i>Arakwã</i>	araquã
255	<i>Araraiwa</i> - Q.	arara-braba
306	<i>Arua'i</i>	periquito-de-bico-amarelo
280	<i>Arywerywe</i>	barata
225	<i>Asĩgauu</i>	alma-de-gato
61	<i>Aupag</i>	placenta
73	<i>Awara'ilja'wafukwi</i>	cachorro-do-mato
6	<i>A'waruu</i>	borá, cabeleireiro
21	<i>Awasi</i>	milho-fofo
34	<i>Awasikwi</i>	farinha de milho
185	<i>Awasiy</i>	chicha de milho-fofo

- E -

6	<i>Eiretapap</i>	abelha
6	<i>Eiru'ni</i>	abelha
6	<i>Eirywy</i>	mandaçaia-do-chão
278	<i>Ene'anã</i>	sombra
195	<i>Eneruwa</i> (canto)	seu pai

- F -

61	<i>Furua'a muru'a</i>	barriga-d'água
----	-----------------------	----------------

- I -

6	<i>Ijarawerotyryk</i>	dono da mandaçaia-do-chão
---	-----------------------	---------------------------

286	<i>ljemonu'a</i>	menstruação
205	<i>lmowowoka</i> (canto)	partindo
61	<i>lnamu</i> (indistintamente)	inambu
305	<i>lnamuaem</i>	inambu-carijó
277	<i>lnamuũm</i>	inambuguaçu
6	<i>lnata</i>	inajá
61	<i>lni'aũũ</i>	casculo grande, acari
61	<i>lni'aypljeremia'yp</i>	bagrão
87	<i>lpepo</i>	pena
6	<i>lpi'awi</i>	piava
61	<i>lpiawiup</i>	lambari-amarelo
92	<i>lpira</i> (indistintamente)	peixe
241	<i>lpirafuku</i>	peixe-agulha, bicuda
224	<i>lpirāi</i>	piranha
61	<i>lpirapytāg</i> (peixe)	piraputanga
168	<i>lpira'yt</i> (indistintamente)	lambari
45	<i>lta</i>	pedra
219	<i>ltā</i>	concha fluvial
84	<i>ltājy</i>	lasca de pedra, "faca", "facão"
85	<i>ltājy'uulitāju'uu</i>	machado-de-pedra
279	<i>ltama'mak itamimyĩ</i> - Q.	panelão de <i>Janerup</i>
61	<i>ltu'āama</i>	cordão umbilical, funículo
61	<i>lu'ifet</i>	angu de mel
198	<i>lwyrumũ</i> (canto)	embaixo

- J -

123	<i>Ja'gyp</i> - Q.	garapeira de cima
285	<i>Jafuu</i>	japuira-grande
143	<i>Jajũa</i>	expressão
56	<i>Jaju'i</i>	zogue-zogue
145	<i>Jakare</i>	jacaré
75	<i>Jakare itakuã</i>	jacaretinga
61	<i>Jakupe'muũ</i>	jacu-goela, jacupeba
61	<i>Jaku'pesĩg</i>	jacutinga
115	<i>Jakyran</i>	cigarra
115	<i>Jakyran'nyp</i>	árvore
76	<i>Jamep</i>	tacho-de-barro
1	<i>Janerup Janeruwa'gã Ja'wari Tujarare Pyram Pajawi Panyeawi</i>	nosso pai espiritual
286	<i>Jani'ayp</i>	bagre

240	<i>Jani'auu</i>	jaú
320	<i>Jani'isĩgĩlipira'yt</i>	piraíva
22	<i>Janũ</i>	aranha
228	<i>Jany</i>	óleo de tucum-do-mato
158	<i>Janypap</i>	jenipapo
6	<i>Japem</i>	corcunda
75	<i>Japepo</i>	panela-de-barro
103	<i>Japewa</i>	lacreia
153	<i>Japi'i</i>	japuirinha
110	<i>Jasi'ũ</i>	pernilongo
6	<i>Jate'iuu</i>	mel-de-sapo
61	<i>Jatewu'wat</i>	carrapato-do-mato
251	<i>Jatyta</i>	caramujo-do-mato, aruá-do-mato
250	<i>Jatyta'yp</i>	laranjeira-do-mato
153	<i>Jaũn</i>	bico-de-brasa
80	<i>Jay</i>	Lua
100	<i>Jaytata</i>	estrela
104	<i>Jawa'jyt</i>	escorpião
159	<i>Ja'wapinim</i>	onça-pintada
253	<i>Ja'wakaĩlja'warakaĩget</i>	flautinha de osso
262	<i>Ja'wara (canto)</i>	onça
210	<i>Jawi'yp</i>	pindaíva-branca (?)
74	<i>Jawasi kawiat</i>	festa
72	<i>Jawosipepljowosiuu</i>	jabuti
61	<i>Jeĩũ parasi</i>	jeju
95	<i>Jemore'yp</i>	pau-de-cachimbo
138	<i>Jerape</i>	expressão
140	<i>Jeremy</i>	expressão
179	<i>Jerusi mora</i>	juriti-vermelha
91	<i>Jesi'a</i>	jequi, matapi, covo
90	<i>Jesi'yp</i>	tapagem de pescar
23	<i>Jetyk</i>	batata-doce
314	<i>Jetygy</i>	chicha de batata-doce
309	<i>Je'yp</i>	arco-íris
55	<i>Jo'o</i>	chorar
271	<i>Jowyuu jowyajuu pĩtawāwĩ</i>	bem-te-vi
152	<i>Ju'i (indistintamente)</i>	sapinho
154	<i>Ju'iramyi</i>	sapão
165	<i>Juja'yt</i>	girino
188	<i>Ju'jywa</i>	açaí
81	<i>Jumi'aljeru'apiãu</i>	flauta-de-pã
106	<i>Ju'pytasi</i>	sapão de espora
136	<i>Jurupat</i>	cágado, cambel, pescoço torto

- 211 *Jutau'wa'i*
 94 *Jutau'wa'ete*
 85 *Jypira'i*
 84 *Jypirea'a*

jatobeiro-pequeno
 jatobeiro-grande
 córrego do machado-de-pedra
 córrego do "facão"

- K -

- 218 *Ka'aporopi*
 1 *ka'asi'yp*
 134 *Ka'atatsusĩ*
 6 *Ka'i* (Indistintamente)
 57 *Ka'iete*
 57 *Ka'iuu*
 117 *Kãkã*
 227 *Kanafũ*
 170 *Kanawa*
 6 *Kanine* (indistamente)
 6 *Kaninekũlkwapena*
 6 *Kanineawy*
 249 *Kaninepiranĩlkanine'ete*
 192 *Kap* (indistintamente)
 164 *Kapiywat*
 295 *Kapiwarãi*
 29 *Ka'ra*
 286 *Ka'ra'ete*
 142 *Ka'rasĩĩlpiraka'ra*
 49 *Karupam*
 20 *Kawĩ*
 286 *Kawipie*
 6 *Kawĩtai'i*
 6 *Kawĩtajuu*
 301 *Kĩãrupewat*
 6 *Ko*
 194 *Konipo* (canto)
 5 *Kujãmuku*
 22 *Kũjãmutat*
 30 *Kumanã*
 .
 316 *Kumanãy*
 21 *Kuniã'mutat*
 274 *Kunuminanlywy'ywy* - Q.

urtiga, cansanção
 angelim (?)
 bolsa de folha
 macaco
 macaco-prego
 cuatã
 galinha-de-bugre
 vasilha de cabaça
 banco
 arara
 abelha
 arara-amarela
 arara-vermelha
 marimbondo
 capivara
 colar de dente de capivara
 carã
 carã-pequeno
 carã-do-mato, inhame
 veado
 cauim
 chicha de milho torrado
 abelha
 abelha
 espírito-bom "espírito santo"
 roça
 já vem
 moça
 espírito-mau
 feijão-de-vara, feijão fofo,
 pampa
 chicha de feijão-de-vara
 espírito-mau
 criança-d'água

6	<i>Kupi'a'ait kupi'ira</i>	cupira
150	<i>Kupi'i</i> (indistintamente)	cupim
55	<i>Kyp my'ape'wi</i>	piolho
285	<i>Kyryma'yp</i>	umbaúva
144	<i>Kytyk</i>	expressão
203	<i>Kytykytyka</i>	expressão
100	<i>Ky'wap</i>	pente
43	<i>Kwanũ</i> (indistintamente)	gavião
40	<i>Kwanũpepo</i>	pena de gavião-real
87	<i>Kwanũpepo</i>	surucucu, pico-de-jaca
47	<i>Kwanuũ</i>	gavião-real
6	<i>Kwapena kaninekũ</i>	abelha
319	<i>Kwaramyneju</i>	peineira, barriguda
107	<i>Kwaripe</i>	tempo-de-seca
61	<i>Kwasi</i>	quati
7	<i>Kwat</i>	Sol
109	<i>Kwatao</i>	boi
132	<i>Kwatawero kwataurum kwatapororo'u - Q.</i>	boi-d'água
272	<i>Kwipep ĩga'py</i>	cuia comprida

- M -

124	<i>Maimai'ri</i>	pica-pau-anão
238	<i>Mainumy numy</i>	beija-flor
113	<i>Mait maira</i>	pajé antigo "padre", "santo"
155	<i>Majey</i>	rio
41	<i>Makãwã</i>	acauã
22	<i>Mama'e</i>	espírito-malfeitor
22	<i>Mama'e wewe'em</i>	folha-preta
111	<i>Mama'gauu mama'gap</i>	mamangava
6	<i>Mama'gapopiat</i>	mel-europa
28	<i>Mani'akap</i>	mandioca-d'água, manipuera
186	<i>Mani'akawy</i>	chicha de mandioca-doce
28	<i>Mani'atata</i>	mandioca-mansa
28	<i>Mani'ogete</i>	mandioca-brava
16	<i>Mani'ogo'o</i>	beiju
28	<i>Mani'ok</i> (indistintamente)	mandioca
152	<i>Maraka'yp</i>	sapo amarelo
230	<i>Mauariuu</i>	mangoari
126	<i>Mene'my</i>	lagartixa
125	<i>Mere'merep</i>	calango, briba

35	<i>Merua'yt</i>	varejeira
215	<i>Mero - M.</i>	Lua
74	<i>Miat</i> (indistintamente)	onça
300	<i>Minu'u</i>	fermentação de milho
165	<i>Miraip/piraip</i>	ferida kayabí, doença de Jorge Lôbo
253	<i>Miaraka'ja</i>	jaguatirica
22	<i>Miaruu</i>	paca
100	<i>Mirewat</i>	espírito-mau
61	<i>Moi</i> (indistintamente)	cobra
89	<i>Mojjawy</i>	cobra-cipó
157	<i>Moikye</i>	cobrinha-chata
39	<i>Mojjuu</i>	sucuri
88	<i>Mojjayk</i>	cobrinha
190	<i>Manuy'wa'yp</i>	semente de cumbaru
98	<i>Muaḡ</i> (indistintamente)	remédio
65	<i>Muap</i>	borduna
22	<i>Munuwi</i>	amendoim
313	<i>Munuwi</i>	chicha de amendoim
130	<i>Munu'wyp</i>	cumbaru
60	<i>Mutap</i>	mojica
286	<i>Myao</i>	moço na iniciação
54	<i>Myayta</i>	xire de carregar
284	<i>Myewi/kyry'ywok</i>	coró-preto
6	<i>Myjyi'it</i>	bojuí
100	<i>Myka'jyp</i>	fio de tucum-do-mato
220	<i>Myresi</i>	buriti
47	<i>Myfũ</i>	mutum-cavalo
183	<i>Mytu'me</i>	mutuca

- N -

166	<i>Nāipypiat</i>	brinco de homem
61	<i>Namo'a</i>	mangarito, taíá
286	<i>Namo'a pasĩḡ</i>	mangarito branco
315	<i>Namo'ay</i>	chicha de mangarito

- O -

204	<i>Ojee</i> (canto)	nele
9	<i>'Ok</i>	casa
206	<i>Okoo</i> (canto)	pra lá e pra cá
100	<i>Okytã</i>	verruga
22	<i>Opiwat</i>	espírito-mau

- P -

22	<i>Paje</i>	pajé
22	<i>Paje'esãge</i>	espírito-mau
66	<i>Pakop</i>	pacova
61	<i>Paku</i>	pacu
234	<i>Pako'a'yp</i>	coco de pacova
64	<i>Panakũ</i>	panacum
257	<i>Paranapep</i>	rio grande
100	<i>Parasi</i>	goiva, "faca" de dente de cutia
61	<i>Pasiõ</i>	camarão-d'água-doce, pitu
176	<i>Pasi'yp</i>	paxiúba
61	<i>Piawuu</i>	matrinxã
26	<i>Pinatykatljotowosi</i>	martim-pescador
93	<i>Pinosĩg</i>	broto de inajá, grelo
121	<i>Pino'wa'i'yp</i>	bacava
235	<i>Pino'wauu</i>	patauá
120	<i>Pino'wi</i>	folha de açai
237	<i>Pi'wa</i>	baitaca
114	<i>Pykauu</i>	pomba-do-mato
328	<i>Pyku'i</i>	rolinha
141	<i>Pypyp</i>	expressão
27	<i>Pyrep</i>	povo do pica-pau-de-cabeça-vermelha
15	<i>Pyrerem</i>	rola-bosta, escaravelho
27	<i>Pyreteten</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela
307	<i>Pyrypyrywuu</i>	mariposa
226	<i>pytem</i>	fumo
289	<i>Pytema'a</i>	semente de fumo
288	<i>Pytem'yp</i>	pé de fumo

- R -

196	<i>Rekoi</i> (canto)	lembrando
201	<i>Rupi</i> (canto)	correndo

- S -

151	<i>Sajũ pyakwatkwat</i> - M.	tenho muitos furinhos
129	<i>Siaka'yp/siaka'gyp</i>	peúva
108	<i>Simo'ete</i>	cipó-timbó
96	<i>Simo'ywyku'yp</i>	pau-de-sabão
303	<i>Sirat</i>	passarinho
128	<i>Sisikait</i>	papa-vento

- T -

146	<i>Tãgea'i</i> - Q. e M.	jacaré
11	<i>Taity</i>	rede
61	<i>Taitytu pyfa muk</i>	caititu
70	<i>Tajau</i>	porco-queixada
153	<i>Takapeuu</i>	ariranha
132	<i>Takape'y</i> - Q.	onça-d'água
6	<i>Takusipep</i>	uruçu
223	<i>Tamanauu</i>	tamanduá-bandeira
286	<i>Tamarasĩg</i>	mangarito de dedo limpo
61	<i>Tama'y</i>	macaco-da-noite
7	<i>Tanimuk tanemo ukuup</i>	cinza
207	<i>Tapekwat</i>	abano
6	<i>Tapemoĩg</i>	borá-cavalo, aramá
147	<i>Tapepifu'am'am opepiratyruu</i> - M.	pestana chata
232	<i>Tapera'i</i>	urubuzinho
6	<i>Tapeu'a</i>	mandaguari
102	<i>Tapia'i</i>	tocandira comprida
61	<i>Tapi'it tapi'iruu</i>	anta, tapir
61	<i>Tapiky'wat</i>	gavião-carrapateiro
50	<i>Tapỹ'yi</i>	caraíba, não-índio, branco
202	<i>Taraku'a</i> (canto)	taracué

61	<i>Tare'yt</i>	traininha, robafo
36	<i>Tata</i>	fogo
6	<i>Tata'it</i>	caga-fogo
293	<i>Tatuju'a</i>	pulseira-de-rabo-de-tatu
61	<i>Tatu</i> (indistintamente)	tatu
31	<i>Taukaap</i>	córrego da briga
105	<i>Tayporopi</i>	formiga correição-preta
298	<i>Tayporopipytañ</i>	formiga correição-vermelha
119	<i>Tay'wĩum</i>	formiga preta
152	<i>Teikwasiniñ</i>	bunda fina
281	<i>Tejuu</i>	teiú
45	<i>Teju'awy</i>	lagarto-do-mato
169	<i>Tekwakutuk/arapo</i>	sarapó
137	<i>Tekwapap</i>	jaó-galinha
19	<i>Tekwaru</i>	um povo
19	<i>Tekwaruu</i>	povo de bunda grande
17	<i>Teposi</i>	bosta, cocô
101	<i>Tokanet</i>	tocandira
321	<i>Towoto</i>	gavião pega-pinto, japacamim
286	<i>Towouu</i>	mangarito largo
238	<i>Tuñ</i>	pulga
31	<i>Tu'iuu</i>	tuim
134	<i>Tujuñy</i>	mingau-de-barro
62	<i>Tujuju</i>	tuiuiú
153	<i>Tukan/tukanaete/jokwe/kyok</i>	tucano
100	<i>Tukanap</i>	enfeite de orelha
71	<i>Tukanĩ.i</i>	tucaninho
65	<i>Tukumã</i>	tucum-do-mato
99	<i>Tukumã'yp</i>	pé de tucum-do-mato
197	<i>Tukumã'i</i>	coco de tucum-do-mato
100	<i>Tukumape</i>	colar de coco de tucum-do-mato
61	<i>Tukunare</i>	tucunaré
268	<i>Tukut</i>	tucura
61	<i>Tupai</i>	tipóia, "zamata"
72	<i>Tupãuu</i>	trovão
10	<i>Tururi</i>	inambuzinha
174	<i>Tyapit/leiraryapit</i> (indistintamente)	mel
6	<i>Tymakapem</i>	canela, tíbia
6	<i>Tymakapeme'it</i>	abelha
149	<i>Typyku'ẽ</i>	cupinzeiro
156	<i>Tywy</i>	cemitério

- U -

52	<i>U'ete</i>	farinha fina
38	<i>U'i</i> (indistintamente)	farinha
51	<i>U'iuu</i>	farinha grossa
199	<i>Ujãujãna'i</i> (canto)	pulando
61	<i>Uru'i</i>	uru
6	<i>Uru'ipepokaã</i>	abelha
74	<i>Uruku</i>	urucum
160	<i>Uruku'a</i>	surucuá
46	<i>Urukure'a</i>	coruja
48	<i>Urukurea'ete</i>	corujão-do-mato
213	<i>Urukuran</i>	urucum-do-mato
120	<i>Urutajo'o</i>	urutau
36	<i>Uruku'yp/tata'yp</i>	pauzinho-de-fazer-fogo, "fósforo"
3	<i>Uru'yp</i>	taquarinha
182	<i>Uruwi</i>	peixe-pintado
35	<i>Uruwu</i> (indistintamente)	urubu
35	<i>Uruwupep</i>	urubu preto grande
35	<i>Uruwukwat</i>	"sol do urubu", nuvem de Malhães
208	<i>Uruwusiã</i>	urubu-rei
47	<i>U'ywyrũ uyp'u'ywyrũ</i>	bolsa de sorveira
47	<i>Uy'kaã</i>	flecha de festa
33	<i>Uyp</i> (indistintamente)	flecha

- Y -

8	<i>Y</i>	água
24	<i>Y'a</i>	cabaça
25	<i>Ya</i>	cuia
311	<i>Ya</i>	saúva
19	<i>Yaãgyra'na'yp</i>	pororoqueiro, jutaípeba
229	<i>Y'apytaã</i>	cuia de botar óleo
6	<i>Y'ayrũ</i>	abelha
68	<i>Yat</i>	canoa
191	<i>Y'aãga</i>	ingá
19	<i>Yãgu'a</i>	pilão
19	<i>Yãgu'a'yp</i>	pau-de-bugre

41	<i>Yky'yĩ</i>	pimenta
97	<i>Yky'ju</i>	grilo
317	<i>Yky'yĩy</i>	chicha de pimenta
173	<i>Yogakāwā'yp yo'gyp yǵakāwā'yp</i>	pau-leiteiro
12	<i>Yok</i>	coró, minhoca
6	<i>Yokup</i>	corozão
302	<i>Yogyũ</i>	bicho-de-cesto
180	<i>Ypapet</i>	lagoinha
67	<i>Ype pytem</i>	jeju
61	<i>Ypek</i>	pato
178	<i>Ypekũ</i>	pica-pau-de-cabeça-vermelha
65	<i>Ypero'wyp</i>	perova
53	<i>Ypo</i>	cipó
296	<i>Yrũea</i>	paneiro
65	<i>Y'ryp</i>	seriva, palmeira-chonta
2	<i>Yrupem</i>	urupema, firmamento
61	<i>'Yupap</i>	lagoão
61	<i>'Y'wa</i>	castanha-do-pará
1	<i>Ywaǵarete'retelywat</i>	lugar das almas
200	<i>Ywākā'i</i> (canto)	galho
212	<i>Ywapira'yp</i> (árvore)	café de macaco
6	<i>Y'wauu</i>	xupé, maxupi, pai-de-mel
118	<i>Ywayp'pyam awawa</i>	flauta-de-bambu
61	<i>'Ywepo lita'way ananã akarakup ananasĩǵ aramanai yweporem</i>	orelha-de-pau, urupê
15	<i>Ywit</i> (indistintamente)	embira
294	<i>Ywykwap</i>	enfeite de joelho
189	<i>Ywyǵy'wa</i>	fruta de morcego
100	<i>Ywyja'u</i>	curiango
100	<i>Ywyjupe</i>	pau de tinta (de cuia)
7	<i>Ywype</i>	chão
6	<i>Ywypyeit</i>	abelha
32	<i>Ywyrapat</i>	arco
31	<i>Ywyrā'up</i>	Mundurukú
31	<i>Ywyrā</i>	mão-de-pilão
74	<i>Ywyrasĩǵareipiãu</i>	varinha ornamental
7	<i>Ywyta'aǵap</i>	desenho do sol
120	<i>Ywytu</i>	tempestade
122	<i>Ywytujat tumukãĩǵi</i>	dono da tempestade

- W -

112	<i>Wafukaita</i>	expressão
148	<i>Wajaruparepareuu</i> - M.	rabo picadinho
55	<i>Wyrajo'o</i>	jacamim
116	<i>Wyraupiaḡ</i>	passarinho
47	<i>WyrUU</i>	cabeça-seca, jaburu-moleque

- TERMOS MÍTICOS -

215	<i>Merô</i>	Lua
151	<i>Sajũ pyakwatkwat</i>	tenho muitos furinhos
146	<i>Tagea'i</i>	jacaré
147	<i>Tapepifu'am'am</i>	pestana
148	<i>Wajaruparepareu</i>	rabo picadinho

- TERMOS QUIMÉRICOS -

255	<i>Araraiwa</i>	arara-brava
279	<i>Itama'mak itamimĩ</i>	panelão de <i>Janerup</i>
274	<i>Kunuminan ywy'ywy</i>	criança-d'água
132	<i>Kwatawero kuataurum kwatapororo'u</i>	boi d'água

NOTAS

- 1 - *Janerup* (homem fala) | *Janeruwa* ǁǁ (mulher fala) | *Ja'wari* | *Tujarare* | *Pyram* | *Pajawij* | *Panyeari*: Nosso pai espiritual.

No texto, usaremos para cada narrativa, o nome que o informante usou. *Janerup* não morreu nunca. Ele fez a terra, os rios, as plantas e tudo o mais. Só ele que fez tudo para nós. Antigamente, *Janerup* morava junto com Kayabí. Mas, certo dia, um homem morreu à-toa; *Janerup* ficou zangado e disse:

- Agora eu vou morar lá em cima, no lugar das almas (*Ywaǵarete-rete* | *Ywaǵ*). Quando morrer alguém de vocês, pode ir lá comigo. Não precisa ter medo de morrer: quando a gente morre, a gente renova a vida. Eu venho buscar a alma (*ae'aǵ*) de vocês.

"Se *Janerup* morresse, tudo ia se acabar: até o céu ia cair e acabar o mundo" - diz um informante.

O lugar das almas é como aqui na terra: tudo que existe lá, existe aqui também.

Quando a gente está dormindo, a alma da gente sai e vai se deitar num galho grosso de pé de anelím (?) (*ka'asi'yp*), no lugar das almas. Na hora de amanhecer, a alma desce de novo.

Se a pessoa morre, a alma vai para o mesmo galho de anelím, mas fica lá mesmo. "Kayabí não sabe para onde vai a alma depois que a gente morre" - diz outro informante.

- 2 - Urupema: *yrupe*m. Esta peneira serve para coar e guardar algumas coisas.

- 3 - Taquarinha: *uru'yp* - *Arundinaria* sp.

- 4 - Cera: *araity*.

- 5 - Moça: *kũjãmuku*.

- 6 - Roça: *ko*. Quando sai a flor do anelím, está próxima a primeira chuva, e é tempo de queimar a roça (agosto).

Antigamente, quando um Kayabí ia à roça, não podia chupar mel de xupé (*ywaau* - espécie de abelha preta), de caga-fogo (*tata'it* - *Melipona tataira*), mel-europa (*mama'gapopiat* - *Apis mellifera*; espécie introduzida pelo seringueiro), borá-cavalo (*tapemoǵ* - *Trigona heideri*), mel-de-sapo (*jate'iuu* - *Melipona fuscipennis*) borá (*a'waruu* - *Lestrimelipona limao*), uruçú (*takusipep* - *Melipona nigra*), mandaçaia-do-chão (*eirywy* - *Melipona santhialarri*), lambe-olho (*amype'i* - *Melipona duckei*) cupira (*kupi'a'aeit* - *Melipona kohli*) e mais o mel das seguintes abelhas, que não identificamos: *eiretapap*, *y'ayrũ*, *uru'ipepokaǵ*, *kawĩtajuu*, *kawĩtai'i*, *eiru'ni*, *Ywypyeit*, *tymakapeme'it* (*tymakapem*: canela, porque esta abelha tem canela), *kwapena* | *ka-ninekũ* (kanine: arara - Psitacideo, indistintamente; *aikũ*: língua; lit.: língua de arara, porque esta abelha tem o bico igual a um bico de arara), *akyky'eiruu* (*akyky*: bugio - Aluatta, gen., porque esta abelha é preta como o bugio e, porque, quando senta no cabelo da gente, grita igual a um bugio). Quando uma criança chupava o mel desta abelha preta, pegava coceira. Também quando um Kayabí ia à roça, não podia comer inajá (*inata* - Maximiliana regia. Amadurece em novembro-maio), piava (*ipi'awi* - *Leporinus* sp.), pêlo de macaco (*ka'i* - Cebídeo, indistintamente).

Se um kayabí chupasse o mel de alguma daquelas abelhas acima citadas, ou comesse inajá, piava ou pêlo de macaco e fosse à roça, as plantações morriam ou apodreciam, mesmo as que já estivessem maduras.

Por outro lado, quando ia à roça, podia chupar mel de mandaguari (*tapeu'a* - *Melipona postica*) e de bojuí (*myji'it* - *Trigona* sp.), sem que as plantações morressem ou apodrecessem.

Kayabí diz que, quando a gente tira o mel da mandaçaia-do-chão, o dono dela (*ijarawerotyryk*)

cava mais o buraco para ela afundar mais. O dono da mandaçaia-do-chão é um corozão (*yokup*) mas ninguém vê o corozão.

Antigamente, o Kayabí não podia comer, de noite, carne de macaco e outras coisas. Uma vez, um Kayabí começou a comer carne de macaco, de noite. Uma hora, quando foi pegar a carne, sentiu uma coisa macia e gelada: era um corozão. Daí, o medo do Kayabí de comer carne de macaco, de noite. Mais tarde da noite, o homem ficou frio e morreu.

Há um fio invisível, ligando o céu e a terra: por este fio, o macaco sobe para o céu e desce.

Antigamente, uma moça não podia soprar num canudinho de mandaguari; se o fizesse, no futuro, a criança ia nascer muda.

O bojuí era casado com a filha do mandaguari; por isso, quase sempre, os dois fazem a casa na mesma árvore.

- 7 - Sol: *Kwat*. Nos dias nublados, o Kayabí faz um desenho do sol (*ywyta'aġap*) no chão (*ywypte*) para o sol aparecer de novo.

O halo do Sol é areia e cinza (*tanimuk/tanemo/jukurup*) que *Janerup* coloca para enfeite.

- 8 - Água: *y*.

- 9 - Casa: *'ok*.

- 10 - Inambuzinha: *tururi* - *Crypturelus* sp. A inambuzinha mora na capoeira, mas sai da terra, diz o Kayabí. Por isso, antigamente, Kayabí tinha medo de comer carne de inambuzinha, porque, além de sair da terra, ainda jogava praga na gente.

- 11 - Rede: *taity*.

- 12 - Coró: *yok*. "Bicho de pau podre, isto é, as larvas de besouros lamellicórneos e outros". (Ihering, 1968:253).

- 13 - Irmã do pai de *Janerup*.

- 14 - Em geral, os Kayabí se casavam muito novos e entre primos cruzados. *Janerupe* e a filha da tia eram primos cruzados.

- 15 - Rola-bosta: *pyrerem* - Escarabídeo. Quando o rola-bosta anda ao sol quente, amarra a cabeça com uma embira (*ywiŋ*) para não ficar com dor de cabeça. O rola-bosta faz farinha de bosta e guarda numa cabaça.

- 16 - Beiju: *mani'oġo'o*.

- 17 - Bosta: *teposi*.

- 18 - Entre os Kayabí, uma mulher nunca entrega diretamente alguma coisa para outro homem que não seja o próprio marido.

- 19 - Povo: *Tekwaru*. *Tekwaru*: bunda grande, porque este povo usava a bunda como pilão (*yġu'a*). O pilão é feito de pau-de-bugre (*yġu'a'yp* - não identificamos) e pororoqueiro (*ya'ġyra'na'yp* - *Hymenaea martiana*).

- 20 - *Kawĩ*: cauim.

- 21 - Milho-fofo: *awasi* - *Zea mays tunicata*.

- 22 - Amendoim: *munuwi* - *Arachis hypogaea*. Antigamente, quando um pajé (*paje*) exercia a pajelância, fazia o amendoim cair do céu na cabeça dele e, daí, passava para uma peneira pintada (*araa*). Não era qualquer pajé que tinha o poder de fazer isso. E, hoje, não existe nenhum pajé capaz daquilo. Primeiro o pajé entrava em transe. Depois que voltava ao normal, distribuía o amendoim para todos e plantavam.

Também, antigamente, quando a gente comia amendoim e, em seguida, ia tratar um papagaio (*ajuru* - Psitacídeo) ou uma aranha (*janũ* - Aracnídeo) ou uma arara ou mesmo uma pessoa ou animal, a gente ficava paralizada e morria.

Quando o chilingo (*api* - não identificamos) amadurece, é tempo de plantar amendoim, porque a paca (*akusi/kura/kut* - *Dasypsecta aguti*) e a cutia (*miaruu* - *Agouti paca*) vão comer o chilingo e esquecem o amendoim.

Para um homem ser pajé, em primeiro lugar, fica irrequieto, andando para lá e para cá. Em seguida, encontra o espírito-mau (*kuniã'mutat*). O homem volta para casa e não pode contar que viu o espírito-mau. Não passa muito tempo, o espírito-bom (*paje'esaġe*) vem, expulsa o espírito-mau e o homem fica bom: daí para a frente, o homem é pajé. O espírito-mau é um homem, mas usa brinco, igual a uma moça. Quando o espírito-mau (*opiwat*) fica com raiva do

pajé, mata o pajé. Aquele espírito-mau tem o cabelo igual a um boneco. É muito bonito e não se pode apontar para ele.

A principal função do pajé kayabí é curar os doentes, isto é, tirar o espírito-malfeitor (*mama'e*) do corpo do doente. O espírito-malfeitor vem materializado em osso, pedra, dente ou qualquer outra coisa. O pajé coloca o espírito-malfeitor numa peneira e só o pajé vê.

Quando uma pessoa não quer que certo homem seja pajé, joga uma folha-preta (*mama'e wewe'em* - não identificamos) no homem. Quando a gente vai tirar a folha-preta, precisa fazê-lo com a mão esquerda; se o fizer com a direita, o espírito-malfeitor não sai do corpo do doente e ainda fica com raiva do pajé. Quando o pajé está tirando o espírito-malfeitor de um doente, o pajé não pode comer carne de macaco; se o fizer, morre. Quando o espírito-malfeitor chega ao estômago ou à garganta de uma pessoa, esta morre logo.

O espírito-mau (*kujāmufat*) é do pajé e só aparece para ele.

23 - Batata-doce: *jetyk* - Ipomea batatas.

24 - Cabaça: *y'a* - Lagenaria sp.

25 - Cuia: *y'a*.

26 - Martim-pescador: *pinatykat* - Ceryle, gen. Kayabí diz que, quando a gente cria um martim-pescador, um dia ele pode furar o olho de uma pessoa estranha.

27 - Povo do pica-pau-de-cabeça-amarela: *Pyrep*. Pica-pau-de-cabeça-amarela: *pyreteten* - *Ceileus flavescens*.

28 - Mandioca: *mani'ok* - Manihot utilissima, indistintamente. O Kayabí usa três espécies de mandioca: a brava (*mani'ogete* - Manihot esculenta), a mansa (*mani'atata* - Manihot dulcis aipi) e a mandioca-d'água (*mani'akap*).

29 - Cará: *ka'ra* - Discorea sp.

30 - Feijão-de-vara: *kumanã* - Phaseolus sp.

31 - Mundurukú: *Ywya'up*. *Ywya*: mão-de-pilão, porque Mundurukú usa muito a mão-de-pilão. Antes, Kayabí e Mundurukú se davam bem; depois brigaram por causa de um tuim (*tu'iuu* - Psitacidae). A última briga foi no córrego da briga (*taukaap*), à margem esquerda do rio dos Peixes. Quando aparecia um meteoro, queria dizer que Mundurukú vinha atacar Kayabí.

32 - Arco: *ywyrapat*.

33 - Fecha: *u'yp*.

34 - Farinha de milho-fofo: *awasikwi*.

35 - Urubu: *uruwu* - Catharista atratus brasiliensis, indistintamente.

Quando a gente atira num bicho, este corre e morre lá na frente. A varejeira (*merua'yt* - *Cochliomya macellaria*) encontra a carniça e cobre com as asas, escondendo para o urubu preto grande (*uruwupep* - *Coragypus atratus*). A gente pode passar até bem perto da carniça e não vê. Quando a gente mata um urubu, ele vive de novo; por isso, a gente não pode mexer com urubu.

Quando um urubu vê mulher grávida de uma menina, ele vomita uns pedaços de carne podre e fedida: ele sabe quando é menina.

Quando a gente olha para um urubu, a gente fica careca, porque ele é careca.

O urubu não gosta quando nasce uma menina na aldeia, porque a menina não mata bicho para ele comer; gosta quando nasce um menino, porque mata bicho.

O urubu mora no céu. Quando vem à terra, passa pelo seu sol ou sua porta (*uruwukwat*. *Uruwu*: urubu; *kwat*: sol. Lit.: sol do urubu). Trata-se das nuvens de Magalhães.

36 - Fogo: *tata*. O Kayabí obtinha o fogo, pela fricção de dois pauzinhos de urucum (*uruku'yp*).

A gente não pode urinar no fogo, se não dói a bexiga; também se cuspir no fogo, dói o dente.

37 - Morcego: *anyra* - Microquirópteros.

38 - Farinha: *u'i*. Indistintamente.

39 - Sucuri: *mojuu* - Eunetes murinus.

40 - Pena de gavião: real - *kwanūpepo*.

41 - Acauã: *mākāwā* - Herpetotheres cachinnans. Antigamente, quando o acauã cantava, o Kayabí dizia que estava agourando a gente; por isso, queimava pimenta (*yky'yī* - *Capsicum* sp. Amadurece em julho) para queimar a garganta do acauã. O Kayabí também queimava a

pimenta para ficar valente, como ainda para matar a "febre" do milho-fofo.

Quando o acauã cantava: pa... co... va..., pode contar que o doente vai para a cova mesmo.

- 42 - Algodão: *amyne'juetejamyne'ju* - *Gossypium* sp.
- 43 - Gavião: *kwanũ* - Falconídeo, indistintamente.
- 44 - Rato: *aũu'ja* - Morfo, indistintamente.
- 45 - Lagarto-do-mato: *teju'awy* - *Tropidurus torquatus* e *T. hispidus*.
Quando nasce um menino na aldeia, o lagarto-do-mato fica triste, porque, no futuro, o menino vai jogar pedra no lagarto-do-mato; mas, quando nasce uma menina, o lagarto-do-mato fica alegre, porque a menina nunca vai jogar pedra nele.
- 46 - Coruja: *urukurea'a* - *Speotyto cunicularia*. Quando um moço ou uma moça arremeda coruja: *ku... ku... ku...*, a coruja vira corô e vem deitar com quem arremedou.
- 47 - Gavião-real: *kwanũũ* - *Harpyia harpyia*. O Kayabí criava o gavião-real num cercadinho cunifor-me, com a dupla finalidade de cobrir o defunto com as penas e colocar as mesmas penas na flecha de festa (*uy'kağ*). Com as mesmas finalidades, usavam também as penas de jacu-goela, jacutinga, cabeça-seca (*Mycteria americana*) e mutum-cavalo (*mytũ* - mitu-mitu). Todas as penas eram guardadas em uma bolsa de entrecasca de sorveira (*u'ywyrũluyyp'u'ywyrũ*). A flecha da festa era feita exclusivamente de pena de gavião-real e só usada na festa. Algumas tinham ponta, outras, não. Não se podia pegar nela com a mão suja, se não o bichinho roía e desbotava a pena. Precisava dançar com ela com muito cuidado e não podia encostar em urucum para não desbotar. Sempre era guardada ao sol para o bichinho não roer as penas.
- 48 - Corujão-do-mato: *urukurea'ete* - *Pulsatrix pulsatix*.
- 49 - Veado: *karupam* - *Mazama americana*.
- 50 - Caraíba: *tapỹ'yi*.
- 51 - Farinha grossa: *u'iuu*. O Kayabí coloca a mandioca-brava ou mansa na água. Ali, a mandioca passa três dias, se o tempo é quente; se é frio, uma semana. Em seguida, o Kayabí tira a casca da mandioca com a mão, coloca ao sol, soca no pilão depois de seca, passa na peneira e torra: tem a farinha grossa, importada do Pará.
- 52 - Farinha fina: *u'ute*. Para obter a farinha fina, o Kayabí usa praticamente o mesmo processo da farinha grossa.
- 53 - Cipó: *ypo*.
- 54 - Cesto de carregar: *myayta*. Serve para transportar mandioca e caça. É trançado de cipó e amarrado com embira.
- 55 - Jacamim: *wyrafo'o* - *Psophia viridis*. *Jo'o*: chorar, porque vive chorando a morte do avô. O jacamim dá muito piolho (*kyp/my'ape'wi* - *Pediculus humanus humanus*) na gente.
- 56 - Zogue-zogue: *jaju'i* - *Callicebus*, gen.
- 57 - Cuatá: *ka'iuu* - *Atelles*, sp. O cuatá era o avô de todos os macacos; por isso, Kayabí não o comia. O zogue-zogue e o macaco-prego (*ka'iete* - *Cebus apella*) vieram depois.
- 58 - Sorveira: *arakuri'yp/ywy'gyp* - *Brosimum galactodendron*.
- 59 - Ema: *anuũ* - *Rhea americana*.
- 60 - Mojica: *mutap*.
- 61 - A mulher grávida não podia comer trairinha (*tare'yt* - *Hoplias malabaricus*), inambu (*inamu* - Tinamídeo, indistintamente), jacu-goela (*jakupe'muũ* - *Penelope jacupeba*), jacutinga (*jakupesgĩ* - *Cumana nathereri*), amandoim e macaco; também não podia chupar mel de caga-fogo e borá. Quando nascia uma criança, a mãe podia comer lambari-amarelo (*ipiwuiup* - *Caracídeo*) e trairinha.
Quando a criança já crescia um pouco, a mãe podia comer jacu-goela, jacutinga, jacamim, pacu (*paku*, *Myteles* sp.), piraputanga (*ipirapytağ* - *Brycon orbignyanus*) e tucunaré (*tukunare* - *Cichla* sp.). Mas precisava comer tudo isto bem devagarzinho para a criança não cair doente. Quando a criança já andava, a mãe podia comer inambu, macaco, trairinha, bagrão (*ini'ayp/je-remia'yp* - *Pseudopimelodus raminus*), acará (*akara* - *Geophagus* sp.) e cascudo grande (*ini'ãũũ* - *Loricarídeo*). O cordão umbilical (*itu'ãama*) e a placenta eram enterrados. A mãe carregava a criança numa tipóia (*tupaĩ*). Alguns chamam a tipóia de "zamata", palavra paresí, importada de Utiariti, com a mesma significação de tipóia.

A dieta alimentar do pai era a mesma da mãe.

Quando a criança ficava doente, a mãe comia folha de mangarito (*namo'a* - *Xenthosoma* sp.), de mandioca-mansa socada e cozinhada e de feijão-de-vara.

A mulher também não podia beber água de dentro da folha de mangarito, porque o mangarito cresce bonito e logo morre.

A mulher grávida não podia ver uma pessoa mordida de cobra (*moi* - Ofídeo), se não ia bater uma dor muito forte na pessoa mordida. Também, na gravidez da mulher, o marido não podia carregar macaco enrolado no pescoço, de volta de uma caçada: se o fizesse, a tripa da criança ia enrolar no pescoço dela mesma. Ainda nesse tempo da gravidez, se o marido matasse jacu-goela, jacutinga e jacamim, precisava colocar folha na boca daqueles pássaros para a criança não gritar e nem ficar cega ao nascer.

A mãe solteira jogava a criança ao sol; em seguida, o avô materno arrastava a criança até o buraco de tatu (*tatu* - Dasipodídeo, indistintamente) e jogava dentro. Outras vezes, o avô só cortava o cabelo da filha.

Uma vez, morreu um homem no mato; enterraram o homem e ele viveu de novo. Por isso, Kayabí tinha muito medo de tatu.

Antigamente, os moços e moças kayabí não podiam comer jacu-goela, jacutinga, jacamim, uru (*uru'i* - *Odontophorus capueira*, porque o uru, quando canta, está agourando a gente), quati (*kwasi* - *Nasua nasua*), paca, cutia, caititu (*taitytu/pyta/muk* - *Tayassu tajacu*), tucunaré, pacu, matrinxã (*piawuu* - *Brycon breviceauda*), jeju (*jejũ/parasi* - *Hoplerthrinus unitaeniatius*), piraputanga, cascudo grande, cascudo da lagoa (*amoata* - *Loricarídeo*), camarão-d'água-doce (*pasiõ* - *Bithynis jamaicensis*), macaco-da-noite (*tama'y* - *Aotus trivirgatus*), pato (*ypek* - *Sarkidiornis sylvicola*).

Se um moço ou uma moça comesse a carne de algum daqueles animais, ia criar barriga-d'água (*furu'a/muru'a*) e ficar com a barriga parecida com a cabeça de uma criança. Para o moço ou moça se levantar da rede, precisa usar uma corda, amarrada por cima da rede. Quando uma barriga-d'água cresce muito, estoura e a pessoa morre.

Se um moço ou moça comesse matrinxã, pegava febre e ataque; em seguida, saía sangue pela boca, nariz e morria. Uma criança não podia nem sentir o cheiro do matrinxã e do jacu-goela.

Antigamente, em geral, Kayabí não podia comer paca, cutia, quati, veado e caititu.

O casal com filho não podia comer castanha-do-pará (*y'wa* - *Bertholletia excelsa*), amendoim, quati, paca, angu de mel (*iu'ifet*) e filhote de abelha. Podia comer feijão-de-vara, milho-fofo, mangarito cozido e carne de anta (*tapi'it/tapi'iruu* - *Tapirus terrestris*) e orelha-de-pau (*y'wepo* - *Polyporus sanguineus*). Se alguém comesse carne de paca, pegava um amarelão e uma queimadura, porque a carne de paca é reimosa. Também só velho podia comer angu de mel; se um novo comesse, pegava reumatismo (*aemukã'nã*).

Quando uma anta está deitada, chama o gavião-carrapateiro (*tapi ky'wat* - *Mivalgo chimachima*); este vem, desce no chão e fica catando carrapato-do-mato (*jatewu'wat* - *Ornithodoros rostratus*) na anta.

Kayabí dizia que, se a gente matasse um pato, ele levava a gente para um lagoão (*yupap*).

A moça não podia soprar num ouriço de castanha-do-pará, se não, no futuro, a criança ia nascer doente e cansada.

62 - Tuiuiú: *tujuju* - *Jabiru mycteria*.

63 - O tempo de milho-fofo verde é em dezembro.

64 - Panacum: *panakũ*. Serve para carregar a rede e a pessoa morta longe da aldeia.

65 - Borduna: *muap*. É feita de seriva (*y'ryp* - *Bactris gasipres*), de perova (*ypero'wyp* - Apocinácea e Bignoniácea) e de tucum-do-mato (*tukumã* - *Astrocarium* sp.). O moço não pode dançar com a borduna na festa.

O tucum-do-mato é também chamado de paca, porque a paca gosta muito de comer aquela palmeira.

66 - Pacova: *pakop* - *Heliconia bihai*.

67 - Jirau: *ype*.

- 68 - Canoa: *yat*.
- 69 - Taquarinha-de-flecha: *akama'yyp*. Para flechar bem, o Kayabí raspa uma raiz (não identifica-mos), põe na água e pinga no olho.
- 70 - Porco-queixada: *Tajau* - Tayassu pecari.
- 71 - Tucaninho: *tukan'i* - Rhampastos.
- 72 - Jabuti: *jawosipep* - Testudo tabulata. O Kayabí diz que, quando um jabuti morde uma pessoa, só larga ao primeiro trovão (*tupãuu*).
- 73 - Cachorro-do-mato: *awara'ilja'wafukwi* - *Dusicyon tous*.
- 74 - Festa - *jawasi*. Quando o Kayabí matava uma onça (*miat* - Felídeo, indistintamente), tirava a mão da onça, enrolava numa embira e colocava ao sol para secar. Cortava a cabeça juntamente com o dente e tudo e dependurava em casa para secar: era a cabeça-troféu. Depois de uns dias, dançava com a cabeça-troféu, com a mão da onça, com um cinto de couro ainda da onça e com uma varinha ornamental (*ywyrašigareipiãu*). Essa varinha era cheia de pulseira, ainda do couro da onça. Também, quando o Kayabí matava um não-indio numa guerra, deixava o corpo para o urubu comer. Em seguida, tirava os miolos para não arruinar e tinha outra cabeça-troféu. Pintava toda ela com urucum (*uruku* - Bixa Orellana - amadurece em agosto) e envolvia com linha de algodão. Todas as mulheres deviam contribuir com a linha para envolver. Deixava a cabeça-troféu no meio da casa e todo o mundo batia nela, a começar pelo chefe. A cabeça-troféu ficava toda em pedacinhos. Depois disto, começava a festa. No fim, jogava fora a cabeça-troféu.
- Se um Kayabí comesse uma festa e não levasse até o fim, havia o perigo de morrer gente.
- 75 - Panela-de-barro: *japepo*. O Kayabí colocava o ovo de jacaretinga (*jakare itakuã* - Caiman selerops) ao sol para secar; em seguida, usava o ovo para alisar a panela-de-barro.
- 76 - Tacho-de-barro: *jamep*.
- 77 - "Hoje em dia, os Kayabí tudo é bem baixinho, fraco e só tem um restinho. Antigamente era muita gente e bem forte. A história é assim", diz um informante.
- 78 - Por isso, hoje em dia, a jacutinga faz um barulho com as asas quando levanta vôo de madrugada.
- 79 - "Por isso, antigamente, os parentes transavam entre eles mesmos" - diz um informante.
- 80 - Lua: *Jay*. O eclipse da Lua adivinha uma festa: alegria, canto, dança e toque de flauta; às vezes também adivinha a morte: canto para ficar triste.
- 81 - Alguns informantes desconhecem o nome de *Kwema'up*.
- 82 - Flauta-de-pã: *jumi'aljeru'apiãu*.
- 83 - Começo-da-seca: *amanapo'oğamu*. A seca começa em abril e vai até outubro.
- 84 - Lasca de pedra: *itãjy*. Hoje em dia, o Kayabí chama de "facão". O Kayabí buscava a lasca de pedra no córrego *Jypirea'a*, à margem esquerda do rio dos Peixes.
- 85 - Machado-de-pedra: *itãjy'uulitãju'uu*. O Kayabí buscava pedra para o machado no córrego *Jypira'i*, também na margem esquerda do rio dos Peixes.
- 86 - Por isso, hoje em dia, o Kayabí precisa roçar e derrubar para fazer roça.
- 87 - Surucucu: *kwanũpepo* - Lachesis muta. *Kwanũ*: gavião; *ipepo*: pena; lit.: pena de gavião, porque a surucucu tem a pinta igual à pena de gavião.
- 88 - Cobra: *moijayk* - Não identificamos. Por isso, hoje em dia, existe cobra. Por isso, também hoje em dia, o Kayabí, quando flecha, precisa ir buscar a flecha.
- 89 - Cobra-cipó: *moijawy* - Colubrídeo. Quando uma cobra-cipó morde uma pessoa, esta fica feia, igual à cobra-cipó. A cobra-cipó mente para a gente e ainda dá uma risada. Quando uma pessoa é mentirosa, o Kayabí diz que é igual a uma cobra-cipó.
- 90 - Tapagem de pescar: *jesi'up*.
- 91 - Jequi: *jesia'a*.
- 92 - Peixe: *ipira*, indistintamente.
- 93 - Broto de inajá: *pinosĩg*.
- 94 - Jatobeiro-grande: *jutau'wa'ete* - Hymenea coubaril. Amadurece em agosto.
- 95 - Pau-de-cachimbo: *jemore'yyp*. O Kayabí tira a tinta do pau-de-cachimbo para cuia.
- 96 - Pau-de-sabão: *simo'ywyku'yp* - Não identificamos.

- 97 - Grilo: *yky'ju* - Grilídeo. O Kayabí chama de grilo a uma pessoa ladrona.
- 98 - Remédio: *muag̃*.
- 99 - Pé de tucum-do-mato: *tukumã'yp* - *Mauritia flexuosa*.
- 100 - Assombração: *a'jaḡla'jaḡ'ywyku'la'jaḡnupiã*. A assombração tem o cabelo comprido, com a aparência de uma peneira. A perna e o braço de um lado da assombração são finos, iguais a um dedinho e aqui deste lado, está toda a força da assombração. O nariz é grande, feio; a cabeça igual a uma urupema. A assombração gosta muito de uma cabacinha do mato (*a'jaḡarepyrũ* - Não identificamos). Nesta cabacinha ela carrega a goiva (*parasĩ*), fio de tucum-do-mato (*myka'jyp*), cipó-urubamba (*ameywit* - *Desmonchus polyacanthus*), colar de coco de tucum-do-mato (*tukumape*) e enfeite de orelha (*tukanap*). Quando uma pessoa corre atrás de um curiango (*ywyja'u* - Caprimulgídeo. *Ywyje*: chão, porque o curiango dorme no chão) para flechar, chega uma assombração, joga o curiango na cabeça e foge com ele. A assombração tem muita verruga (*okytã*) na cabeça; por isso, ela tem medo de pente (*ky'wap*) porque a verruga dói quando ela penteia o cabelo. Quando a gente aponta as estrelas (*jaytata*) com os dedos para contar, a gente cria verruga. Quando a gente tem um pesadelo (*aipirawat*) é a assombração que vem bolir com a gente. O espírito-mau (*mirewat*) é o companheiro do pesadelo. Ele abraça a gente e produz o pesadelo. Quando morre uma menina, é a assombração que pega. Antigamente, quando uma pessoa tinha piolho, era chamada de assombração. A assombração gosta de fazer roça e conhece o tempo certo. De noite, a gente escuta a assombração cantar. Também, ela só faz flecha de noite, porque, de dia, ela dorme. O Kayabí costuma fazer um boneco representando assombração. O boneco é flechado nas festas. A goiva ou "faca" é um dente de cutia embutido num pauzinho. Serve para fazer arco e flecha.
- 101 - Tocandira: *tokanet* - *Paraponera clavata*.
- 102 - Tocandira comprida: *tipia'i*.
- 103 - Lacaia: *japewa* - *Scolopendra morsitans*.
- 104 - Escorpião: *jawa'jyt* - Escorpionídeo.
- 105 - Formiga correição-preta: *tayporopi* - Exciton, gen.
- 106 - Sapão-de-espora: *ju'pytasi*. Não identificamos.
- 107 - Tempo-da-seca: *kwaripe*. Abril-outubro.
- 108 - Cipó-timbó: *simo'ete* - Sapindácea.
- 109 - Boi: *kwatao* - Bos.
- 110 - Pernilongo: *jasi'ú* - Culicídeo. Kayabí diz que, no tempo-da-seca, o pernilongo dorme no barranco do rio, sem rede; no tempo-da-chuva (amanipe) dorme na rede, onde põe o ovo. Antigamente, Kayabí tinha muito medo de pernilongo.
- 111 - Mamangava: *mama'ḡauu'mama'ḡap* - *Bombus* sp.
- 112 - Wafukaita: expressão de chamar.
- 113 - Pajé antigo: *mait*. O padre tem o mesmo nome. Um pajé do Tatuí me chamava de "padre de antigamente".
- 114 - Pomba-do-mato: *pykaup* - Columbídeo.
- 115 - Cigarra: *jakyram* - Cicadídeo. Tem este nome porque gosta de ficar numa árvore chamada *jakyra'nyp* - Não identificamos.
- 116 - Passarinho: *wyraupioḡ* - Não identificamos.
- 117 - Galinha-de-bugre: *kākā* - Não identificamos. (Ihering, 1968:310).
- 118 - Flauta-de-bambu: *ywayp'pyam'awawa*. Uma moça não podia tocar a flauta-de-bambu, se não, mais tarde, a sua criança ia ficar atravessada na barriga e nascer cansada, e até podiam nascer dois gêmeos.
- 119 - Formiga preta: *tay'wiũm* - Não identificamos.
- 120 - Tempestade: *ywytu*. Antigamente, quando dava uma tempestade, o Kayabí jogava um machado-de-pedra no chão para a tempestade ficar com medo do machado-de-pedra cortar as pernas finas dela. Além disso, o Kayabí queimava a folha seca do açaí (*pino'wi*), massa e

- semente de urucum para acalmar a tempestade. Deixava ainda pena de urutau (*urutajo'o* - *Nyctibius* gen.) na roça para a tempestade não derrubar a plantação, porque o urutau gosta de tempestade: ele fica num toco da roça, balançando a cabeça para lá e para cá, durante a tempestade. Quando o urutau vira a cabeça de frente para a tempestade, esta se acalma.
- 121 - Bacava: *pino'wa'yp* - *Oenocarpus distichus* e *O. bacava*.
- 122 - Dono da tempestade: *ywyutaj/tumukã'gi*. O dono da tempestade não gosta que a gente jogue pedra na água; se jogar, a tempestade derruba a casa e a plantação.
- 123 - Garapeira de cima: *ja'gyp* - Q.
- 124 - Pica-pau-anão: *maimai'ri* - *Picumnus* gen.
- 125 - Calango: *mere'merep* - *Cnemidophorus*. Do mesmo modo que com o lagarto-do-mato, quando nasce um menino na aldeia, o calango fica triste, porque o menino, quando crescer, vai jogar pedra no calango. Ao contrário, quando nasce uma menina, o calango fica alegre, porque a menina, quando crescer, não vai jogar pedra no calango.
Também o calango tem medo de ficar perto de uma mulher grávida de um menino; se a mulher estiver grávida de uma menina, o calango não tem medo. "Como que o calango sabe quando uma mulher está grávida de um menino ou de uma menina?" - pergunta um informante.
- 126 - Lagartixa: *mene'my* - *Lacertílios*.
- 127 - Muito difícil distinguir entre um calango e lagarto-do-mato. (Nota 45).
- 128 - Papa-vento: *Sisikait* - *Anolis punctatus*. Quando uma pessoa viaja para longe, cospe na boca de um papa-vento para a pessoa não ficar com sede durante a viagem, porque o papa-vento não bebe água.
- 129 - Peúva: *siaka'yp/siaka'gyp* - *Tabebuia* gen.
- 130 - Cumbu: *munu'wyp* - *Dipteryx* alata.
- 131 - Até hoje, a garapeira está lá no lugar das almas.
- 132 - Onça-d'água: *takape'y* - Q. É do tamanho de um boi e tem uma catinga muito forte. Não trepa em árvore. Tem a mão da grossura de um pilão. Vive fazendo: *kwi... kwi... kwi...*, igual a um mutum-cavalo. Quando a gente sobe numa árvore, ela joga onda de água até derrubar a árvore. Quando a gente corre, ela faz a água crescer na frente, para a gente não passar. Na hora de sair da água, estronda como um trovão e canta: *ti... ti... ti...*, igual a um patinho. Quando sai da água, é para pegar gente, matar, levar para o fundo da água e comer.
Se uma pessoa flechar a onça-d'água, a pessoa morre junto com ela. Quem escapar de uma onça-d'água, precisa trepar bem alto e ficar bem quietinho. Só come barro e bosta.
Quando a gente pesca de noite, a onça-d'água não larga da gente: é preciso queimar a casca inteira de tucum-do-mato para ela não chegar muito perto.
O filhote da onça-d'água é bem fofinho e bonitinho.
Depois que o Kayabí conheceu o boi, chamou a onça-d'água de boi-d'água (*kwatawero/kwataurum/kwataporo'u* - Q.) com características próprias: maior que o boi comum, chifre curtinho, preto e branco e mora no fundo da água.
- 133 - Não é como hoje que alguns são brabos.
- 134 - Mingau de barro branco: *tujugy*.
- 135 - Bolsa de folha: *ka'atatsusi*.
- 136 - Cágado: *jurupat* - *Quelídeo*.
- 137 - Jaó-galinha: *tekwapap* - *Tinamídeo*. Quando a gente come a carne do jaó-galinha, a gente vive bem e por muito tempo.
- 138 - *Jerape*: expressão.
- 139 - *Amok*: expressão.
- 140 - *Jeremy*: expressão.
- 141 - *Pypyp*: expressão.
- 142 - Cará-do-mato: *ka'rasigjipiraka'ra* - *Dioscorea* sp.
- 143 - *Jajūa*: expressão.
- 144 - *Kytk*: expressão.
- 145 - Jacaré: *jakaré* - *Caiman crocodilus*.
- 146 - Jacaré: *tagea'i* - M. e Q.

- 147 - Pestana fina: *tapepifu'am'fu'am* - M.
- 148 - Rabo picadinho: *wajareparepareuu* - M.
- 149 - Cupinzeiro: *typyku'ë*.
- 150 - Cupim: *kupi'i* - Termídeo, indistintamente.
- 151 - *Sajũ...* *pyakwatkwat*: muitos furinhos - M.
- 152 - Sapo: *ju'i* - Anfíbio, indistintamente. Chamado também de bunda fina (*teikwasinĩg*). Muitos sapos moram no lugar das almas. Descem por uma corda para festa aqui na terra. O chefe deles é o sapo amarelo (*maraka'yp*).
- 153 - Japuirinha: *japi'i* - Icterídeo. A japuirinha imita toda espécie de pássaro, menos o bico-de-brasa (*jaũn* - Monasa morphoeus). Além dos pássaros, a japuirinha imita a onça, a paca, a cutia, o macaco, a ariranha (*takapeuu* - Pteronura brasiliensis) e o tucano (*tukan|tukanaeteljokwe*) - Rhamphastos). O Kayabí corta a língua de uma japuirinha e passa na língua da criança para esta aprender logo a falar.
- 154 - Sapão: *ju'iramyĩ* - Bufo marinus.
- 155 - Rio: *Majey* - Não identificamos geograficamente.
- 156 - Cemitério: *tywy*. Uma única sepultura já é chamada de cemitério.
- 157 - Cobrinha-chata: *moikye* - Glauconia albifrons. Quando a gente pisa nessa cobrinha, ela fica bem chatinha.
- 158 - Jenipapo: *janypap* - Genipa americana.
- 159 - Onça-pintada: *ja'wapinim* - Felis onca.
- 160 - Surucuá: *uruku'a* - Trigonídeo.
- 161 - Por isso, hoje em dia, o mutum-cavalo tem o bico vermelho.
- 162 - Por isso, hoje em dia, o veado gosta de capoeira e não tem dente; por isso, também, gosta de fazer roça, sobretudo de jaracatiá (*arakasi'y'wa* - Jaracatia dodecaphylla).
- 163 - Por isso, hoje em dia, quando o veado corre, faz: *txe... txe... txe...*
- 164 - Capivara: *kapiywat* - Hydrochoerus hydrochoerus.
- 165 - Ferida kayabí: *mirai|pirai*. Para o Kayabí, a ferida tem a seguinte origem: um Kayabí matou um não-índio portador de uma ferida brava. A ferida passou para o Kayabí criminoso e, deste, para os outros Kayabí, até hoje.
Outra explicação é que, antigamente, o Kayabí comia muito girino (*juja'yt* - Batráquio). Trata-se da doença de Jorge Lobo: um caso de blastomicose. Existem outras explicações.
- 166 - Brinco de homem: *nãipyiat*. Feito de dente de cutia.
- 167 - Diadema de pena: *akagyat*.
- 168 - Lambari: *ipira'yt* - Caracídeo, indistintamente.
- 169 - Sarapó: *tekwakutuk|arapo* - Giton fasciatus.
- 170 - Banco: *kanawa*.
- 171 - Por isso, hoje em dia, o jacaré cai na água e faz: *txu... txu...*
- 172 - Antigamente, quando havia uma festa grande na aldeia, Kayabí ia buscar moça em outra aldeia para a festa e os pais vinham também.
- 173 - Pau-leiteiro: *yogakãwã'yp|yo'gyp*. Yok: coró. Lit.: árvore de coró. Não identificamos.
- 174 - Mel: *tyapit|leiraryapit*, indistintamente. Quando a gente mexe o mel, a gente ou vira pajé ou morre.
- 175 - *Ajee tete... joo...*: expressão.
- 176 - Paxiúba: *pasi'yp* - Iriarteia exhorrida.
- 177 - Por isso, hoje em dia, quando um Kayabí fica variado, outro fala que vai com o coró.
- 178 - Pica-pau-de-cabeça-vermelha: *ypekũ* - Campophylus robustus.
- 179 - Juriti-vermelha: *jerusi* - Leptotilla sp. Se uma pessoa imita a juriti-vermelha, a pessoa pega dor de cabeça.
- 180 - Lagoinha: *ypapet*.
- 181 - Peixe-cachorro: *aikaĩ* - Raphiodon sp.
- 182 - Peixe-pintado: *uruwi* - Pseudoplatystoma sp.
- 183 - Mutuca: *mytu'me* - Díptero.
- 184 - Por isso, hoje em dia, Kayabí diz que a mutuca tem mel na barriga.
- 185 - Chicha de milho-fofo: *awasiy*.
- 186 - Chicha de mandioca-doce: *mani'akawy*.

- 187 - Por isso, hoje em dia, o morcego dança toda a noite.
 188 - Açai: *ju'jywa* - Euterpe oleracea.
 189 - Fruta-de-morcego: *ywygy'wa* - Não identificamos.
 190 - Semente de cumbaru: *munuy'wa'yp*.
 191 - Ingá: *y'ga* - Inga, gen.
 192 - Marimbondo: *kap* - Vespídeo, indistintamente.
 193 - Por isso, hoje em dia, a cutia gosta de coco de tucum-do-mato e de inajá.
 194 - *Konipo*: Já vem (canto).
 195 - *Eneruwa*: seu pai (canto).
 196 - *Reko*: lembrando (canto).
 197 - *Tukumã'i*: Coco de tucum-do-mato (canto).
 198 - *I'wyrumū*: embaixo (canto).
 199 - *Ujãujãna'i*: pulando (canto).
 200 - *Ywākā'i*: galho (canto).
 201 - *Rupi*: correndo (canto).
 202 - *Taraku'a*: taracua (canto).
 203 - *Kytykytyka*: esfregando (canto).
 204 - *Ojee*: nele (canto).
 205 - *Imowowoka*: partindo (canto).
 206 - *Okoo*: para lá e para cá (canto).
 207 - Abano: *tapekwat*.
 208 - Urubu-rei: *uruwusig* - Sarcoramphus papa.
 209 - Por isso, hoje em dia, o urubu come tudo cru. "Eu não entendo como o urubu tinha o fogo e sempre comia tudo cru", diz um informante.
 210 - *Jawi'yp* - Não identificamos.
 211 - Jatobeiro-pequeno: *jutau'wa'i* - Hymenaea courbari. Amadurece em setembro.
 212 - Café-de-macaco: *ywapira'yp* - Não identificamos.
 213 - Urucum-do-mato: *urukuran*.
 214 - Por isso, hoje em dia, existe o fogo.
 215 - *Merō*: Lua, depois que virou do filho de *Janerup*. M.
 216 - Por isso, hoje em dia, a mancha da Lua é o sinal daquela peneira e, por isso também a chuva cai peneirada.
 217 - Por isso, hoje em dia, a mancha da Lua é o sinal daquele barro. Ou é o sinal daquela tapa na cara.
 218 - Urtiga: *ka'aporopi* - Urticácea.
 219 - Concha: *itã*.
 220 - Buriti: *myresi* - Mauritia vinifera. Amadurece em dezembro-abril.
 221 - Por isso, hoje em dia, Kayabi para se livrar de uma assombração fala assim, diante de um pé de buriti: "Você não pode mexer comigo!... Se mexer, o broto de buriti vai matar você!".
 222 - Por isso, antigamente, a onça-pintada não chegava perto do curiango, porque o curiango era arisco. Quando via a onça-pintada, voava embora.
 223 - Tamanduá-bandeira: *tamanauu* - Myrmecophaga tridactyla.
 224 - Piranha: *ipirã* - Caracideo.
 225 - Alma-de-gato: *asigauu* - Piaya cayana macroura. Quando um homem vai caçar ou pescar e escuta uma alma-de-gato cantar: *xikã... xikã...*, é que ela está jogando praga no homem e este não mata nada. Também basta uma pessoa passar perto de uma alma-de-gato, para esta xingar: *xikã... xikã...*
 226 - Fumo: *pytem* - Nicotiana sp.
 227 - Vasilha de cabaça: *kanafu*.
 228 - Óleo de tucum-do-mato com urucum: *jany*.
 229 - Cuia: *y'apytañ*. É própria para colocar óleo de tucum-do-mato com urucum.
 230 - Mangoari: *mauariuu* - Ardea cocoi.
 231 - Por isso, hoje em dia, a cabeça-seca tem o bico meio torto.
 232 - Urubuzinho: *tapera'i* - Chelidoptera tenebrosa. Kayabi diz que o urubuzinho adivinha quando o rio está descendo. Quando está cheio, ele vem só para olhar.

- 233 - Por isso, hoje em dia, quando uma assombração pergunta alguma coisa, a gente precisa responder que já sabe ou já conhece.
- 234 - Coco de pacova: *pako'a'yp*.
- 235 - Pataúá: *pino'wauu* - *Oenocarpus bataua*.
- 236 - Na região kayabí se costuma queimar a roça no mês de agosto.
- 237 - Baitaca: *pi'wa* - *Pionus menstruus*.
- 238 - Beija-flor: *mainumylnumy* - Troquilídeo. Quando um beija-flor passa voando por cima, quer dizer que vai aparecer caça. Quando voa por cima da casa, fazendo barulho com as asas, significa que está jogando pulga (*tuḡ* - *Pulex irritans*) em cima da gente.
- 239 - Caju-do-mato: *akajuu* - *Anacardium giganteum*.
- 240 - Jaú: *jani'auu* - *Paulicea*.
- 241 - Peixe-agulha: *ipirafuku* - *Atronyx timucu*.
- 242 - Por isso, hoje em dia o peixe-agulha faz do mesmo jeito quando vai pegar outro peixe. "Antigamente, Kayabí não comia peixe-agulha. Hoje, não perde nenhum, nem mesmo o couro" - diz um informante.
- 243 - Por isso, hoje em dia, o jaú gosta de poço fundo e de ficar debaixo da pedra. É difícil pegar um jaú fora do poço. O jaú carrega a alma da gente para o meio das pedras, no fundo das águas. Precisa ser um pajé muito bom mesmo para ir buscar a alma.
- 244 - Por isso, hoje em dia, ainda é desse jeito.
- 245 - Por isso, antigamente, Kayabí não comia carne de paca, porque ela vem de gente.
- 246 - Antigamente, Kayabí fazia flecha de pena de urubu para espantar cobra. A flecha ficava sempre em casa. O Kayabí sacudia esta flecha para lá e para cá.
- 247 - Por isso, hoje em dia, o homem ainda está lá em cima com a mulher-urubu.
- 248 - Por isso, hoje em dia, o quati tem a pinta vermelha e amarela.
- 249 - Arara-vermelha: *kaninepiranḡ/kanine'ete* - *Ara macao* e *Arachloroptera*.
- 250 - Laranjeira-do-mato: *jatyta'yp* - *Nerodorea pubescens*.
- 251 - Caramujo-do-mato: *jatyta* - *Strophocelus* sp. Por isso, hoje em dia, o caramujo-do-mato gosta de laranja-do-mato.
- 252 - Por isso, hoje em dia, a gente morre e não volta mais.
- 253 - Flautinha de osso: *ja'wakaḡlja'warakaḡet*. É feita de osso de onça, jaguatirica (*miaraka'ja* - *Felis pardalis*), mutum-cavalo e outros animais. Criança não pode brincar com a flautinha de osso. É de uso apenas do pajé. É presa numa ponta por uma cordinha de tucum-do-mato para o pajé colocar ao pescoço. Kayabí diz que, quando um macaco da noite cai no chão, vira jaguatirica.
- 254 - Por isso, hoje em dia, a onça-pintada fica num galho de pau, por cima da água, só olhando a água.
- 255 - Arara-brava: *araraiwa* - Q. *Aiwa*: bravo. Lit.: arara brava. Kayabí diz que come gente.
- 256 - Por isso, hoje em dia, Kayabí não xinga jacaré, porque ele é bravo. Nunca jacaré esquece uma ofensa.
- 257 - Rio grande: *paranapap*.
- 258 - Aracua: *arakwā* - Cracídeo.
- 259 - Saracura-grande: *arakut* - *Aramides saracura*.
- 260 - Mão-de-gato: *akusikanafū* - *Conarus arianthus*.
- 261 - Quatipuru: *akusi'ija'wat/ypiat* - *Sciurus igniventris*.
- 262 - Onça: *ja'wara* (canto).
- 263 - Marido dela: *apina'ga* (canto).
- 264 - Nosso pai matou: *ajukako* (canto).
- 265 - Por isso, hoje em dia, quando o pica-pau-de-cabeça-amarela vê a gente, ele faz de longe: *tẽ... tẽ... tẽ...*, de ciúme. Também, quando a gente cria um pica-pau-de-cabeça-amarela, ele fura a cabaça ou cuia de chicha e bebe. Sai com a barriga cheia e vaza o restante da chicha.
- 266 - Por isso, hoje em dia, o jabuti chora e derrama lágrima, quando a gente mexe com ele.
- 267 - Antigamente, Kayabí não comia jabuti com medo do jabuti fazer feitiço.
- 268 - Tucura: *tukut* - *Schistocerca* sp.
- 269 - As águas começam a baixar no mês de abril.
- 270 - Por isso, hoje em dia, quando a tucura canta: *tre... tre... tre...*, o Kayabí fica sabendo que as águas estão baixando e que é tempo de peixe.

- 271 - Bem-te-vi: *jowyuu|jowyajuu|pĩtawāwĩ* - *Pitangus sulphuratus*.
- 272 - Cuia comprida: *ĩga'py|kwipep*. Serve para tirar caldo de peixe e outros líquidos da panela.
- 273 - Por isso, antigamente, quando uma mãe catava piolho em algum filho, ia contando esta história. Hoje em dia, Kayabí diz que o buraquinho da orelha-de-pau é a narina do piolho.
- 274 - Criança-d'água: *kunuminam|ywy'ywy* - Q. A criança-d'água tem os pulsos e os dedos bem molinhos, como os de uma criança novinha. O cabelo é comprido. Há homem e mulher. As mãos são frias e iguais às mãos de jacaré. Quando a gente toca numa criança-d'água, a gente pega um choque e uma tremedeira. A criança-d'água chora e brinca na água como uma criança de verdade, fazendo: *ãi... ãi... ãi...* A criança-d'água não faz mal para ninguém, mas se alguém joga pedra nela, ela joga praga. Antigamente, Kayabí derrubava um pau com mel e ia furar o mel em cima de uma pinguela. Os filhotes da abelha caíam dentro da água e a criança-d'água vinha comê-los. A criança-d'água é a dona dos peixes e os peixes são os piolhos dela. Só o pajé conhece e fala com a criança-d'água, dizendo assim: "Solta o peixe, eu quero pegar". Depois que pegou, diz: "Agora eu não quero mais, pode guardar o resto".
- 275 - Por isso, hoje em dia, os pais precisam acompanhar as crianças.
- 276 - Por isso, hoje em dia, quando a gente flecha um macaco, ele corta a flecha.
- 277 - Inambuguaçu: *inamuũm* - *Crypturellus obsoletus*. Só velho podia comer o inambuguaçu. Se um novo comesse, pegava ataque, tremedeira e barriga-d'água. O inambuguaçu é pajé.
- 278 - Sombra: *ene'anã*.
- 279 - Panelão de *Janerup*: *itama'mak|itamimĩ* - M e Q.
- 280 - Barata: *arywerywe* - Ortóptero.
- 281 - Teiú: *tejuu* - Tupinambis tequixin.
- 282 - Por isso, hoje em dia, os animais que entraram no panelão, mudam de pele, ao seu tempo.
- 283 - Caxinguelê: *akusi'i* - *Sciurus pyrrhonotus*. Antigamente, o Kayabí usava o dente de caxinguelê na sangria para o sangue não ficar muito quente. Homem ou mulher podia fazer a sangria. Na hora, o paciente não podia comer amendoim, carne e castanha-do-pará.
- 284 - Coró-preto: *myewi*. O kayabí diz que, no tempo-da-chuva, o coró-preto cai na água e vira cascudo grande.
- 285 - Japuíra-grande: *jafuu* - Icterídeo. Quando uma japuíra-grande come um coró-preto, fica alegre.
- 286 - Menstruação: *ijemonu'a*. Por ocasião da primeira menstruação de uma moça-nova, o Kayabí a fazia ficar numa rede, durante umas cinco luas. Por todo esse tempo, não podia comer peixe, macaco, inambu, mangarito largo (*towouu*), cará-grande e cará-pequeno (*kara'ete*), mangarito branco (*namoa'a pasĩg*) e batata-doce. Não podia beber chicha de amendoim e castanha-do-pará. Podia comer bagre (*jania'yp* - Taquisurídeo e Pimelodídeo), milho-foto torrado (*kawipe*), mangarito de dedo limpo (*tamarasĩg*) e feijão-de-vara. Podia beber chicha de milho-foto. A moça-nova não podia rir, conversar e olhar para o sol. Se olhasse para o sol, ia ficar careca. Não podia assar nada diretamente na cinza, mas podia assar qualquer coisa num pausinho suspenso sobre a brasa. Não podia bater cipó-timbó, porque a água é fria. Não podia olhar para a japuíra-grande e nem para a pequena, se não ia ficar falando muito. Não podia olhar o urubu, se não ia vomitar e ficar careca, porque o urubu é careca. Não podia olhar para a lua, se não a lua ia tirar a moça-nova de casa. Podia tomar banho no rio, mas precisava primeiro tomar um banho em casa e o banho do rio tinha que ser muito rápido. Só podia se coçar com um pausinho. Se o fizesse com os dedos, ia virar um buraco no lugar da coceira. Não podia perder o pausinho de coçar, até que parasse o sangue catamenial. A moça-nova cobria a cabeça com uma tira de embira. Se alguma pessoa mentisse para a moça-nova, por exemplo, dizendo "ali vem uma canoa", a moça-nova não podia ligar. Durante o tempo da permanência na rede, a mãe da moça-nova dava tudo novo para a filha: pilão, abano, peneira, panela-de-barro, brinco e outras coisas. Se uma menina-moça não cuidasse de tudo aquilo, ia pegar reumatismo na velhice. No fim da permanência da menina-moça na rede, o grupo kayabí fazia uma festa. "Hoje em dia, estragou tudo", diz um informante. Um moço na puberdade ("quando falava grosso") passava também pelo processo de iniciação (*myao*). Tinha praticamente as mesmas restrições alimentares da menina-moça.

Quando deixava a rede, treinava com arco e flecha num boneco de inambu, para ficar um bom flechador.

- 287 - Por isso, antigamente, se uma criança olhasse para um xupé, a criança não vingava: crescia bonita até um bom tamanho, mas depois morria. A mãe nunca deixava a criança olhar para um xupé.
- 288 - Pé de fumo: *pytem'yip*.
- 289 - Semente de fumo: *pytema'a*.
- 290 - Antigamente, Kayabí usava o fumo para a pajelância. Quem não era pajé tinha medo de fumar, porque, se fumasse, criava um corozão no nariz e não havia mais jeito de tirar.
- 291 - Por isso, hoje em dia, o gavião-real tem muito piolho. Se uma menina não deixar catar piolho, Kayabí diz que ela vai virar um gavião-real.
- 292 - Assim mesmo faz o Kayabí.
- 293 - Pulseira de rabo de tatu: *tatuju'ã*.
- 294 - Enfeite de Joelho: *ywykwap/kujāmuku*. É feito de coco de tucum-do-mato e linha de algodão. Quando uma moça casava, não usava mais: passava para a irmã mais nova.
- 295 - Colar de dente de capivara: *kapiwarāi*.
- 296 - Paneiro: *yrua*.
- 297 - Por isso, hoje em dia, os jacamins vivem perto um do outro e sempre chorando: *ũ... ũ... ũ...*
- 298 - Formiga correição-vermelha: *tayporopipytaḡ* - Eciton, gen.
- 299 - Kayabí diz que, quando um ladrão passa perto de uma formiga correição-vermelha, ela morde o ladrão bem duro e apertado. Quando a pessoa não é ladrona, ela não morde. A formiga correição-vermelha não deixa outra chegar perto do filho dela, porque ela tem medo da outra matar o filho.
- 300 - Fermentação: *minu'u*. Somente as crianças podiam fazer a fermentação do fubá de milho-fofo com água.
- 301 - Espírito-bom: *kiaupewat*.
- 302 - Bicho-de-cesto: *yogyū* - Oiketicus kirbyi.
- 303 - Passarinho: *sirat* - Não identificamos.
- 304 - Kayabí diz que, quando este passarinho passa cantando por cima da gente, está indo olhar a sua armadilha.
- 305 - Inambu-carijó: *inamuaem* - Crypturus, gen.
- 306 - Periquito-de-bico-amarelo: *aru'a'i* - Psitacídeo. Por isso, hoje em dia, existe muito periquito-de-bico-amarelo.
- 307 - Mariposa: *pyrypyryuu* - Lepidóptero. Por isso, antigamente, quando uma moça se casava, a mãe dizia:
 - Olha, minha filha, se você for ciumenta, o seu marido vai botar o pé no fogo e espocar.
- 308 - Por isso, hoje em dia, quando um filho zanga com o pai ou com a mãe, o pai diz:
 - Cuidado, meu filho, se não você vai se queimar, igual àquele homem da história.
- 309 - Arco-íris: *je'yp*. A gente não pode mostrar o arco-íris com o dedo, se não o dedo dói.
- 310 - Por isso, antigamente, o Kayabí tinha medo do tucunaré e não comia, se não criava barriga-d'água.
- 311 - Saúva: *ya* - Atta sp.
- 312 - Por isso, hoje em dia, o pitu pica a gente com o dedo.
- 313 - Chicha de amendoim: *munuwiy*.
- 314 - Chicha de batata-doce: *jetygy*.
- 315 - Chicha de mangarito: *namo'ay*.
- 316 - Chicha de feijão-de-vara: *kumanāy*.
- 317 - Chicha de pimenta: *yky'yīy*.
- 318 - Rolinha: *pyku'i* - Columbia, gen.
- 319 - Paineira: *kwaramyneju* - Chorisia speciosa.
- 320 - Piraíva: *jan'isiḡ* - Brachyplatistoma mentosum. Kayabí diz que a fêmea piraíva cria cabelo e, por isso, tem medo dela. Quando a gente pesca ou espera a piraíva, ela assobia igual à assombração. No tempo-da-chuva, a piraíva gosta de pular e cair na água, brincando e procurando comida. Vai assim, até à meia noite.
- 321 - Gavião pega-pinto: *towoto* - Rupornis magnirostris.
- 322 - Por isso, hoje em dia, o gavião pega-pinto vive chorando de saudade do avô.

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO (Nicolau Cangerô, Kayabí)

1985. História: salto do rio dos Peixes, 4 pp. Cuiabá.

AZEVEDO, Carlos; MAMPRIM, Luigi

1966. Resgate de uma tribo. Realidade, pp. 37-54. Rio de Janeiro.

CARDOSO, Miguel Pedro Alves

1977. Totemismo caiabi (inédito). Biblioteca Museu Nacional, 9 pp.

CARDOSO, Miguel Pedro Alves

1978. Os Caiabi do Xingu (inédito). Biblioteca Museu Nacional, 31 pp.

GRÜNBERG, Friedl e Georg

1967. Die materielle Kultur der Kayabí-Indianer. Bearbeitung einer ethnographischen Sammlung. Archiv für Völkerkunde, Band 21, pp. 27-29. Wien.

GRÜNBERG, Georg

1970. Beiträge zur Ethnographie der Kayabi Zentralbrasilien. Archiv für Völkerkunde, Band 24, pp. 21-286. Wien. Tradução portuguesa de Eugênio Wenzel, com o título: "Contribuições para a Etnografia dos Kayabí do Brasil Central". A tradução do capítulo IX é do Pe. João Evangelista Dornstauder, s.j., com o título: "Crença e religião".

JOSÉ Kayabí

1975. Histórias kayabí. Bilíngue, 60 pp. Com assessoria de Summer Institute of Linguistics. Cuiabá.

LACAZ, Carlos da Silva et alii

1986. Doença de Jorge Lôbo, 92 pp. São Paulo.

LEA, Vanesa

1977. Jawaci: An interpretative case study of a Kayabi ceremony and social drama in Baixo Xingu. Trabalho apresentado no curso de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Mimeografado.

LEAL FERREIRA, Mariana Kawall

1992. Da origem dos homens à conquista da escrita. Um estudo sobre educação escolar e povos indígenas. Antropologia Social, USP. Mimeografado.

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de

1944. O problema de Civilização dos índios do Brasil. América Indígena, IV, nº 2, pp. 133-142, abril. México.

- MANOD-BECQUELIN, Aurore
1975. La pratique linguistique des indiens Trumai (Haut-Xingu, Mato Grosso, Brésil). Tome II, 219 pp. Paris.
- MELIÀ, Bartomeu, s.j.
1993. Os Caiabís não xinguanos, pp. 487-509. In Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu. Vera Penteadó Coelho (org.). 632 pp. Edusp - Fapesp. São Paulo.
- NIMUENDAJÚ, Curt
1963. The Cayabí, Tapanyuna, and Apiaca. Handbook of South American Indians, v. 3, pp. 307-309. New York.
- QUADROS, Vasconcelos
1985. A lenta espoliação do índio Kayabí. Fim de semana, 22 de março de 1985, nº 40, Ano I. Cuiabá.
- RIBEIRO, Darcy (Ed.)
1986. Suma etnológica brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Vol. 3: Arte Índia. Coordenação de Berta G. Ribeiro. Vozes/FINEP, 117 pp. Petrópolis.
- RIBEIRO, Berta G.
1979. Diário do Xingu. 262 pp. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- RIBEIRO, Berta G.
1986. Desenhos semânticos e identidade étnica: o caso kayabí. Suma Etnológica Brasileira, 3. Arte Índia, pp. 265-286. Petrópolis.
- SARDINHA, Idevar José
1985. Relatório. 26 pp. Mimeografado. Cuiabá.
- SCHMIDT, Max
1904. Nachrichten über die Kayabí-Indianer. Zeitschrift für Ethnologie 36: 466-468. Berlin.
- SCHMIDT, Max
1929. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto Grosso. September 1926 bis August 1928. Zeitschrift für Ethnologie 60: 85-124. Berlin. - Versão portuguesa no Boletim do Museu Nacional XIV-XVII, 1938-1941. Rio de Janeiro 1942, pp. 241-285.
- SCHMIDT, Max
1942. Los Kayabis en Matto-Grosso (Brasil). Revista de la Sociedad Científica del Paraguay 5 (6), pp. 1-34. Asunción.
- SILVA, Fernando Altenfelder
1993. O mundo mágico dos bacairis, pp. 349-373. In Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu. Vera Penteadó Coelho (org.). 632 pp. Edusp-Fapesp. São Paulo.
- SOUSA, Antonio Pyrineus
1916. Exploração do rio Paranatinga 1915-1916. Comissão de Linhas Telegráficas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas. Publicação nº 34, 114 pp. Rio de Janeiro.

STEINEN, Karl von den

1894. Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. 571 pp. Berlin. Tradução de Egon Schaden, 714 pp., 1940. São Paulo.

TRAVASSOS LINS, Elizabeth

1982. Música e xamanismo entre os Kayabí do parque do Xingu. 2 vols. 357 pp. Mimeografado. Rio de Janeiro. Idem: Revista de Antropologia, 27|28, pp. 128-138, 1984|85. São Paulo.

TRAVASSOS LINS, Elizabeth

1993. A tradição guerreira nas narrativas e nos cantos caiabis, pp. 447-484. In Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu. Vera Penteadó (org.). 632 pp. Edusp-Fapesp. São Paulo.

VILLAS BOAS, Cláudio e Orlando

1984. Xingu: os Kayabí do rio São Manoel. 116 pp. Kuarup. Porto Alegre.

WENZEL, Eugenio

1983. Relatório - Reserva indígena kayabí - Tatuí, 28 de março, 9 pp. Mimeografado. Tatuí.

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guarani em Osório (Rio Grande do Sul)** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 2, 1958, 1133-266.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** - Inácio Schmitz, S.J. - Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrazilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1960, Antropologia nº 6, 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** - Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella - Pesquisas 1960, Antropologia nº 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** - J. Hasler - Pesquisas 1960, Antropologia nº 9, 17 pp.
10. **Os Munkü, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** - José de Moura, S.J. - Pesquisas 1960, Antropologia nº 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrazilien** - Guilherme Tiburtius - Pesquisas 1961, Antropologia nº 11, 28 pp. 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1961, Antropologia nº 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** - Igor Chmyz - Pesquisas 1962, Antropologia nº 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1962, Antropologia nº 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** - Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1966, Antropologia nº 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros - Pesquisas 1967, Antropologia nº 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1967, Antropologia nº 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** - Pesquisas 1968, Antropologia nº 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 19, 30 pp. 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** - Pesquisas 1969, Antropologia nº 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** - Tom O. Miller, Jr. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1969, Antropologia nº 22, 37 pp., 1 mapa, 2 fig., 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte** - Pedro Ignácio Schmitz e outros - Pesquisas 1970, Antropologia nº 23, 54 pp. 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** - João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1971, Antropologia nº 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1973, Antropologia nº 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Irânxe** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1974, Antropologia nº 27, 84 pp.
28. **História dos Munkü (Irânxe)** - Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. - Pesquisas 1975, Antropologia nº 28, 40 pp.

29. **O Índios Kaingang no Rio Grande do Sul** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1976, Antropologia nº 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás** - Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa - Pesquisas 1979 - Antropologia nº 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins**. Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia nº 31, 249 pp.
32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** - Pedro Ignácio Schmitz - Pesquisas 1981, Antropologia nº 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil** - Pedro Ignácio Schmitz, Irmhild Wüst, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This - Pesquisas 1982, Antropologia nº 33, 281 pp.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul** - Pedro Ignácio Schmitz, José Proenza Brochado. Projeto Médio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama - Altair Sales Barbosa, Pedro Ignácio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda - Pesquisas 1982, Antropologia nº 34, 93 pp.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil** - Jussara Louzada Ferrari - Pesquisas 1983, Antropologia nº 35, 132 pp.
36. **O Pensamento Mítico dos Mambikwára** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1983, Antropologia nº 36, 144 pp.
37. **El Indio y la Colonización** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1984, Antropologia nº 37, 288 pp.
38. **Prehistoria del N.E. Argentino, sus Vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y sur de Brasil** - Maria Amanda Caggiano - Pesquisas 1984, Antropologia nº 38, 109 pp.
39. **O pensamento Mítico do Irãxe** - Adalberto Holanda Pereira, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 39, 167 pp.
40. **Craniometria Radiográfica em População Pré-Histórica Brasileira; Ecologia e Cultura Material; Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil - Alguns Comentários; Fase Itapiranga: Sítios da Tradição Planáltica; O Material Lítico do Sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camaquã, RS.** - Pe. João Alfredo Rohr, S.J. - Pesquisas 1985, Antropologia nº 40, 144 pp.
41. **O Pensamento Mítico do Paresi - Primeira Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1986, Antropologia, nº 41, 441 pp.
42. **O Pensamento Mítico do Paresi - Segunda Parte** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1987, Antropologia, nº 42, 398 pp.
43. **Paleogenética dos Grupos Pré-Históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)** - Walter Alves Neves - Pesquisas 1988, Antropologia nº 43, 178 pp.
44. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central. Serranópolis I** - Pedro Ignácio Schmitz, Altair Sales Barbosa, André Luiz Jacobus e Maira Barberi Ribeiro - Pesquisas 1989, Antropologia nº 44, 208 pp.
45. **O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um Assentamento Itararé e Tupiguarani** - Sérgio Baptista da Silva, Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Henrique Rogge, Marco Aurélio Nadal de Masi e André Luiz Jacobus - Pesquisas 1990, Antropologia nº 45, 210 pp.
46. **História da Arqueologia Brasileira** - Alfredo Mendonça de Souza - Pesquisas 1991, Antropologia nº 46, 157 pp.
47. **Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai** - Ítala Irene Basile Becker - Pesquisas 1992, Antropologia nº 47, 197 pp.
48. **O Sítio Arqueológico da Armação do Sul. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.** - Pedro Ignácio Schmitz, Marco Aurélio Nadal de Masi, Ivone Verardi, Rodrigo Lavina & André Luis Jacobus - Pesquisas 1993, Antropologia nº 48, 220 pp.
49. **Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.; O Sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma Aldeia da Tradição Ceramista Itararé** - Pedro Ignácio Schmitz, Ivone Verardi, Marco Aurélio Nadal de Masi, Jairo Henrique Rogge & André Luiz Jacobus - Pesquisas 1993, Antropologia nº 49, 181 pp.
50. **O Pensamento Mítico do Rikbaktsa** - Adalberto Holanda Pereira - Pesquisas 1994, Antropologia nº 50, 336 pp.